



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**MILENA DE CASTRO RIBEIRO**

**RÁDIO POSTE DA QUADRA: A PARTICIPAÇÃO DOS MORADORES E AS  
DISPUTAS SONORAS EM UMA COMUNIDADE EM FORTALEZA**

**FORTALEZA**

**2016**

MILENA DE CASTRO RIBEIRO

RÁDIO POSTE DA QUADRA: A PARTICIPAÇÃO DOS MORADORES E AS DISPUTAS  
SONORAS EM UMA COMUNIDADE EM FORTALEZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Comunicação. Área de concentração: Comunicação e Linguagens.

Orientador: Profa. Dra. Catarina Tereza Farias de Oliveira.

FORTALEZA

2016

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Biblioteca de Ciências Humanas

---

R37r Ribeiro, Milena de Castro.

Rádio Poste da Quadra : a participação dos moradores e as disputas sonoras em uma comunidade em Fortaleza / Milena de Castro Ribeiro. – 2016.

125 f. : il. color., enc. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Fortaleza, 2016.

Área de Concentração: Comunicação e linguagens.

Orientação: Profa. Dra. Catarina Tereza Farias de Oliveira.

1.Rádio comunitária – Aspectos sociais – São Vicente de Paulo(Fortaleza,CE). 2.Radiodifusão – Aspectos sociais – São Vicente de Paulo(Fortaleza,CE). 3.Moradores da cidade – São Vicente de Paulo(Fortaleza,CE). 4.Participação social – São Vicente de Paulo(Fortaleza,CE). 5.Poste Centro de Comunicação Alternativa(Rádio comunitária). I.Título.

CDD 302.2344098131

---

MILENA DE CASTRO RIBEIRO

RÁDIO POSTE DA QUADRA: A PARTICIPAÇÃO DOS MORADORES E AS DISPUTAS  
SONORAS EM UMA COMUNIDADE EM FORTALEZA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós  
Graduação em Comunicação da Universidade  
Federal do Ceará como requisito parcial à  
obtenção do título de Mestre em Comunicação.  
Área de concentração: Comunicação e  
Linguagens.

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Catarina Tereza Farias de Oliveira (Orientadora)  
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrea Meyer Landulpho Medrado  
Universidade Federal Fluminense (UFF)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Márcia Vidal Nunes  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Andrea Pinheiro Paiva Cavalcante  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Aos moradores do Conjunto Habitacional São  
Vicente de Paulo (Quadra).

## AGRADECIMENTOS

Ao Chico Cambista e Zequinha, por todo o apoio que me deram durante a pesquisa, pelas conversas, atenção dispensada.

Ao grupo do Jornal *Voz da Quadra*, pela constante colaboração com este estudo desde a concepção do projeto de mestrado, ao apoio nas entrevistas, companhia e amizade de sempre.

Aos moradores da Quadra, pelo tempo concedido nas entrevistas, pela vontade de colaborar com a pesquisa e pelo acolhimento que me possibilitou participar de vários momentos importantes na comunidade.

À UFC, pelo apoio dado através das secretárias do mestrado, D. Regina e Lidiane, e dos professores, em especial Glória Diógenes e Júlia Miranda, pelas contribuições.

À Prof<sup>a</sup> Catarina, pela excelente orientação de campo, pela paciência, pelas reflexões, pelo carinho, pela nossa sintonia na pesquisa e na vida.

Aos professores participantes da banca examinadora, Márcia Vidal, Andrea Medrado e Andrea Pinheiro, pelo tempo disponível, pelas valiosas colaborações e sugestões. Márcia, em especial, pela excelente disciplina de Jornalismo Comunitário, responsável por me colocar dentro da Quadra. Andrea Medrado e Andrea Pinheiro, pelas pesquisas inspiradoras em rádios comunitárias, em Salvador e em Fortaleza.

Aos colegas da turma de mestrado, pelas terapias em grupo, encontros que aliviavam as tensões e divertiam a alma. Em especial agradeço à Linha Vip: Amanda, Ícaro, Leonardo, Thiago, Soraya e Liana.

Agradeço ainda aos colegas que me ajudaram desde as reflexões para o projeto de mestrado até o fim da pesquisa: Marcinha, Evilene e Robson Braga.

Aos amigos Karol, Giselle, Síría e Tiago, pelo apoio psicológico e troca de experiências durante as nossas pesquisas, mesmo de longe.

Aos meus amigos do Batista e aos familiares, que me tiravam da correria do mestrado e me levavam para viajar, conversar e viver um pouco mais.

Às colegas de trabalho Sílvia e Dorinha, pela revisão da pesquisa.

“Eu tenho a mão que aperreia  
Eu tenho o sol e areia  
Eu sou da América, sul da América  
South America  
Eu sou a nata do lixo, eu sou o luxo da aldeia  
Eu sou do Ceará

Aldeia, Aldeota  
Estou batendo na porta pra lhe aperriá  
Prá lhe aperriá, prá lhe aperriá  
Eu sou a nata do lixo, eu sou o luxo da aldeia  
Eu sou do Ceará.” (Ednardo – música:  
“Terral”).

## RESUMO

Esta pesquisa se propõe a compreender as relações participativas e de convivência entre os moradores da comunidade São Vicente de Paulo (Quadra) e a rádio poste Centro de Comunicação Alternativa, localizada no bairro Aldeota, em Fortaleza (Ceará). A partir da pesquisa participante (Brandão, 1984; 2006) como metodologia, foi possível investigar a história de criação da rádio poste, refletir sobre as diversas formas de participação (Bordenave, 1983) de dois grupos de moradores da Quadra, jovens católicos e mulheres evangélicas, e compreender a relação deles com a rádio dentro da convivência com as paisagens sonoras (Schafer, 2011) da comunidade. Entre as considerações finais, foi possível entender que a participação de jovens e mulheres religiosos na rádio deu-se através da mobilização dos próprios grupos religiosos. Por fim, o campo ainda proporcionou momentos interventivos, durante o aniversário do programa “Recordar é Viver” e participação no projeto de reforma da rádio. Este percurso de pesquisa também me fez perceber que a intervenção esteve presente desde minhas primeiras aproximações com a Quadra. Porém, antes, pesquisa e intervenção pareciam se distanciar. Agora, concluo que as metodologias participativas unem esses processos.

**Palavras-chave:** Rádio poste. Pesquisa participante. Paisagens sonoras. Cultura oral. Participação.

## ABSTRACT

This research aims to understand the participatory coexistence and relations between the residents of São Vicente de Paulo community (Quadra) and the radio post Centro de Comunicação Alternativa, located in Aldeota district, in Fortaleza (Ceará). From the participatory research (Brandão, 1984; 2006) as a methodology, it was possible to investigate the history of creation of the post radio, consider about the various forms of participation (Bordenave, 1983) of two groups of residents of Quadra, young Catholics and evangelical women, and understand their relationship within the radio in the living with soundscapes (Schafer, 2011) community. Among the final comments, it was possible to understand that the participation of young women and religious radio was given by mobilizing of their own religious groups. Finally, the course of this research also provided interventional times during the anniversary of the program "Remembering is living" and participation in the radio reform. This search path also made me realize that the intervention has been present since my first contact with Quadra's community. However at first, research and intervention seemed to be distance. I concluded that the participatory methodologies unite these processes.

**Keywords:** Radio post. Participatory research. Soundscapes. Oral culture. Participation.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Localização da Quadra no bairro Aldeota .....	22
Figura 2	– Ruas da Quadra no bairro Aldeota .....	23
Figura 3	– Mesa de som e amplificadores no início da Rádio GAC .....	33
Figura 4	– Mesa de som e amplificadores em 2015 .....	33
Figura 5	– Ruas estreitas da Quadra .....	43
Figura 6	– Caixas de som construídas com zinco por Zequinha .....	50
Figura 7	– Grupo de Apoio Comunitário, formado por Zequinha, José Alberto Alves e Normando Rodrigues .....	56
Figura 8	– Atividade do grupo Unijocc com crianças na Quadra .....	70
Figura 9	– Mayara apresenta o programa evangélico .....	86
Figura 10	– Sr. Chico Cambista na entrada do estúdio da rádio .....	97
Figura 11	– Arte produzida para o convite e blusa do evento .....	107
Figura 12	– Festa de comemoração do programa “Recordar é Viver” .....	108
Figura 13	– Projeto de reforma da rádio divulgado nas redes sociais .....	113
Figura 14	– Reforma da rádio iniciada em janeiro de 2016 .....	114

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALAIC	Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação
ALER	Associação Latino-Americana de Educação Radiofônica
CD	Compact Disc
Cufa	Central Única das Favelas
DVD	Disco Digital Versátil
FIC	Faculdade Integrada do Estado do Ceará
GAC	Grupo de Apoio Comunitário
Intercom	Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
IPTU	Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana
JMV	Juventude Mariana Vicentina
MP3	<i>MPEG-1/2 Audio Layer 3</i>
Parc	Programa de Assessoria Técnica e Sociocultural às Rádios Comunitárias do Ceará
UECE	Universidade Estadual do Ceará
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFF	Universidade Federal Fluminense
ULEPICC	União Latina de Economia Política da Informação, Comunicação e da Cultura
Unijocc	União de Jovens com Cristo

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO: Quadra, meu desejo de pesquisa</b> .....	14
2	<b>PESQUISA PARTICIPANTE: a comunidade, a rádio poste e o pesquisador</b> .....	21
2.1	<b>Entrada em campo: caminhando pela Quadra</b> .....	21
2.2	<b>Metodologia participativa</b> .....	27
2.3	<b>A aproximação com a rádio</b> .....	29
3	<b>CULTURA ORAL: as paisagens sonoras da Quadra</b> .....	40
3.1	<b>Competição sonora na Quadra</b> .....	42
3.2	<b>A criação da rádio poste</b> .....	49
3.2.1	<i>Os programas da rádio</i> .....	58
4	<b>PARTICIPAÇÃO: os ouvintes e os grupos religiosos</b> .....	62
4.1	<b>Participação na produção da rádio: os jovens católicos do grupo Unijocc</b> ..	69
4.1.1	<i>A aproximação com os jovens</i> .....	69
4.1.2	<i>A rádio e os jovens: existe uma convivência?</i> .....	72
4.1.3	<i>Vem e anunciai: o programa católico</i> .....	76
4.2	<b>Participação: os evangélicos e a rádio</b> .....	79
4.2.1	<i>Aproximação com os evangélicos</i> .....	79
4.2.2	<i>Tarde de bênçãos: a rádio e os evangélicos</i> .....	79
4.2.3	<i>A disputa pelos corações</i> .....	84
5.	<b>INTERVENÇÕES: quando o campo pede mais</b> .....	90
5.1	<b>Uma comunidade em disputa</b> .....	92
5.2	<b>Sr. Chico Cambista e o programa “Recordar é viver”</b> .....	95
5.3	<b>Aniversário do programa “Recordar é Viver”</b> .....	101
5.4	<b>Mudanças na rádio: perspectivas de um futuro</b> .....	110
5.4.1	<i>Proposta de oficinas: a pesquisa acaba, mas as intervenções continuam</i> .....	112
6	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	117
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	120
	<b>ANEXO – ROTEIRO DA APRESENTAÇÃO DO ANIVERSÁRIO</b> .....	123



## 1 INTRODUÇÃO: Quadra, meu desejo de pesquisa

Há 10 anos, precisamente em abril de 2005, iniciei a aproximação com o Conjunto Habitacional São Vicente de Paulo, comunidade conhecida como Quadra<sup>1</sup>. Esse relato é narrado na introdução da minha monografia de conclusão de curso<sup>2</sup>. Explico que desde quando me mudei para o condomínio Buena Vista, que fica a um quarteirão da comunidade, por volta de 1993, passei a ter a Quadra como vista da minha janela. Hoje, em 2015, já posso falar sobre os quase 10 anos de convivência com a comunidade. Uma relação de afeto que guia minhas escolhas de pesquisas. Não é um vínculo de uma vida inteira, como é o caso do nosso querido professor de Jornalismo Ronaldo Salgado<sup>3</sup>, responsável por me recomendar a pessoas da comunidade. Mas, hoje, posso dizer que conheço a Quadra pelo olhar dos amigos que fiz lá, entre eles, a Alexandrina<sup>4</sup>, que me abriu as portas da comunidade e foi responsável por reunir um grupo de jovens que iniciou o jornal comunitário *Voz da Quadra*. Grupo este que hoje não participa mais do jornal – que teve sua última edição em 2010 –, mas faz parte da minha vida. E assim, a Quadra deixou de ser um lugar que despertou minha curiosidade quando a observava apenas pela janela, e se transformou em cenário de um projeto de comunicação comunitária, objeto de um trabalho de conclusão de curso, e hoje é minha motivação para eu continuar pesquisando no mestrado, além de ter sido fundamental para minha formação pessoal e profissional.

No início de 2005, durante a disciplina de comunicação comunitária ministrada pela professora Márcia Vidal Nunes, fomos desafiados a realizar um projeto de comunicação em alguma comunidade. Eu, já consciente da realidade que vivíamos e curiosa por entender aquela comunidade que estava na minha paisagem, decidi me aproximar e escolhi aquele lugar para desenvolver o projeto. A ajuda do professor de jornalismo Ronaldo Salgado,

---

<sup>1</sup> O Conjunto Habitacional São Vicente de Paulo é também conhecido como “Quadra” e está delimitado pela Avenida Virgílio Távora e as ruas Beni Carvalho, General Tertuliano Potiguara e Vicente Leite, em Fortaleza. É conhecido como “Quadra” por fazer parte de um grande quadrado, formado por dois grandes quarteirões. Muitas vezes é associado ao nome “Santa Cecília”, por estar localizado ao lado do Colégio Santa Cecília. De acordo com o Censo de 2000, residem nessa comunidade mais de 600 famílias, ocupando 444 casas. Atualmente, apesar da imprecisão dos dados, é estimada a presença de mais de 4.000 moradores.

<sup>2</sup> RIBEIRO, Milena de Castro. O luxo da aldeia: a comunidade da Quadra sob o olhar jovem. Fortaleza, 2007. Monografia apresentada no Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Ceará – UFC. 96p.

<sup>3</sup> Ronaldo Salgado é professor titular da Universidade Federal do Ceará. Morador do entorno da Quadra há mais de 40 anos e frequentador assíduo do lugar.

<sup>4</sup> Alexandrina (27 anos) foi a primeira pessoa que aceitou participar das oficinas de comunicação comunitária que iniciei no 4º semestre da graduação na UFC. Formamos, assim, o grupo que iniciaria aquela oficina e permaneceria no jornal por mais de seis anos e, até hoje, como amigos. Participavam do jornal cerca de 10 jovens da Quadra, com idades entre 13 e 49 anos, entre eles: Raquel, Ranniery, Érika, Lidu, Roberto e Alexandrina. O grupo do jornal permaneceu na ativa entre 2005 e 2011.

morador do entorno e grande entusiasta da Quadra, facilitou minha vida, pois ele intermediou o meu acesso falando com o líder comunitário da época, Antônio Piçarra. Naquela altura, já sabia que a Quadra possuía uma rádio, então me interessei logo. Foi bastante oportuno para mim, já que antes de entrar na faculdade era muito empolgada com a ideia de trabalhar com rádio, o que se concretizaria posteriormente com as experiências na Rádio Universitária FM 107,9 e em um projeto de web-rádio na ONG Catavento Comunicação e Educação<sup>5</sup>.

Relembrando minha monografia, defendida em 2007, vejo que o primeiro contato, apesar de toda a recomendação do professor Ronaldo, não foi tão amistoso. Fomos à casa do líder comunitário, que nos levou até a rádio. Lá, conhecemos um radialista que estava apresentando um programa e escutamos suas queixas. Ele nos contou que muitos estudantes iam para lá fazer pesquisas, mas que em nada ajudavam a comunidade. Não davam retorno, nem o trabalho concluído após a pesquisa eles entregavam. Não nos sentimos bem-vindas na comunidade e, inicialmente, o que poderia parecer exploração por parte daquele homem que nos exigia ajuda com os equipamentos da rádio, hoje, é interpretado por mim como uma exigência que eu mesma faço ao realizar pesquisas: precisamos dar um retorno às pessoas envolvidas em nossas pesquisas. E talvez isso explique minha vontade de aceitar o desafio de realizar no mestrado uma pesquisa com uma metodologia participativa e minha preocupação em sempre deixar algo naquele lugar que estou pesquisando, através de utilização de metodologias que têm como pressuposto a interação com as pessoas e o local de estudo.

Fomos encaminhadas para falar com a Alexandrina, na época com 17 anos, moradora da Rua Beni Carvalho. A princípio, soubemos que ela fazia parte de um grupo, mas não sabíamos do que realmente se tratava. Desde o início, ela se mostrou bem interessada e nos colocou à disposição para chamar outras pessoas. E foi assim que as oficinas do jornal começaram e o trabalho com a rádio foi deixado para um outro momento. Toda semana ía à casa de cada um para chamar para as oficinas, até que eles se empolgaram e “arregaçaram as mangas” para publicar o jornal. Fomos de porta em porta dos comércios ao redor da comunidade a fim de conseguir dinheiro para a impressão do jornal. Assim, a primeira edição foi publicada no dia 18 de junho de 2005 e outras 29 edições saíram até 2010.

Seis anos de jornal e encontros, até que a rotina de universitários, trabalhadores e adolescentes que viraram jovens, foi deixando as edições do jornal sem uma frequência definida, até não sair mais. O grupo não queria deixar de se manter unido, então a reunião de

---

<sup>5</sup> Fui bolsista do programa de rádio diário *Jornal da Educação*, da Universitária FM 107,9, de 2006 a 2007. Já na ONG Catavento Comunicação e Educação, fiz parte do projeto Pontão de Cultura Rede Boca no Trombone, que desenvolvia o programa de web-rádio “Ondas da Cultura”, distribuído pelas rádios de municípios do semiárido nordestino, entre 2008 e 2010.

pauta do jornal acabou se transformando em encontros de amizade. Recebemos mais dois apoiadores nesse caminho, uma jornalista, Beatriz Gurgel, e um publicitário e mestre em Filosofia, Mateus Gonçalves. Houve ainda uma tentativa de transferir o jornal do papel para a Internet, em 2011, mas o portal não chegou a ser lançado. E, hoje, os encontros são motivados por aniversários, comemorações, eventos na comunidade etc.

No segundo ano do jornal, em 2007, na época ainda com uma boa frequência, chegou o momento de fazer o trabalho de conclusão de curso, foi quando iniciei minha experiência como pesquisadora na Quadra. Tudo me encaminhava a realizar a pesquisa de monografia na própria comunidade, mas, ao mesmo tempo, a grande aproximação me deu receio de não conseguir fazer um trabalho isento e crítico. Após alguns meses de reflexão, apesar da orientação de professores de que não haveria problema em pesquisar o próprio jornal, eu considerei que, por ter iniciado o projeto com o grupo, não conseguiria ser crítica em um processo que me exigiria isso. Decidi então pesquisar a Quadra, mas não necessariamente o jornal.

Na pesquisa de monografia, com ajuda da minha orientadora, Prof<sup>a</sup> Inês Vitorino, questionei como os jovens da Quadra enxergavam a própria comunidade, como esses jovens de uma comunidade pobre viam seu bairro retratado nas notícias de jornais ou televisão e se eles se identificavam com o noticiário sobre sua comunidade. Dentro do contexto de produção do jornal *Voz da Quadra*, queria saber em que medida a leitura do periódico comunitário trazia uma nova visão da comunidade para esses jovens. A pesquisa tinha por objetivo geral investigar o significado que jovens que moram na Quadra tinham da sua comunidade e como a mídia e o jornal comunitário colaboravam para a formação da representação dessa comunidade.

Hoje, avalio que sim, poderia ter feito um trabalho muito rico sobre a experiência do jornal comunitário e que teria sido interessante relatar a vivência daquele processo. Outra estudante, Thatiany do Nascimento Pereira, da Faculdade Integrada do Ceará (FIC), se interessou em pesquisar o assunto e produziu uma monografia sobre a experiência<sup>6</sup>. Talvez hoje eu conseguisse realizar essa pesquisa, por entender que a aproximação não prejudica o estudo e que não existe afastamento do pesquisador com o objeto.

Depois que fui apresentada a métodos e técnicas que defendem essa proximidade, como a observação participante, etnografia, pesquisa-intervenção, cartografia, vejo que é

---

<sup>6</sup> PEREIRA, Thatiany do Nascimento. “Voz da Quadra”: análise de como o jornal comunitário do conjunto habitacional São Vicente de Paulo colabora para a democratização da comunicação. Fortaleza, 2010. Monografia apresentada no Curso de Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo, da Faculdade Integrada do Ceará – FIC. 139p.

possível. Entre 2010 e 2011, cursei especialização em Teorias da Comunicação e da Imagem na UFC, quando pude amadurecer as ideias do meu projeto de pesquisa e a metodologia a ser utilizada, e pude entender que, enfim, poderia considerar essa relação de afeto com a Quadra, minha “paixão-pesquisa”.

Durante esses anos de convivência, e alguns períodos de afastamento, produzi alguns artigos e me envolvi em alguns projetos na Quadra, como uma pesquisa demográfica e social realizada por um grupo de pesquisa do Curso de Ciências Sociais da UECE. Após a monografia, em 2007, apresentei a experiência do jornal comunitário, o resultado da pesquisa da monografia e desenvolvi artigos sobre a comunidade da Quadra e a relação com o outro através da mídia, em edições do Congresso de Ciências da Comunicação do Intercom<sup>7</sup>.

Em 2012, finalmente comecei a me aproximar da rádio comunitária, junto com outras colegas jornalistas: Sírnia Mapurunga e Ana Karolina Assunção. A primeira ideia foi nos reunirmos com a diretoria da Associação de Moradores e da rádio comunitária para estimular a participação deles em um edital de arte da Prefeitura de Fortaleza que contemplava mídias comunitárias. Após reuniões, a inscrição foi realizada, nosso papel seria a escrita do projeto, que foi aprovado pela Prefeitura. O prêmio seria o pagamento de R\$10 mil, dinheiro que seria todo utilizado na reforma da rádio e aquisição de equipamentos. Estávamos fazendo aquilo que o radialista que nos recebeu pela primeira vez na rádio pediu. Infelizmente, o dinheiro não chegou em decorrência de questões burocráticas, pois havia alguma documentação pendente por parte da Associação de Moradores e por ter coincidido também com o período de mudança de gestão na Prefeitura. Esse projeto me aproximou dos realizadores da rádio, a exemplo de Francisco Gerardo da Silva, conhecido como Sr. Chico Cambista, e José Aguiar Viana Filho, chamado de Zequinha, que participaram das reuniões para concretização do projeto que concorreu ao edital.

Paralelo ao projeto, relatamos estudo de caso sobre a Rádio Centro de Comunicação Alternativa, no XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste (Recife/PE), em 2012, quando pude entender o funcionamento da rádio<sup>8</sup>. Em 2013, em artigo sobre a rádio comunitária e eleição apresentado no Congresso Internacional VIII

---

<sup>7</sup> “A nata do lixo: a comunidade da Quadra e a relação com o outro através da mídia”, apresentado no XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste (2011). Disponível em: <http://intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2011/resumos/R28-0417-1.pdf>. E “A comunidade da Quadra retratada pela grande mídia sob o olhar crítico dos jovens moradores do local”, apresentado no XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (2011). Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2855-1.pdf>. Acesso em: 06/03/2016.

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-1493-2.pdf>. Acesso em: 06/03/2016.

ULEPICC (Buenos Aires)<sup>9</sup>, ampliei as discussões sobre a contribuição da rádio para o processo eleitoral da associação de moradores. Naquele ano, continuei minha aproximação e concluí o projeto de mestrado que foi aprovado na seleção para o Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFC. Ainda em 2013, em julho, havia sido convocada para assumir o cargo de jornalista na mesma instituição, após aprovação em concurso público.

Em 2014, já no mestrado, apresentei o artigo Rádio GAC: uma análise da participação dos moradores da Quadra no processo de criação da rádio poste, no XII Congresso da Associação Latino-Americana de Investigadores da Comunicação (Alaic 2014)<sup>10</sup>, realizado em Lima (Peru), em agosto. Naquele momento, tive contato com os criadores da rádio GAC e pude entender sua origem. O início da pesquisa de campo me colocou cada dia mais em contato com a rádio e os moradores, foco da questão a ser trabalhada na pesquisa de mestrado, definido com apoio de minha professora orientadora Catarina Oliveira, grande incentivadora de pesquisa de campo e responsável por me apresentar a ideia de realizar um estudo com uma metodologia mais interventiva e participativa. Metodologia essa que depois foi sendo desenhada pelo campo e foi definida como pesquisa participante, assunto que será tratado no segundo capítulo desta dissertação, com suporte teórico de Carlos Rodrigues Brandão (1984, 2006), entre outros autores.

Além disso, a disciplina que fiz no primeiro semestre do mestrado, Sociologia Urbana, com a antropóloga Glória Diógenes, também foi decisiva para a definição do que queria com essa pesquisa. Em uma das aulas, ao relatar sua pesquisa sobre a arte urbana em Lisboa<sup>11</sup>, a professora explicou que não tinha definido a metodologia antes de entrar em campo. “Uma metodologia construída a partir do que encontrava” em um campo que não se apresentava como delimitação, explicou. Esse relato foi importante para eu entender que a metodologia iria se mostrar para mim pelo próprio campo, enquanto eu estava fazendo a pesquisa. E foi assim que comecei, aos poucos, sem saber ainda aonde iria parar, percurso também narrado no capítulo seguinte.

---

<sup>9</sup> Pesquisa realizada entre março e julho de 2013 de autoria desta pesquisadora e de Ana Karolina Cavalcante Assunção (mestre em Mídia e Cotidiano pela Universidade Federal Fluminense-UFF), cujo artigo foi apresentado no congresso internacional VIII ULEPICC, realizado de 10 a 12 de julho de 2013, na Universidade Nacional de Quilmes (Argentina). O objetivo era analisar o papel da rádio comunitária Centro de Comunicação Alternativa durante o período eleitoral para a Associação Comunitária da Quadra. Disponível em: <http://ulepicc.com/wp-content/uploads/VIII-Congreso-ULEPICC-Libro-de-Actas-QUILMES-Argentina.pdf>. Acesso em: 06/03/2016.

<sup>10</sup> Disponível em: <http://congreso.pucp.edu.pe/alaic2014/wp-content/uploads/2013/09/GT8-Milena-de-Castro-Ribeiro.pdf>. Acesso em: 06/03/2016.

<sup>11</sup> Ver mais sobre a pesquisa no blog: [www.antropologizzando.blogspot.pt](http://www.antropologizzando.blogspot.pt).

Em seu texto sobre a etnografia nas ruas de Lisboa, Glória Diógenes concorda com a afirmação de Agier (2011, p. 37) de que o campo é “construído pelas relações que se pode ter” (DIÓGENES, 2015, p. 44). E que “a pesquisa é feita de encontros, conexões, simpatias”. E foi nesse processo de trocas mútuas e paciência em campo que a questão dessa pesquisa de mestrado foi se mostrando. No terceiro capítulo, em que discuti a cultura oral, preocupei-me em narrar a história da rádio através do que foi contado pelos moradores responsáveis por sua criação.

À medida que percebo que há uma participação dos moradores na rádio, mesmo que pequena, passo a analisar essa presença e a relação do veículo com a comunidade. Surgem as questões sobre a competição sonora no local: o que quer o morador que liga o som da casa em um volume alto no momento do programa da rádio? Ou o jovem que coloca os fones nos ouvidos e sai caminhando pela comunidade sem ouvir a rádio? Um som que briga com o outro, criando uma arena acústica. Nesse momento é abordada a questão das *paisagens sonoras* (SCHAFER, 1994; MEDRADO, 2013) de uma rádio poste que convive com as peculiaridades de ser de rua e possibilitar uma experiência de escuta coletiva, evidenciando aí os conflitos culturais existentes na comunidade e a forte presença da cultura oral.

Em alguns momentos, a rádio é percebida e a presença dos moradores se faz ao solicitarem o uso dela para divulgar eventos, rifas, bingos. Eles vão inclusive à própria rádio para pedir a divulgação. O campo vai me sugerindo também a categoria de “participação”, quando verifiquei a presença na rádio de alguns grupos da comunidade, como o grupo de jovens católicos e outro formado por mulheres evangélicas. A relação desses grupos com a rádio é narrada no quarto capítulo.

Em um próximo momento em campo, passei a acompanhar um processo novo na Quadra, com a chegada de uma empresária<sup>12</sup> que havia comprado um terreno em frente à comunidade e estava disposta a apoiar os projetos do local. A partir daí, verifico que surge uma disputa por parte de diversos grupos da comunidade e torna-se imprescindível investigar qual o interesse sobre a rádio que é gerado nessa situação, tanto por parte da empresária como pelos próprios moradores.

Relato no quinto capítulo a chegada da empresária e a instalação da situação de disputa na comunidade, através do acompanhamento das reuniões e discussões. O campo que me foi responsável para indicar os objetivos da pesquisa, como também para colocar em situações de intervenção, quando me vi representando a rádio em reuniões e ajudando na

---

<sup>12</sup> Opto por não identificar o nome da empresária, pois não obtive autorização e não avaliei como necessário.

elaboração do projeto a ser apresentando à empresária. E, em um último momento, fui chamada a ajudar na organização do evento de comemoração dos 20 anos do programa “Recordar é Viver”. As reflexões sobre essas experiências interventivas serão foco também do quinto capítulo que encerra a pesquisa.

Espero que, através dessa conexão com a Quadra e com as relações de afeto que têm sido estabelecidas, possa ter entendido o que o campo quer de mim e que, ao final, tenha concluído uma pesquisa cheia de realidade, que de concreto não fique apenas o material impresso, mas a experiência de acontecimentos vividos por eles e por mim.

Diante das reflexões apresentadas, a pesquisa tem como objetivo geral: compreender a participação dos moradores do Conjunto Habitacional São Vicente de Paulo, percebendo seus conflitos e disputas, na rádio poste Centro de Comunicação Alternativa. Os objetivos específicos são: a) compreender como acontecem as disputas sonoras nos espaços da comunidade; b) investigar as diversas formas de participação vivenciadas por moradores da Quadra na rádio poste e; c) analisar a participação da rádio no contexto de conflito na comunidade.

## **2 PESQUISA PARTICIPANTE: a comunidade, a rádio e o pesquisador**

Não é necessário que o pesquisador se faça operário ou como ele, para conhecê-lo. É necessário que o cientista e sua ciência sejam, primeiro, um momento de compromisso e participação com o trabalho histórico e os projetos de luta do **outro**, a quem, mais do que conhecer para explicar, a pesquisa pretende compreender para servir (BRANDÃO, 1984, p. 12, grifo do autor).

### **2.1 Entrada em campo: caminhando pela Quadra**

Na minha primeira ida à Quadra para iniciar a pesquisa de mestrado, optei por chegar na hora do programa de rádio do Sr. Chico Cambista, no domingo, dia 25 de maio de 2014, às 9h30min. Dessa vez, segui andando pelas ruas, sem ir direto à sede da rádio Centro de Comunicação Alternativa. A ideia era escutar o programa enquanto caminhava pelas ruas e observar o que acontecia ao redor das caixas de som localizadas no alto dos postes, na tentativa de ler o “texto urbano” escrito por aquelas pessoas, praticantes ordinários da cidade, “caminhantes, pedestres, cujo corpo obedece aos cheios e vazios de um ‘texto’ urbano que escrevem sem poder lê-lo.” (CERTEAU, 2000, p. 171, grifo do autor).

Essa maneira de ir a campo surgiu por acaso e tornou-se uma constante nos outros dias que fui à Quadra pesquisar, diferente das vezes em que me dirigia diretamente às pessoas para entrevistá-las, a exemplo da pesquisa sobre as eleições para associação no ano de 2013. “A história começa ao rés do chão, com passos”, e o ato de caminhar é um espaço de enunciação que gera a apropriação pelo pedestre. Uma realização espacial do lugar que implica relações (CERTEAU, 2000, p. 176-177).

E minha reaproximação com a Quadra dessa vez se fez com o caminhar. Se antes, o que me aproximou foi a relação que construí com o grupo que participou da oficina de comunicação e fazia o jornal – que depois percebi serem bem diferentes da maioria dos outros moradores –, agora, eu estava buscando um contato com a comunidade e a rádio comunitária. No início, pareceu estranho estar andando ali sem a companhia dos amigos do jornal, porque eles sempre fizeram questão de me acompanhar em tudo, me deixavam inclusive na porta do meu condomínio, um dos muitos que circundam a Quadra.

Localizada em um bairro nobre da cidade de Fortaleza, chamado Aldeota, a comunidade tem uma história marcada por lutas e conquistas dos moradores que, mobilizados, conseguiram se organizar e obter melhorias de infraestrutura, como calçamento,

casas numeradas e saneamento básico<sup>13</sup>. Também faz parte da história da Quadra a organização de uma Associação de Moradores, uma rádio comunitária e jornais comunitários, entre eles *O Revolucionário*<sup>14</sup> e o *Voz da Quadra* este já apresentado na introdução desta pesquisa.

O bairro Aldeota, no final da década de 1980, passou a ser bastante visado pelas construtoras e ocupado por uma nova classe média que surgia à época (SILVA, 1992, p. 50). Assim, a região onde o conjunto está localizado é marcada por contrastes: o entorno da comunidade é constituído por ruas asfaltadas, prédios altos e comércios destinados a uma parcela da população com poder aquisitivo mais elevado; dentro da Quadra, porém, ruas estreitas e não asfaltadas, casas pequenas – muitas vezes construídas desordenadamente, habitadas por pessoas de baixa renda.

Figura 1 – Localização da Quadra no bairro Aldeota



Fonte: Milena Ribeiro (2007).

---

<sup>13</sup> De acordo com o censo de 2000 do IBGE, residem na comunidade cerca de 600 famílias.

<sup>14</sup> Produzida por um grupo de moradores da Quadra, a publicação integrava os Jornais Comunitários Associados, ligado ao grupo Comunicação e Cultura. A primeira edição é de fevereiro de 1996, com apoio do Ministério da Cultura. No editorial, entre os objetivos da publicação mensal estava o de “suscitar a discussão em torno dos problemas relativos à comunidade”. Em entrevistas realizadas durante a produção da monografia, escutei de um dos integrantes que o jornal foi financiado para a impressão de cerca de dez edições e parou. Já outro integrante afirmou que a publicação parou de circular bem antes da décima edição, pois por conta de uma matéria sobre uma situação de tortura, alguns membros do jornal sofreram perseguições por parte dos policiais e um membro do jornal foi preso.



A comunidade da Quadra vive atualmente em uma aparente tranquilidade que é interrompida pelas primeiras notícias de remoção que surgem. A Copa do Mundo de Futebol de 2014 foi o mais recente motivo para remover a comunidade vizinha, a do Trilho, que fica localizada às margens da Via Expressa. Ao mesmo tempo em que os mais de 50 anos de convivência parecem dar alguma garantia de permanência dos moradores no local, o aumento da circulação de drogas, quantidade de bocas de fumo, assaltos e brigas parece sempre dar motivos para os que querem novamente retirá-los dali.

Ao não se sentir parte do bairro, a comunidade fecha-se em uma convivência com os iguais. Iguais na necessidade de permanecer no local: isso une os moradores desde o início, e eles resistem e participam das questões que envolvem a comunidade de várias formas. Há dois anos, os moradores foram convocados pela Secretaria Executiva Regional II, órgão da Prefeitura Municipal de Fortaleza responsável pela área onde está localizada a comunidade, para fazer um cadastro. Muitos ficaram na expectativa de receber algum documento que garantisse a permanência em suas casas<sup>16</sup>, mas, até agora, o que eles ainda receberam foi a cobrança do Imposto sobre a Propriedade Predial e Territorial Urbana (IPTU) e muitos acreditam que o cadastramento foi apenas para isso. Ao mesmo tempo, eles reconhecem que ninguém se engajou na luta para conseguir o documento. Alguns alegam falta de tempo, outros, de interesse.

Todos esses anos circulando pela Quadra fizeram-me acostumar com o movimento e quantidade de pessoas e crianças nas ruas estreitas. Mas, agora estava eu entrando e andando sozinha por ali. O tempo e a frequência em campo – sempre exigida pela minha orientadora que chegou a me recomendar ir três vezes por semana à Quadra – me trouxeram um conforto e me fizeram reconhecer pessoas, ser reconhecida e me sentir mais apropriada pelo local, apesar das nossas diferenças, tornando “humanos e próximos os ‘objetos de pesquisa’”, como explica Brandão:

[..] só se conhece em profundidade alguma coisa da vida da sociedade ou da cultura, quando através de um envolvimento – em alguns casos, um comprometimento – pessoal entre o pesquisador e aquilo, ou aquele que ele investiga. Outra: não é propriamente um método objetivo de trabalho científico que determina *a priori* a qualidade da relação entre os polos da pesquisa, mas, ao contrário, com frequências é a intenção premeditada, ou a evidência realizada de uma relação pessoal e ou política estabelecida, ou a estabelecer, que sugere a escolha de modos concretos de

---

<sup>16</sup> De acordo com relatos de moradores, o terreno da comunidade foi uma doação do Governo do Estado e as pessoas beneficiadas com as casas são os seus proprietários. Mas como muitos que nelas moram compraram de alguém, até hoje eles não têm o documento comprovando a posse. Escutei relatos de pessoas que alegam ter quitado o boleto de pagamento do material de construção, mas isso não garantiria a posse do imóvel. Pois, de acordo com moradores, ele é da pessoa que o recebeu na época da urbanização. Apesar de ter muitos idosos na Quadra, é relatado que poucos são os primeiros donos. Assim, não teriam o direito ao documento.

realização do trabalho de pensar a pesquisa. Uma última: em boa medida, a lógica, a técnica e a estratégia de uma pesquisa de campo dependem tanto de pressupostos teóricos quanto da maneira como o pesquisador se coloca *na* pesquisa e *através* dela e, a partir daí, constitui simbolicamente o *outro* que investiga (BRANDÃO, 1984, p. 8, grifo do autor).

Meu envolvimento com a Quadra já existia, oriundo dos quase 10 anos que estou em relação com pessoas de lá e frequento o local, o que me fez iniciar a pesquisa já comprometida e com a intenção de contribuir com aquelas pessoas. O fato de ser moradora do entorno e conviver com a realidade de exclusão daquele local também já me colocou em uma postura de envolvimento pessoal na pesquisa. Eu quero pesquisar, quero receber o título de mestre, mas antes de qualquer ganho acadêmico, minha intenção sempre foi dar um retorno à comunidade. E isso eu já havia conseguido em outros momentos, na época de realização do jornal comunitário e na produção do projeto para concorrer ao edital da prefeitura, relatados na introdução desta pesquisa. A participação e intervenção já estavam ocorrendo, como moradora do entorno; como estudante, tinha chegado o momento de intervir como pesquisadora.

Essa foi a maneira que me coloquei na pesquisa desde os primeiros momentos, sem ter a Quadra como um objeto, mas em busca de me relacionar com os *sujeitos*, vendo-os como capazes de “*transformar* o conhecimento e o mundo que os transformaram em objetos.” (BRANDÃO, 2006, p. 10-11, grifo do autor), como explica Brandão:

Dentro desta relação de interação, não há mais lugar para um pesquisador separado de seu objeto de pesquisa. O pesquisador é um homem ou uma mulher com uma inserção social determinada e com uma experiência de vida e de trabalho que condicionam sua visão do mundo, modelam o ponto de vista a partir do qual ele ou ela interagem com a realidade. E é esta visão do mundo, este ponto de vista que vai determinar a intencionalidade de seus atos, a natureza e a finalidade de sua pesquisa, a escolha dos instrumentos metodológicos a serem utilizados (BRANDÃO, 2006, p. 24).

Acredito, assim como escutei, em uma reveladora aula da professora Glória Diógenes, que o trabalho de campo pode criar uma energia, mobilizar e contaminar o campo. “Um aprendizado que se faz com a presença”, como ela explicou ao relatar sua pesquisa em movimento. Assim, iniciei lentamente as visitas. No segundo semestre de 2014, fui apenas cinco vezes à Quadra, de agosto a outubro, sobretudo para acompanhar os programas do Sr. Chico, aos domingos<sup>17</sup>, tudo registrado em diário de campo e com algumas gravações.

---

<sup>17</sup> Devido às aulas do mestrado que aconteciam na semana, durante todo o ano de 2014, e ao trabalho todas as manhãs, optei por visitar a Quadra aos domingos, durante o programa do Sr. Chico Cambista, momento que me atualizava sobre os acontecimentos na comunidade. Foram realizadas visitas nos dias 24 e 31 de agosto; 21 de setembro; 19 e 25 de outubro. Confesso que deveria ter ido mais vezes à comunidade na semana, mas consegui

Em 2015, minha presença foi intensificada e realizei 39 visitas registradas em diário de campo<sup>18</sup>, de fevereiro a agosto. Escolhi ir sempre às quintas-feiras e aos domingos, dias em que eram veiculados programas na rádio, o evangélico e o do Sr. Chico. O terceiro dia era escolhido de acordo com os acontecimentos da comunidade, sejam reuniões, eventos etc.

Muitas vezes, eu chegava a cumprimentar de duas a três pessoas só no caminho para a rádio. D. Raimunda, mãe da Raquel, uma das participantes do jornal comunitário da Quadra, chegou a reclamar a minha ausência, por volta de julho de 2014, quando levei minha orientadora para visitar o local. Já em abril de 2015, a mãe do Ranniery, outro participante do jornal, comentou comigo, na época das eleições da Associação – quando precisei ir diversas vezes à Quadra –, que iria comprar uma casa lá, ressaltando minha constante presença no local.

E foi esse campo, frequente e intenso, essencial para definir os meus objetivos, pois por muito tempo a grande questão da pesquisa ainda não estava definida. Inquietava-me muito o fato de não ter uma problematização sobre o que queria pesquisar e, durante as aulas no primeiro ano do mestrado, essa foi a minha busca constante. Professores e colegas de mestrado acompanharam minha luta e muitos compartilhavam da mesma angústia.

Hoje, entendo que cada pesquisa tem seu tempo, principalmente as empíricas, pois devemos ter paciência para entender o que o campo nos oferece e o que ele quer de nós. Porque a resposta estava lá na Quadra e não na minha cabeça ou em livros. Sim, eles inspiram, ajudam a refletir, como explicam Ezpeleta e Rockwell (1989) ao afirmar em que os conceitos teóricos não “surgem” dos dados empíricos, “mas que o processo de conhecimento de uma realidade concreta exige a elaboração conceitual e a precisão da relação entre os conceitos gerais e os fenômenos observáveis” (EZPELETA; ROCKWELL, 1989, p. 49).

E a resposta só veio quando percebi que, apesar de já conhecer a Quadra há muitos anos, eu de fato não percebia tudo. Talvez, essa tenha sido a minha maior dificuldade: entrar em um campo que não era novidade. Um campo já percorrido outras vezes, por alguns anos, mas que nunca foi completamente compreendido por mim. Só quando tive a humildade para perceber isso, com a experiência e a ajuda da minha orientadora, foi que me abri para o desconhecido e o processo de pesquisa e descoberta começou a fluir.

---

realizar isso no ano seguinte. No primeiro semestre de 2014, realizei visitas para elaboração de artigos, mas não foram registradas em diário de campo.

<sup>18</sup> As visitas foram realizadas nos dias 01 e 26 de fevereiro; 01, 5, 12, 14, 16, 17, 22, 25, 26 e 29 de março; 09, 12, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 23, 26 de abril; 03, 16, 17, 24, 26 e 31 de maio; 03, 07 e 14 de junho; 23, 26 e 30 de julho; 02, 13, 16 e 30 de agosto.

A tarefa de observação etnográfica não procede de um momento em que se “vê” a “totalidade” do outro, quando se definem “coisas” específicas para observar. Ao contrário, a seleção inconsciente é o primeiro obstáculo da observação, sendo necessário treinar para “enxergar” mais. Inicialmente, consegue-se isto mediante a abertura para os “detalhes” que ainda não se encaixam em nenhum esquema. Ou então, pela atenção aos indícios, que os sujeitos proporcionam e que indicam novas relações significativas. Estas “pistas” são recuperáveis e se tornam interpretáveis na medida em que o trabalho teórico paralelo as integre. O trabalho teórico fornece as categorias necessárias para tornar de novo observáveis os indícios preliminares e ampliar a visão (EZPELETA; ROCKWELL, 1989, p. 50).

## 2.2 Metodologia participativa

Enquanto o campo ainda começava a se revelar, a vontade de realizar uma pesquisa mais participativa já era minha certeza. Baseada no rompimento da díade sujeito-objeto, uma de suas características básicas, a pesquisa participante foi a opção metodológica escolhida desde as primeiras experiências na Quadra. Somadas às técnicas de entrevistas e observação participante, orientaram meus rumos com um não guiar, como apenas instrumentos que me auxiliam a enxergar um campo que se mostrava, no ritmo dele, sem pressa. Porque, afinal, estou acompanhando um processo, não apenas representando um objeto (PASSOS; BARROS, 2009, p. 32).

Para Brandão, as origens da pesquisa participante estão na “observação participante” criada pelo antropólogo Malinowski, que em diário de campo apresenta uma nova atitude a optar por um método em que iria conviver com os nativos; e em Marx, que introduz a participação na pesquisa, “na medida em que o pesquisador não serve a uma pura ciência, mas a um projeto político de transformação de uma sociedade” (SILVA e SILVA, 1986, p. 22).

A metodologia participativa tem como característica o uso de estratégias que visam incorporar os setores populares aos processos de produção e comunicação de conhecimentos, partindo dos problemas identificados por eles para realizar a análise crítica destes e a buscar as soluções adequadas (BRANDÃO, 1984, p. 52). Essa relação de participação da prática científica é o que desafia o pesquisador a ver e a compreender tais classes. E foi no contato com os moradores da Quadra que a pesquisa foi se delineando, entre uma conversa e outra, entre um programa e outro, como será relatado a seguir.

Apesar de características não convencionais da pesquisa participante, Demo (2004) ressalta que não se pode desprezar os rigores metodológicos, e acrescenta a isso o

compromisso com mudanças concretas. A Pesquisa Participante apresenta-se então como uma alternativa metodológica que tem como vantagem “trabalhar com a conjunção desafiadora de conhecimento e participação”, com o grande desafio de “saber pensar e intervir juntos” (DEMO, 2004, p. 129):

Assim, aludir que o método vai surgindo no decorrer da pesquisa significa, literalmente, não ter ideia do que é pesquisar. Estamos, na verdade, buscando alternativas metodológicas, não acabar com a metodologia. Planejamento sem plano não significa, concretamente, falta de planejamento, mas planejamento inconsequente (Bordenave/Carvalho, 1980). O que se chamou de “antimetodologia” (Feyerabend, 1977; Phillips, 1973) é no fundo metodologia, mesmo que seja pelo avesso (DEMO, 2004, p. 127).

A metodologia da pesquisa participante começou a se destacar na década de 1970, principalmente entre grupos latino-americanos, asiáticos e africanos. Na América Latina, a figura mais conhecida era Fals Borda. No Brasil, o patrono foi Paulo Freire e a metodologia obteve maior atenção na época da abertura democrática, pós-ditadura (DEMO, 2004, p. 10). Autor fundamental dessa discussão era também Gramsci (1972, 1978) e sua teoria do “intelectual orgânico”, agente que tinha a função não de pensar pela comunidade, mas motivá-la para que ela definisse seu destino.

Mas é fundamental não alimentar ilusões e otimismo excessivos sobre a qualidade e profundidade desta inserção do pesquisador numa realidade sócio-cultural que quase nunca é a sua. É, sem dúvida, necessário que o pesquisador não seja visto como um intruso, ou um corpo estranho, o que desperta, de imediato, a desconfiança e a reticência de gente que tem toda uma experiência penosa de ser manipulada de fora para dentro. O pesquisador deve esforçar-se para ir sendo, pouco a pouco, aceito pelo grupo. Mas ele precisa ser aceito como realmente é, ou seja, como alguém que vem de fora, que se dispõe a realizar, com o grupo, um estudo que pode lhe ser útil, mas que, num determinado momento, irá embora. Parece-nos ilusória a atitude, aparentemente radical, mas, no fundo, mistificadora, de pesquisadores que desejam desaparecer enquanto cientistas e se fundir totalmente na comunidade (BRANDÃO, 2006, p. 27).

No Brasil, registram-se, como pioneiras as preocupações com a educação, principalmente com Paulo Freire, no início da década de 1960, e o ressurgimento do interesse por processos participativos com o florescimento das Comunidades Eclesiais de Base, o fortalecimento do movimento sindical, o surgimento de novos partidos políticos de oposição e a eclosão dos movimentos sociais, a partir de 1978 (SILVA e SILVA, 1986, p. 23).

Brandão (1984) explica que, conceitual e metodologicamente, a pesquisa participante surge no início da década de 1980 com um “modo próprio de ver o relacionamento entre sujeito e objeto derivado da concepção específica de realidade social, não apenas fisicamente

dada, mas também construída na história”:

Desse modo, a pesquisa participante se situa entre as correntes das ciências sociais que rejeitam a chamada neutralidade científica e partem do princípio de que a investigação deve servir a determinados setores sociais, buscando uma resposta coerente que permita, por um lado, socializar o conhecimento e, por outro, democratizar os processos de investigação e educação. A pesquisa participante sustenta acertadamente que os métodos e técnicas convencionais tomam o grupo investigado como objeto de pesquisa e não como sujeito principal e que não existe uma separação indesejável entre a teoria e a prática, entre pesquisa social e ação concreta (BRANDÃO, 1984, p. 158).

Michel Thiollent (1994) é um dos autores que mais se preocuparam em explicitar as diferentes modalidades da pesquisa participativa, principalmente as diferenças entre a pesquisa participante e a pesquisa-ação. Segundo ele, ambas são alternativas às pesquisas convencionais, mas a pesquisa-ação é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação estão envolvidos de modo participativo.

A pesquisa participante é vista por esse autor como um tipo de pesquisa “baseado numa metodologia de observação participante na qual os pesquisadores estabelecem relações comunicativas com pessoas ou grupos da situação investigada com o intuito de serem melhor aceitos” (THIOLLENT, 1994, p. 14-15). O processo de pesquisa não pode se esgotar em produto acadêmico, mas deve representar benefícios diretos e imediatos à comunidade e ter alguma utilidade social.

Essa foi a minha intenção desde o início: experimentar e deixar um fruto da pesquisa. Não só um calhamaço de papéis em uma biblioteca, mas algo que ficasse naquele lugar, que eu me dediquei a pesquisar nesses anos de minha vida, e que eu leve comigo, não embora, porque pretendo continuar caminhando pela Quadra por muito tempo ainda.

### **2.3 A aproximação com a Rádio**

Lembro que quando fui escrever meu projeto de pesquisa para a seleção de mestrado<sup>19</sup>, trouxe muitas discussões sobre a falta de atitude dos moradores da Quadra. Na época, não entendia a pouca participação deles na rádio poste da comunidade e os motivos

---

<sup>19</sup> No projeto apresentado ao mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, explicitava a pretensão de investigar, através de um estudo de recepção com os moradores do Conjunto Habitacional São Vicente de Paulo, as várias mediações que permeavam a relação dos habitantes da comunidade com a rádio poste Centro de Comunicação Alternativa. Com as mudanças que ocorreram a partir da entrada em campo, foi decidido que não faria mais uma pesquisa com a metodologia da recepção.

pelos quais não se engajavam mais nas lutas da comunidade. Questionava esse silêncio e comparava a situação atual com a época em que os moradores resistiram e lutaram pela continuidade da comunidade.

Há 20 anos, grupos de moradores formaram rádio, jornais, na vontade de falar, de mostrar quem eles eram. Questionava então se o envolvimento com as causas comunitárias continuaria e como eles manifestavam suas inquietações. A grande questão seria investigar a participação dos moradores em tão importante veículo de comunicação presente na comunidade, a rádio poste.

Minha hipótese girava em torno da ideia de que eles não tinham mais esse “espírito de comunidade”, não se envolviam mais, apenas queriam ficar calados para que os moradores do entorno, na maioria classe média em um bairro com grande valorização imobiliária, não os percebessem ali.

Mas, em conversa com os jovens que conheci na época do jornal comunitário, entendi que aqueles moradores não eram exatamente passivos. E, através das primeiras visitas em campo, já fui capaz de perceber momentos de interação entre aquela comunidade e a rádio. Jacques Rancière (2010), propõe a igualdade das inteligências e questiona: por que assimilar escuta à passividade? Os termos passivo e ativo podem mudar de posição e sentido. A emancipação começa “quando se compreende que olhar é uma ação e ser espectador não é necessariamente uma condição passiva”. “O espectador também age, como o aluno ou o cientista. Observa, seleciona, compara, interpreta. Liga o que vê com muitas outras coisas que viu noutros gêneros de lugares” (RANCIÈRE, 2010, p. 22):

O poder comum aos espectadores não tem a ver com a respectiva qualidade de membros de um corpo coletivo ou com qualquer forma específica de interatividade. É antes o poder que cada um ou cada uma tem de traduzir à sua maneira o que percebe, de ligar o que percebe à aventura intelectual singular que os torna semelhantes a todos os outros na medida em que essa aventura singular não se assemelha a nenhuma outra. Este poder comum da igualdade das inteligências liga os indivíduos entre si, fá-los proceder à troca das suas atividades intelectuais, ao mesmo tempo que os mantém separados uns dos outros, igualmente capazes de utilizar o poder de todos para traçar o seu caminho próprio (RANCIÈRE, 2010, p. 27).

Meu pensamento de que aquele veículo não era mais importante para a comunidade, que estava ultrapassado, que as pessoas ligavam os sons das suas casas alto e que ninguém queria mais escutar e nem participar daquela rádio começou a ser questionado. De que forma os moradores participam da rádio? Essa questão passou a ser o foco da investigação e entendi, através de Rancière (2010, p. 35), que “uma comunidade emancipada é uma comunidade de contadores e tradutores”.

Em uma das primeiras visitas a campo, realizada no domingo, dia 25 de maio de 2014, consegui ter um outro olhar sobre aquela situação. Ao andar pela comunidade, percebi como a rádio estava presente em todos os lugares. As caixas, equilibradamente distribuídas em vários pontos, possibilitavam a escuta em quase todos os espaços caminhados. Por que não considerar aquele movimento nas ruas na hora do programa como “usos da rua”? Fraya Frehse (2009), sintetiza “comportamentos corporais e formas de sociabilidade” como a passagem, a permanência ou o ajuntamento de indivíduos. A rádio poderia ser um vínculo entre os indivíduos que estavam caminhando na rua naquele momento, estaria implícito nessa convivência (FREHSE, 2009, p. 153-154).

Quando entrei na Quadra, vi muitos idosos sentados nas salas, próximos às portas ou mesmos nas calçadas. Imaginei que sim, eles poderiam estar acompanhando o programa. E quantos havia naquela comunidade! Eu, já tinha concluído que a comunidade era repleta de crianças no meio da rua, porque de fato é, me surpreendi com a quantidade de pessoas da terceira idade. E o primeiro idoso que vi foi um senhor que já conhecia de vista, morador da casa da Rua General Tertuliano Potiguara. Certa vez ele foi à rádio pedir uma música, quando eu estava acompanhando o programa, há alguns anos. É audiência conhecida do Sr. Chico Cambista<sup>20</sup>, o qual havia me confidenciado que todo programa tinha que tocar uma mesma música e oferecer àquele senhor, caso contrário ele ia lá reclamar. E eu presenciei essa cena. Nesse dia o tal senhor chegou à rádio cobrando a música “Juramento de Playboy”, de Carlos Gonzaga, mas o Sr. Chico disse que já tinha tocado, teria sido uma das primeiras. Ele saiu contrariado. Nesse último domingo, o senhor parecia bem debilitado, sentado em um sofá, dentro de casa, mas balançando o pé<sup>21</sup>. Talvez, já sem o vigor de se levantar para ir à rádio pedir sua música.

O programa do Sr. Chico é assim, é feito para os idosos da Quadra recordar os velhos tempos. “Recordar é Viver” completou no dia 12 de junho de 2015 seus 20 anos de

---

<sup>20</sup> Morador da Quadra desde 1968, Francisco Gerardo da Silva, mais conhecido como “Chico Cambista”, é o atual presidente da rádio. Ele nasceu em Russas e desde pequeno cultivou paixão pelo rádio. Iniciou o programa “Recordar é Viver” em 12 de junho de 1995 e, desde então, apresenta o musical todos os domingos, das 9h30min às 11h. Ele trabalha na Loteria dos Sonhos, uma espécie de jogo do bicho, por isso o apelido de “Cambista”.

<sup>21</sup> No dia 1º de fevereiro de 2015, em visita à Quadra para acompanhar o programa do Sr. Chico, comentei que gostaria de conversar com ouvintes da rádio. Ele sugere que eu procure a D. Ilka (fui lá uma outra vez, mas a entrevista não rendeu muito, depois entendo que ela é uma grande amiga do Sr. Chico, desde quando ele começou a morar na Quadra). Pergunto então pelo senhor que sempre pede a mesma música. Ele diz que é Sr. José Milomes e que eu poderia ir lá conversar com ele. Perguntei para pessoas que estavam na calçada onde ficava a casa do senhor e consegui achá-lo. Ele mora com um filho, nora e neta. Sempre residiram na Quadra. Eles contaram sobre quando chegaram à comunidade e falaram muito pouco sobre a rádio. Não consigo desenvolver bem o assunto. Só comentam que a rádio é boa, eles gostam, outras pessoas já pediram para retirá-la, mas não incomoda. Sr. José pouco fala.

existência<sup>22</sup>. “Um programa que luta pelo bem-estar da comunidade”, entoava o animado locutor. Ainda caminhando pela Quadra, escutei Sr. Chico avisar que, depois de mais de 20 anos de luta pela cobertura do salão (utilizado pelos moradores para fazer festas e eventos, antes, um espaço a céu aberto, apenas com parede ao redor), naquele ano [2014], finalmente, a obra estava em andamento e seria concluída no mês seguinte [junho], através do apoio de um parlamentar que mora perto da Quadra. Ele teria feito o projeto, que foi aprovado, tudo com o “desejo de ajudar a comunidade”. Depois, Sr. Chico falou de outras pessoas que fizeram uma corrente forte para realizar aquele sonho. Entre eles, o atual presidente da Associação de Moradores, Augusto<sup>23</sup>, que, “através de contatos com autoridades”, conseguiu esse projeto. “E vem mais por aí”, alerta Sr. Chico na rádio, ao afirmar que o presidente está lutando por um poço profundo para a comunidade. “Um chafariz”. E, ao final, diz que a reforma na rádio e na associação também seriam feitas após a inauguração do salão, em junho<sup>24</sup>.

A rádio Centro de Comunicação Alternativa tem a mesma estrutura física de quando começou, em 1993, com o nome de Rádio GAC – Grupo de Apoio Comunitário. Os equipamentos foram renovados poucas vezes, a mesa de som já está ultrapassada, um leitor de DVD<sup>25</sup>, microfones velhos e amplificadores que precisam ser trocados. As caixas de som espalhadas pela comunidade são ainda mais resistentes ao tempo. As mesmas desde a criação da rádio, foram idealizadas pelo morador e um dos integrantes do então GAC, José Aguiar Viana Filho, o Zequinha<sup>26</sup>. Ele montou as caixas, instalou a rádio e até pouco tempo fazia a

---

<sup>22</sup> O relato do momento comemorativo será realizado no quinto capítulo sobre as experiências interventivas.

<sup>23</sup> Augusto foi candidato a vereador nas eleições de 2012. Não obteve êxito, mas nas eleições da Associação dos Moradores, em maio de 2013, teve a chapa vitoriosa ao lado do Sr. Chico Cambista.

<sup>24</sup> O salão foi concluído em junho, mas a inauguração ocorreu apenas no início de agosto de 2014, pois era aguardada a presença do prefeito e políticos da cidade, que compareceram. Enquanto isso, os moradores curiosos pulavam os muros do salão para ver a obra. É narrado inclusive que o prefeito visitou a rádio e pediu agilidade na reforma. O salão foi entregue com alguns problemas constatados depois que as chuvas começaram, no início de 2015. A água das chuvas caía dentro do salão, inundando o espaço, e o acúmulo de água se tornava um risco sério de proliferação do mosquito da dengue. O assunto foi polêmico e movimentou a comunidade no início de 2015, período chuvoso em Fortaleza.

<sup>25</sup> O aparelho de DVD foi trocado recentemente por um mais moderno vendido pelo próprio Zequinha. Presenciei o primeiro dia em que o Sr. Chico estava usando o aparelho. Depois de encontrar dificuldades em passar as músicas, ele solicitou minha ajuda.

<sup>26</sup> Zequinha é morador da Quadra há mais de 40 anos, vive com a família e é dono de um mercadinho que funciona na parte inferior de sua casa. Seus filhos também moram na Quadra, um deles foi inclusive líder comunitário. Constantemente viaja para o Interior, mas passa a maior parte da semana na Quadra. Trabalhou com equipamentos de som e foi um dos idealizadores da rádio, sendo o responsável por confeccionar as caixas de som da rádio artesanalmente com zinco. Ele faz a manutenção técnica da mesa de som e amplificadores da rádio até hoje.

manutenção delas<sup>27</sup>.

Figura 3 – Mesa de som e amplificadores no início da Rádio GAC



Fonte: Arquivo pessoal de José Alberto Alves.

Figura 4 – Mesa de som e amplificadores em 2015



Fonte: Milena Ribeiro (2015).

---

<sup>27</sup> Sr. Zequinha parou de fazer a manutenção das caixas em 2015 por motivos de saúde. Sr. Chico contratou uma outra pessoa e realizava o pagamento por serviço prestado. Sr. Zequinha continua então a dar assistência aos equipamentos da rádio, como a mesa de som e amplificadores.

Na caminhada pela Quadra, ainda no dia 25 de maio de 2014, escuto algumas músicas, anúncio sobre as inscrições de casamento e batizado comunitários, elogios do Sr. Chico a um café da manhã para idosos, realizado por jovens da comunidade em parceria com um dos comércios. “É assim que a gente convive em comunidade, cada um faz a sua parte. Todos juntos podemos fazer algo de bom para nossa comunidade. É assim que a gente pode ter uma comunidade fraterna, amiga, quando faz algo por alguém”, ecoa a voz do Sr. Chico pela Quadra (Programa “Recordar é Viver”, 25 de maio de 2014).

E foi com essa mesma proposta, de fazer algo pela comunidade, de ajudar a associação de moradores, que o grupo formado por seis jovens, no ano de 1993, teve a ideia de formar a rádio. No início, a empolgação era tão grande que assustou os moradores com tantos programas em sequência e com muita “gritaria”, como narram moradores que acompanharam à época<sup>28</sup>.

Chico Cambista relata que os fundadores da rádio “estavam muito empolgados e era uma grande novidade na época, quando surgiram as rádios comunitárias no Brasil”. Ele explica que, no início da rádio, os moradores se assustaram com a grande quantidade de programas<sup>29</sup> e atribui esse conflito à falta de conhecimento dos fundadores da rádio sobre comunicação. “Era uma gritaria, eles não tinham uma ideia do que seria o locutor e do que seria o comunicador popular”, lembra Chico Cambista:

Na rádio comunitária é o comunicador popular, não é o locutor de uma rádio oficial. Um comunicador que se comunica com a comunidade, que é o meu caso aqui, primeiro lugar tem que levar informação para a comunidade, que isso é o mais importante, sempre manter a comunidade informada, que é isso que eu faço diariamente aqui. Essa é a função maior do comunicador popular, trabalhar sempre com a ação social, que é o nosso caso aqui. Quando alguém precisa de ajuda, a gente recorre à rádio comunitária juntamente com a comunidade (Chico Cambista, entrevista, 23/02/2014).

Hoje, a rádio continua a mesma fisicamente, funcionando do mesmo jeito e movida pela empolgação de uma pessoa, Francisco Gerardo da Silva, mais conhecido como “Chico Cambista”, atual presidente da rádio. Ele é responsável por ir todos os dias fazer a locução dos anúncios pagos pelos comerciantes da Quadra, dinheiro que mantém a estrutura. Apesar de não ter participado do Grupo GAC, desde 1995, ele apresenta o programa

---

<sup>28</sup> Sobre o início da rádio, ver artigo escrito por esta pesquisadora intitulado “Rádio GAC: uma análise da participação dos moradores da Quadra no processo de criação da rádio poste”, publicado nos anais do XII Congresso Latino-Americano de Investigadores da Comunicação, realizado de 6 a 8 de agosto de 2014, em Lima (Peru).

<sup>29</sup> Nenhum dos entrevistados consegue lembrar com detalhes os programas que eram produzidos na época, mas citaram pelo menos cinco e relataram que eram em sequência. Zequinha explicou que após a reação negativa dos moradores à quantidade de programas, foi realizada uma organização da grade de programação e inseridos intervalos entre os programas.

“Recordar é Viver” todos os domingos de manhã, das 9h30min às 11h, o mais antigo da programação. Chico explica que iniciou sua participação na rádio em busca de uma ocupação, para fugir da “farra”. Recorreu ao então presidente da Associação dos Moradores da época, Salustiano Pereira de Queiroz, que deu a oportunidade para que ele fizesse o programa<sup>30</sup>.

A prometida reforma na rádio parecia dar ainda mais empolgação para aquele homem. Na caminhada pela comunidade, por todas as ruas estreitas, observei alguns carros sendo lavados, pessoas estendendo roupas, algumas casas com som alto tocando músicas, crianças brincando. Após a caminhada, fui ao encontro do Sr. Chico para entrevistá-lo na rádio. Na tentativa de deixar a conversa mais espontânea, não liguei o gravador e não comentei sobre as propostas da minha pesquisa. Erro meu, pois foi um diálogo importante para o início em que decidi realizar uma pesquisa mais interventiva, na qual estava justamente buscando respostas do meu objeto de pesquisa, para que ele me mostrasse como eu, a pesquisadora, poderia intervir no campo. Depois dessa experiência passei a acompanhar sistematicamente o programa do Sr. Chico, surgindo assim, o momento de explicar minha pesquisa e, gravar discretamente todos os diálogos através do celular.

Quando o *outro* se transforma em uma convivência, a relação obriga a que o pesquisador participe de sua vida, de sua cultura. Quando o *outro me* transforma em um compromisso, a relação obriga a que o pesquisador participe de sua história [...] quando o pesquisador convive com pessoas reais e, através delas, com culturas, grupos sociais e classes populares. Quando comparte com elas momentos redutores da distância do *outro* no interior do seu cotidiano. Então a observação participante, a entrevista livre e a história de vida se impõem. O pesquisador descobre com espanto que a maneira espontânea de um entrevistado falar sobre qualquer assunto é através de sua pessoa. Que a maneira natural de uma pessoa explicar alguma coisa diante do gravador, é através de sua “história de vida”, ou através de um fragmento de relações entre a sua vida e aquilo a que responde. Em boa medida descobre que métodos e técnicas de que se arma com cuidado são meios arbitrários pelos quais o investigador submete à sua vontade do outro, o investigado (BRANDÃO, 1984, p. 12).

As conversas com o Sr. Chico, Zequinha e demais pessoas que convivi durante a pesquisa de campo na Quadra foram fundamentais para o meu entendimento sobre o local e as relações que existiam na rádio. As histórias de vida dessas pessoas foram narradas por eles em conversas que, quanto mais espontâneas eram, mais reveladoras para meus questionamentos. E hoje entendo que minha convivência com eles e o compromisso estabelecido proporcionaram essa experiência. O gravador<sup>31</sup> foi necessário apenas para trazer à tona

---

<sup>30</sup> Percebe-se que nessa época a rádio já estava sob o controle da Associação dos Moradores. De acordo com Zequinha, a rádio ficou sob o comando do GAC apenas nos dois primeiros anos, de 1993 a 1995. Já Normando Rodrigues, sem muita precisão, afirmou que o grupo permaneceu por cerca de cinco anos.

<sup>31</sup> A questão ética foi abordada no processo de qualificação do material da dissertação e durante as orientações, mas decidimos que além de ter explicado sobre a intenção da pesquisa, iria em um outro momento revelar que

lembranças de detalhes, e não precisar me preocupar em anotar informações na hora, mas sei que elas só foram reveladas pela relação de confiança estabelecida com eles, através da convivência.

Um trabalho de pesquisa como este não é fácil, sem dúvida. Ele exige do pesquisador uma postura muito aberta em relação à pesquisa, uma grande capacidade de se “descentrar” para “se colocar no lugar do outro”, do interlocutor. Nesse estágio, o pesquisador deve “colocar entre parênteses” o seu próprio quadro de análise para compreender o do pesquisado. Trata-se, portanto, de identificar na população os diferentes grupos sociais que a compõem. Trabalhando ao nível das “representações”, o pesquisador deve aceitar igualmente (o que não significa aprovar ou adotar) a ideologia dominante e seu impacto. Essa “aceitação” supõe uma atitude positiva de escuta e de empatia, tão longamente descrita pela corrente de psicologia social derivada de Carl Rogers. Ela também implica “viver junto” com a coletividade estudada, em partilhar o seu cotidiano, a sua utilização do tempo e do espaço: ouvir, em vez de tomar notas ou fazer registros; ver e observar, em vez de filmar; sentir, tocar em vez de estudar; “viver junto” em vez de visitar (BRANDÃO, 1984, p. 58, grifos do autor).

Ao ser alertada sobre a mudança na rádio, escutei o Sr. Chico falar que seria um divisor de águas. Ele disse que iria registrar a rádio antes e depois dessa reforma. Coloquei-me à disposição, e fui convidada para a inauguração do salão<sup>32</sup>. Ainda não havia sido falado sobre a possibilidade de oficinas ou alguma ação que poderia ser feita por mim, e eu ainda esperava saber como poderia intervir. Mas, sempre acreditei que esse campo me possibilitaria sim uma ação. Mencionei que, com a mudança, os jovens poderiam ser atraídos para a rádio, sugestão acatada pelo Sr. Chico.

Em uma segunda visita, realizada no dia 24 de agosto, cheguei às 9h30min, observei que a rádio encontrava-se fechada com cadeado e que, na Rua da Alegria, o Sr. Zequinha estava sentado em uma cadeira de balanço embaixo de uma caixa de som, em frente a sua casa (onde funciona um mercadinho). Após perguntar sobre o programa e ser informada que iria atrasar, puxo uma conversa e recebo o convite para sentar. Continuo uma conversa com o Sr. Zequinha que perdurou por toda a manhã, até o fim do programa do Sr. Chico (o qual não escutamos).

---

estava gravando. Ficou o aprendizado e, em outras pesquisas, deverei deixar mais claro a questão das gravações já no início da entrevista. Mas, pelo retorno que recebi do Sr. Chico, ao dizer que foi um prazer colaborar com minha pesquisa, fui tranquilizada em relação às gravações realizadas.

<sup>32</sup> Não pude comparecer à inauguração do salão, que ocorreu no dia 02/08/2014, pois estava participando de um congresso em Lima, inclusive apresentando artigo sobre a rádio. Só no ano seguinte, fiquei sabendo que teria perdido um momento importante, pois naquele dia a empresária, que será personagem importante em acontecimentos narrados no terceiro capítulo desta pesquisa, falou pela primeira vez à comunidade. Em matéria veiculada em blog do jornal *Diário do Nordeste*, também já citava a creche como próxima ação da prefeitura (ver matéria do dia 02/08/2014: <http://blogs.diariodonordeste.com.br/robertomoreira/prefeito-entrega-quadrado-sao-vicente-de-paulo/>).

Foi uma conversa reveladora, ouvi muitas histórias sobre o início da comunidade e entendi as discordâncias existentes entre o Sr. Chico Cambista e o Sr. Zequinha em relação ao modelo de gestão da rádio. Zequinha foi personagem fundamental na criação da rádio poste, na época, em 1993, ele tinha por volta de 20 anos e era o membro mais velho do então grupo GAC. E, por ser o único que trabalhava, conseguiu investir dinheiro próprio e colocar a rádio para frente.

Já a técnica da entrevista livre, concebida como um diálogo aberto onde se estimula a livre expressão da pessoa com quem se conversa, amplia o campo do discurso que passa a incluir não só fatos e opiniões bem delimitadas, mas também devaneios, projetos, impressões, reticências, etc. Sem dúvida, a entrevista livre, para não partir em todas as direções, deve ter um fio condutor, uma estrutura de base ligada ao núcleo temático a ser pesquisado. Porém, dentro desse campo temático, tudo é pertinente, nada é desprezível. Muitas vezes, não é unicamente aquilo que é dito explicitamente que é significativo. A maneira de dizer, as inflexões, as hesitações, as pausas e os silêncios dizem muita coisa. Frequentemente, é nessas dobras do discurso que se esconde a ambiguidade e a contradição entre o pensar e o agir que importa captar e desvelar. Os fragmentos de discurso, o “não dito” e o “mal dito” – por medo, por pudor, por desconfiança ou porque dizê-lo seria doloroso demais – são tão ou mais importantes quanto as respostas superficiais (BRANDÃO, 2006, p. 29-30).

O Sr. Zequinha relatou a importância do uso da rádio na divulgação de apelos e pedidos de ajuda pelos moradores, como no caso de doações em dinheiro para enterrar algum morador<sup>33</sup>. Foi surpreendente quando Zequinha explicou que criou a rádio para que se a família dele precisasse de dinheiro para seu enterro, pudesse ter a rádio como um espaço que buscava ajuda. Mesmo reconhecendo que ele não teria essa necessidade, afirmou que gostaria muito de ter o apoio da rádio e da comunidade. E que isso não seria vergonhoso. Esse seria um grande orgulho da comunidade, “ter um veículo que sirva para ajudar” (Zequinha, conversa, 24/08/2014).

Outro aspecto interessante percebido na conversa foi que hoje, apesar de discordar da forma de administração da rádio pelo Sr. Chico Cambista, segundo Zequinha, “de forma autoritária e sem aproximar a rádio dos jovens”, eles mantêm uma relação boa. Zequinha disse que na época recebia cerca de R\$ 50,00 por mês para fazer a manutenção das caixas de som e demais equipamentos. O que mais chamou atenção foi a preocupação dele com a falta de renovação na rádio e, ao mesmo tempo, a disposição e interesse em passar seus

---

<sup>33</sup> Tive a infelicidade de acompanhar o uso da rádio no momento do velório da mãe de uma amiga que fez parte do jornal, Catarina Érika. D. Alda, a mãe dela, era uma das várias comerciantes da Quadra. Vendia comidas em um estabelecimento bastante frequentado pela comunidade. Eu sempre passava lá antes de acompanhar o programa do Sr. Chico. No dia da morte da mãe, Érika estava organizando o ônibus que levaria os amigos, de madrugada, para o enterro que seria em Quixadá, e me explicou que rapidamente todos iam ficar sabendo. No dia seguinte, uma grande quantidade de pessoas esperava cedo da manhã o corpo chegar no carro da funerária. Na rádio, Sr. Chico colocou a música fúnebre de costume e ditou as informações do enterro.

conhecimentos para outras pessoas. Explicou que devido a uma doença, não podia mais ser tão atuante na comunidade, como foi quando participou do GAC e da liderança comunitária, mas que acompanhava tudo, com muita vontade de agir. E pude perceber em vários momentos o quanto o Sr. Zequinha é figura respeitada e influente na Quadra, como será relatado nos próximos capítulos.

Durante a conversa, ele apontou para um jovem<sup>34</sup> que, segundo sua avaliação, tinha muito interesse e poderia ter um futuro na rádio, mas que o Sr. Chico não se interessou na participação dele. O jovem era evangélico e foi relatado um certo temor do Sr. Chico quanto ao uso da rádio para fins religiosos. De acordo com Zequinha, “o jovem gosta de fazer as coisas, mas ele tem que ser convidado, motivado, incentivado” e que isso não acontecia na rádio (Zequinha, conversa, 24/08/2014). A questão dos equipamentos antigos também foi levantada como impedimento da aproximação dos jovens. Segundo ele, foi ofertado um computador novo para a rádio, mas não foi aceito<sup>35</sup>, pois seria doado por um político que não era do grupo apoiado pelo presidente da associação.

Percebe-se aí o papel da rádio para aquela comunidade e a preocupação em não associar o veículo a questões políticas ou religiosas. Foi ressaltado por Zequinha, que a própria Associação de Moradores já parou de atuar, por cerca de um ano, mas a rádio nunca, sempre esteve funcionando na comunidade. E que a prova de que todos gostam da rádio é ter as caixas de som ainda funcionando, desde a época da criação. O programa do Sr. Chico acaba e nos despedimos, após longa conversa, com a intenção de nos encontrar novamente, quem sabe para planejar alguma ação. Quem sabe uma oficina de como fazer caixas de som artesanal, como as da rádio, ministrada pelo próprio Zequinha? Saí dali com a sensação de que minha aproximação com os jovens seria o próximo passo na caminhada.

Com a proposta de reforma da estrutura física e com a sugestão de um dos idealizadores, Sr. Zequinha, de aproximar os jovens da rádio, comecei a perceber algumas pistas captadas naquela conversa. A reforma não poderia acontecer em melhor hora, logo no momento em que decidi encarar o desafio de fazer uma pesquisa mais participativa. Percebi que esse sempre foi o tipo de pesquisa que me realiza, desde a época em que, após as oficinas do jornal na comunidade, adquiri confiança de boa parte dos moradores dela e pude, enfim, realizar minha pesquisa na Quadra.

---

<sup>34</sup> Em outra conversa, Zequinha diz que o menino se chama Magno, mas reclamou que os evangélicos não queriam fazer um programa, queriam fazer culto, que gritavam no microfone. Sr. Zequinha disse que foi uma vez reclamar com um dos locutores de um programa.

<sup>35</sup> Em vários momentos senti a resistência do Sr. Chico em relação à presença de um computador na rádio. O que poderia servir como um atrativo para os jovens, era repulsivo para o Sr. Chico. Outro momento foi percebido na compra de novos equipamentos da rádio, que será relatado em outro capítulo.

Entendi que esse momento de renovação da rádio, com a reforma e novos equipamentos, seria um processo bem interessante para acompanhar, não só para relatar as mudanças, como também uma oportunidade de intervir e responder a uma demanda da própria comunidade. Passos, Kastrup e Escócia (2009), no livro *Pistas do Método da Cartografia*, questionam “como investigar processos sem deixá-los escapar por entre os dedos”. Esse sempre foi o grande desafio nesta pesquisa. Continuando em campo, mesmo ainda não sendo definido o que seria realizado, aos poucos fui entendendo o novo contexto e, ao escutar as histórias e opiniões dos próprios moradores, tive o discernimento do que seria preciso realizar naquela comunidade. E, a cada visita que fazia, me sentia mais perto dessa definição.

### 3 CULTURA ORAL: as paisagens sonoras da Quadra

Quando analisada diante deste prisma e inserida no contexto das paisagens sonoras (SCHAFER, 1994) do bairro, já que não se pode ignorar o caráter público e coletivo da escuta das rádios e seus alto-falantes nas ruas, para os ouvintes, a rádio de poste revela-se como a mais autêntica forma de rádio comunitária. Isto ocorre porque ela se mostra bem integrada ao cotidiano do bairro, representando uma “trilha sonora” das ruas, estando associada com os sons do desenvolvimento econômico pelas estreitas ligações que tem com o comércio local e atuando como uma facilitadora de “trocas” entre apresentadores, comerciantes e ouvintes (MEDRADO, 2013, p. 3).

Na pesquisa de campo, percebi a forte presença da cultura oral e dos conflitos culturais que se desenvolvem na Quadra, responsáveis, entre outras coisas, por gerar um ambiente de disputa sonora. O oral ainda é muito forte, justificado pela disposição das casas, uma colada na outra, e pelo hábito dos moradores de estarem sempre pelas ruas conversando. Schafer (2011), em seu estudo sobre as paisagens sonoras<sup>36</sup> e a forma como podem afetar nosso comportamento, explica que não é possível falar em prioridade do ouvir, pois “no Ocidente, o ouvido cedeu lugar ao olho, considerado uma das mais importantes fontes de informação desde a Renascença, com o desenvolvimento da imprensa e da pintura em perspectiva” (SCHAFER, 2011, p. 27).

A forte cultura oral está presente desde a época dos profetas e épicos, como explica Schafer (2011), quando “o sentido da audição era mais vital que o da visão. A palavra de Deus, a história das tribos e todas as outras informações importantes eram ouvidas e não vistas” (SCHAFER, 2011, p. 28). Mas, no século XVI, a introdução da palavra impressa não só criou novas redes de comunicação, como abriu opções para o povo e novas formas de controlá-lo (DAVIS, 1990, p. 157). Ao narrar essa transição, Davis (1990) explica que vendedores anglicanos começaram a vender Bíblias, livros de salmos e literatura calvinista, sem total apoio dos camponeses. “Para a maioria dos camponeses, a religião da Bíblia, dos Salmos e do Consistório deixava pouco espaço à cultura oral e ritual, tradicional do mundo rural, às formas existentes de vida e de controle sociais” (DAVIS, 1990, p. 168).

Natalie Davis (1990) pesquisou através das vozes populares do século XVI as maneiras pelas quais a palavra impressa entrou na vida das classes populares (DAVIS, 1990, p. 157). A autora explica que as classes populares mantinham uma cultura oral muito forte e a introdução da palavra impressa na comunidade camponesa no século XVI foi limitada:

---

<sup>36</sup> Schafer define paisagens sonoras como o ambiente sonoro, qualquer porção do ambiente sonoro vista como um campo de estudo.

Havia grande expectativa por volta de 1600 de que um livro impresso pudesse chegar às aldeias e ser lido em voz alta na *veillée*, mesmo onde a pequena faísca de protestantismo na área rural tivesse se apagado. Mas a cultura oral era ainda tão dominante que transformava tudo aquilo em que tocava, e estava ainda em transformação, conforme as regras do esquecer e do lembrar, do observar e do discutir (DAVIS, 1990, p. 172).

Em um ambiente com a maioria de analfabetos, ela narra que a partir de 1530, durante as reuniões da comunidade rural francesa, começou a se fazer a leitura da Bíblia em francês. E mesmo com a maior circulação de livros, com venda, compartilhamento e criação de grupos de leitura na França no século XVI, a leitura dos impressos não silenciou a cultura oral (DAVIS, 1990, p. 176).

A literatura de cordel é citada por Martín-Barbero (2003, p. 154-155) como algo que tornou possível para as classes populares o trânsito do oral ao escrito, já que essa escritura com estrutura oral foi criada para ser lida em voz alta, coletivamente. O autor faz a relação entre rádio-audiência e leitura coletiva, o que ele chama de “leitura auditiva”, que diz ter constituído por muito tempo a leitura popular. “Porque ler para os habitantes da cultura oral é escutar, mas essa escuta é sonora. Como a dos públicos populares no teatro e ainda hoje nos cinemas de bairro, com seus aplausos e assobios, seus soluços e suas gargalhadas” (BARBERO, 2003, p. 160).

Na Quadra, apesar de uma recente mudança em que se identificam moradores com a possibilidade de maior acesso à educação, conseguindo até concluir o ensino superior, ainda percebemos uma grande parcela de analfabetos ou pessoas com pouco estudo. É mais fácil ver as pessoas conversando pela rua, escutando música, do que lendo livros ou jornais.

A própria rádio poste da Quadra se mantém ainda pela força da cultura oral presente na comunidade. Percebo através do trabalho realizado pelos evangélicos que cada vez mais atraem os moradores da comunidade<sup>37</sup>. Seja no programa da rádio, ao ler e interpretar os versículos da Bíblia, ou nos cultos, eles buscam alcançar um maior número de fiéis, incluindo os analfabetos, os excluídos, os envolvidos com drogas. Já são três igrejas evangélicas em funcionamento na Quadra, todas lotadas e em crescimento. O crescente número de igrejas pentecostais nas favelas é diretamente relacionado a essa cultura oral, defende Oosterbaan (2009, p. 84):

Quentin Schultze (1994) argumentou que a popularidade do pentecostalismo na América Latina não pode ser explicada apenas em termos de fatores econômicos ou sociológicos, devemos incluir as forças culturais que reafirmam a oralidade como uma característica importante da religião. O pentecostalismo é muito bem-sucedido

---

<sup>37</sup> Ver o próximo capítulo.

na América Latina, entre outras razões, porque permite uma ênfase no desempenho e no lúdico, que faltam em muitas práticas religiosas que são altamente centradas no texto (Schultze, 1994: 78). No Brasil, a ênfase na comunicação oral da mensagem – e sua verdade que é demonstrada em glossolalia – produz um imediatismo e 'presença' que práticas religiosas contemplativas, particularmente aquelas nas igrejas protestantes, não oferecem. No morro, muitas pessoas estavam mais preocupadas com a experiência direta do divino através do som do que com as noções abstratas em vez de o divino fornecidas por práticas literárias<sup>38</sup> (OOSTERBAAN, 2009, p. 95, tradução nossa).

Oosterbaan (2009), em estudo realizado nas favelas do Rio de Janeiro, fala sobre o fato dos pastores e músicos da igreja acreditarem que os sons que emanam de suas igrejas podiam ser escutados por outros habitantes, o que representaria um elemento importante em que “os dons do Espírito Santo (carismas) são encaminhados diretamente para o crente, sem mediação, da mesma maneira como a música – e de som em geral – é experimentada como uma força imediata que nos toca profundamente” (OOSTERBAAN, 2009, p. 90-91, tradução nossa)<sup>39</sup>.

Nas várias caminhadas que fazia na Quadra durante o período de pesquisa de campo, principalmente na hora dos programas, observei como as conversas eram frequentes nas ruas apertadas da comunidade. Enquanto isso, a rádio disputava, nesses espaços orais, a atenção do ouvinte que se dividia entre as conversas com os vizinhos, os sons nas ruas e os sons de músicas dentro das casas que, muitas vezes, ultrapassavam o ambiente doméstico.

### 3.1 Competição sonora na Quadra

Em uma passagem rápida pela comunidade, durante o horário dos programas, é possível perceber tanto pessoas que acompanham a programação – muitas vezes indo até a rádio solicitar músicas e mandar mensagens e avisos – como moradores que ligam o som em casa no volume bastante alto para escutar outras músicas. Em algumas ruas da comunidade, nota-se que a transmissão da rádio é confusa, com as caixas de som nos postes disputando

---

<sup>38</sup> Quentin Schultze (1994) has argued that the popularity of Pentecostalism in Latin America cannot be explained merely in terms of economical or sociological factors, we should also include the cultural forces that re-assert orality as an important feature of religion. Pentecostalism is very successful in Latin America, among other reasons, because it allows for an emphasis on performance and playfulness, which many religious practices that are highly text-centred lack (Schultze, 1994: 78). In Brazil, the emphasis on the oral communication of the message – and its truth that is demonstrated in glossolalia – produces an immediacy and ‘presentness’ that contemplative religious practices, particularly those in mainstream Protestant churches, do not offer. In the morro, many people were more concerned with the direct experience of the divine through sound than with the rather abstract notions of the divine provided by literary practices<sup>38</sup> (Oosterbaan, 2009, p. 95).

<sup>39</sup> The gifts of the Holy Spirit (charismata) are conveyed directly to the believer without mediation, much in the same way music – and sound in general – is experienced as an immediate force that touches us profoundly (OOSTERBAAN, 2009, p.90-91).

com as músicas que surgem do interior das casas. Geralmente as casas vencem essa briga, porque o volume das caixas de som da rádio poste é considerado até baixo por opção dos apresentadores, que tentam respeitar os moradores. Os horários dos programas também demonstram essa preocupação com a boa convivência na comunidade.

A Quadra passou por um processo de urbanização na década de 1980 (como foi relatado no primeiro capítulo e melhor detalhado em minha monografia<sup>40</sup>), passando a ser constituída por 444 moradias em um espaço de 2,2 hectares. Para abrigar as 452 famílias que viviam na época, uma estimativa de 2 mil pessoas, foi preciso construir as casas uma do lado da outra, parede com parede, em quatro modelos. Atualmente, praticamente todas são do modelo “duplex”, com um andar em cima, utilizado algumas vezes por famílias diferentes ou pela extensão da família, quando um dos filhos casa.

Figura 5 – Ruas estreitas da Quadra



Fonte: Jornal *Voz da Quadra* (2011).

São casas que contêm sala, quarto e cozinha, sendo muitas vezes a sala e a

---

<sup>40</sup> RIBEIRO, Milena de Castro. **O luxo da aldeia:** a comunidade da Quadra sob o olhar jovem. Fortaleza, 2007. Monografia apresentada no Curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal do Ceará – UFC. 96 p. Professora orientadora: Inês Vitorino.

cozinha embaixo, e os quartos na parte de cima. A escada é interna e também é utilizado o modelo caracol, na parte externa. Na maioria das salas é possível observar um televisor, geralmente de tamanho grande, e um aparelho de som. Ao caminhar pelas ruas, escuta-se uma enorme variedade de sons vindos desses aparelhos. São músicas altas, em geral forró, gospel ou funk, justamente caracterizando alguns dos grupos definidos na comunidade.

Medrado (2012) em artigo sobre as paisagens sonoras em favela no Brasil, explica que o contexto das favelas, de populações densas e natureza específica de espaço-expansão do som faz com que a população esteja sempre em confronto com o som do outro. Para a autora, isso demonstra que os limites entre o público e o privado são turvos.

Finalmente, as favelas densamente povoadas adquirem um caráter sonoro único. A natureza do espaço-expansão do som e paredes permeáveis da favela implica que os residentes são sempre confrontados com música e sons do outro. No entanto, enquanto este gera sons cacofônicos, não significa que as pessoas estão simplesmente imersas neles. Este capítulo argumenta que os moradores de Pau da Lima se tornam arquitetos aurais em suas vidas diárias usando ativamente sons e músicas para assumir o controle do espaço físico, marcar categorias sociais, estabelecer limites e propriedades (MEDRADO, 2012, p. 195, tradução nossa)<sup>41</sup>.

O Oosterbaan (2009) destaca que essa arquitetura própria das favelas, com muitas pessoas ocupando espaços pequenos, também colabora para uma vida social caracterizada pela tensão entre proximidade e a busca de (des)sociação. “Por um lado, as pessoas vivem perto umas das outras e são muitas vezes dependentes da solidariedade de seus parentes e vizinhos. Por outro lado, muitos tomam muito cuidado com quem eles se envolvem em público e tentam arduamente manter-se independente.” (OOSTERBAAN, 2009, p. 84-85)<sup>42</sup>. Para ele, as pessoas sabem o que os outros ouvem, “mas essa capacidade do som de atravessar o espaço não indica a sua capacidade única para estabelecer a presença de certos grupos na arquitetura labirinto da favela”.

Como tal, a paisagem sonora constitui um elemento importante do espaço público da favela e revela muitas das suas relações de poder. Isto corrobora com o trabalho de Jacques Attali, que salienta a relação dialética entre o som e o poder. Segundo ele, o som – e música em particular – é “uma ferramenta para a criação ou consolidação de uma comunidade, de uma totalidade, é o que liga um centro de poder de seus

---

<sup>41</sup> Finally, the densely populated favelas acquire a unique sonic character. The space-expanding nature of sound and the favela’s permeable walls imply that residents are always confronted with each other’s music and sounds. However, whilst this generates cacophonous soundscapes, it does not mean that the people are merely immersed in them. This chapter argues that the residents of Pau da Lima become aural architects in their daily lives by actively using sounds and music to seize control of physical space, mark social categories, establish boundaries and ownership (MEDRADO, 2012, p. 195).

<sup>42</sup> On the one hand, people live close to each other and are often dependent on the solidarity of their relatives and neighbors. On the other hand, many take great care with whom they engage in public and try hard to remain independent (OOSTERBAAN, 2009, p. 84-85).

súditos, e, portanto, mais em geral, é um atributo do poder em todas as suas formas<sup>43</sup> (OOSTERBAAN, 2009, p. 85, tradução nossa).

No período em que convivi lá, não me lembro de ter escutado reclamações sobre os sons e barulhos da Quadra, nem mesmo do Sr. Chico, que disputa esse espaço sonoro diariamente com a rádio poste. Na verdade, ouvi alguns casos, narrados por Zequinha, de moradores que foram reclamar da própria rádio, mesmo estando com o volume bem mais baixo comparado com os outros sons da Quadra.

Em uma das nossas conversas, Sr. Zequinha comentou que houve uma reclamação relativa a uma propaganda de botijão de gás<sup>44</sup>, que estava sendo repetida várias vezes seguidas e um dos fundadores da rádio ameaçou derrubar a caixa. Quando estávamos fazendo o orçamento para anexar ao projeto para compra dos equipamentos do estúdio<sup>45</sup>, me lembro de ter questionado o Sr. Zequinha se não precisava de mais caixas de som. Ele defendeu que não, que bastava colocar as caixas em “locais estratégicos”:

Você não pode chegar e ampliar as caixas de som, você tem que procurar os pontos mais... Procurar um local que é mais movimentado, que passa mais gente. Porque a rádio na verdade é boca a boca. Você fala aqui no microfone, vai passando um aqui, vai passando: “ó tão falando acolá...”. Aí a rádio funciona assim, aí não adianta você colocar em cada poste uma caixa. Não precisa. Vai é poluir o conjunto com o som. Aí vão reclamar lá em casa. (Sr. Zequinha, entrevista, 17/03/2015)

Na conversa com jovens do grupo católico<sup>46</sup>, um deles fala que se sente incomodado em escutar o som da vizinha evangélica. Antes, ele já havia comentando que não tinha o que reclamar do som da rádio, que apesar de morar com uma caixa de som do lado de casa, consegue inclusive dormir tranquilo, mas talvez por fazer parte de outra religião, que disputa espaço com a evangélica, o som da vizinha incomode mais.

Schafer (2011, p. 23) afirma que o ambiente acústico de uma sociedade pode também indicar as condições sociais que a produzem e contar muito sobre o local. E durante

---

<sup>43</sup> As such, the soundscape forms an important element of the public space of the favela and reveals many of its power relations. This is in accordance with the work of Jacques Attali, who stresses the dialectical relation between sound and power. According to him, sound – and music in particular – is ‘a tool for the creation or consolidation of a community, of a totality, it is what links a power center to its subjects, and thus, more generally, it is an attribute of power in all its forms’ (1985: 6)<sup>43</sup> (OOSTERBAAN, 2009, p. 85)

<sup>44</sup> Depois, quando fui acompanhar uma manhã de anúncios realizados pelo Sr. Chico, entendo como é a propaganda do gás. Ao final de todos os anúncios, ele coloca uma vinheta de venda de gás e deixa repetindo por alguns minutos. Sr. Zequinha disse que ele deixa por 30 minutos. Mas, no dia que acompanhei, foram uns 10 minutos. Outro dia, estava na rádio e acompanhei Sr. Chico explicando para um morador como pedir o gás e pede para ele dizer que está na rádio. Entrega um cartão com o telefone. Em seguida, ele próprio pede o telefone para solicitar um botijão para a casa dele e diz para a pessoa comparecer à rádio no outro dia, e afirma que a propaganda continua. Nessa hora, me lembro da desconfiança do Sr. Zequinha quanto à insistência da propaganda de gás que se repete por vários minutos. Ele chegou a sugerir que Sr. Chico estivesse ganhando algo com isso.

<sup>45</sup> Ver o quinto capítulo.

<sup>46</sup> Ver a seguir.

todo o período de pesquisa de campo na Quadra, o caminhar pelas ruas da comunidade sempre deu muitas pistas sobre o que era aquele local e a relação das pessoas com a própria rádio. Esse mesmo autor reconhece a complexidade de analisar o campo de estudo acústico, chamado por ele de paisagem sonora, defendendo que formular impressões sobre um programa de rádio ou um ambiente acústico é muito mais complexo que a análise de uma fotografia, por exemplo.

Nas visitas de campo, muitas vezes seguia caminhando pela Quadra para observar a movimentação dos moradores enquanto o programa do Sr. Chico estava no ar. Pouco movimento, mas sempre era possível ver pessoas conversando no caminho, ainda poucas crianças, pois era muito cedo. Mas, na Quadra, sempre é possível observar pessoas na rua, em todos os horários do dia. Percebia sempre que tocava forró em algumas casas, via grupos de homens sentados conversando ou jogando dominó, embaixo de uma das caixas de som. Senhoras na entrada de casa catavam feijão. Mas o difícil era saber quem estava escutando a rádio.

Arkette (2004) constata que cada comunidade tem um conjunto de marcadores de som que reforçam sua identidade, pois “cada distrito tem o seu próprio perfil sônico, mesmo se esse perfil não é uma característica permanente” (ARKETTE, 2004, p. 162, tradução nossa).

Ainda caminhando, consigo observar uma senhora na rua da rádio. Sentada em um banquinho na frente da casa, parecia escutar o programa ou simplesmente observar o movimento, como deve ser costume, pois pude vê-la quase todas as vezes em que estive na Quadra, naquele horário. Estava com outra pessoa ao lado. Consigo contar uns outros três senhores bem idosos sentados na frente das casas, penso que eles sejam a audiência do Sr. Chico, do programa “Recordar é Viver”. Mas como saber se eles observavam o movimento ou escutavam o som? Impossível separar cada som de uma paisagem sonora tão complexa (anotações de campo, dia 1º/03/2014).

Passo defronte à casa do Sr. José Milomes e ele está no sofá em frente à porta de entrada. Avisto no bar uns três senhores bebendo, conversando, com a música ao fundo. O programa consegue ser escutado em quase todas as ruas da Quadra, percebi dois trechos que uma outra música alta vinda de alguma casa impossibilitava a escuta mas, no geral, a rádio tem um alcance muito bom, sobretudo na área ao redor do estúdio<sup>47</sup>. Apenas em duas ruas mais movimentadas, externas à Quadra, não dá para escutar o programa, na Beni Carvalho,

---

<sup>47</sup> Sr. Zequinha já tinha me explicado que quanto mais longe, o volume fica mais baixo, só que não pode aumentar, pois aumentaria de todas as caixas e deixaria as que ficam próximas à rádio com som muito alto.

pois existe apenas uma caixa de som na porta da casa do Sr. Chico, e o intenso trânsito dificulta. Um outro elemento que a rádio precisa disputar (anotações de campo, 1º/03/2014).

Na Rua General Tertuliano Potiguara, apesar de externa, não trafegam muitos carros, logo vejo um bar com cadeiras na calçada e as pessoas conversando. Surpreendo-me com uma casa onde tocava músicas da Jovem Guarda, em volume alto, o mesmo estilo musical do programa do Sr. Chico, ignorando a rádio<sup>48</sup>.

No momento em que Sr. Chico fala sobre a seca, assunto que foi tratado no último programa que escutei, paro para prestar atenção. Os outros transeuntes continuam a andar, conversar, falar. Talvez seja esse “parar para escutar”, que a neta do Sr. Chico mencionou quando conversamos no grupo<sup>49</sup>, que dificulta a audiência da rádio nas ruas da Quadra. Algo que as pessoas, principalmente os jovens, não costumam fazer. Já os idosos, como têm costume de puxar a cadeira para fora de casa para ver o movimento, podem acabar escutando, como foi o caso de alguns que avistei naquele dia e outros que entrevistei, como Sr. José Milomes e D. Ilka (anotações de campo, 1º/03/2014).

Apesar da compreensão que ao se tratar de uma rádio poste não há a possibilidade de desligar o som, através de “pálpebras auditivas”, como exemplifica Schafer (2011, p. 29), sabemos que existem níveis e a escuta radiofônica requer significações e formas de sociabilidade (KASEKER *apud* SCHAFER, 2011). Em um ambiente com a disputa de tantos sons, a escuta da rádio é mais uma nessa briga, e o interesse do ouvinte faz com que ele decida escutá-la ou ouvir uma música em sua casa ou através do fone de ouvido.

Em relação aos jovens, parece que eles se distanciam cada vez mais do contato com a rádio poste e dos barulhos da rua, através da utilização de equipamentos, como aparelhos de MP3, fones de ouvidos e várias outras formas de usos do aparelho de celular. O uso de aparelhos que arquiva músicas em MP3, como Ipods, possibilita que as pessoas criem sua sequência de músicas e se isolem do ambiente externo. Michael Bull (2005) associa o uso de aparelhos tecnológicos de música com a solidão que é percebida no movimento das pessoas na cidade, que usam a tecnologia para criar seu próprio senso de espaço no esforço de ganhar o controle de sua experiência diária.

Para Bull (2005), os usuários que optam pelo uso de fones de ouvidos tentam fazer com que os espaços públicos da cidade percam o significado e, progressivamente,

---

<sup>48</sup>Schafer (2011, p.135) explica que quando o rádio passou a dominar a vida moderna, os principais oponentes da nova tecnologia eram os intelectuais, enquanto a oposição à Revolução Industrial era das classes trabalhadoras. “A comunidade, que antes havia sido definida pelos sinos e gongos do templo, era-o agora pelo seu transmissor local” (SCHAFER, 2011, p.136).

<sup>49</sup> Ver no capítulo seguinte.

transformem-se em “não-lugar”:

O uso de iPods demonstra uma reconceitualização auditiva clara dos espaços de habitação incorporados nas “estratégias de colocar-se” em outro lugar “em ambientes urbanos usuários”. Os usuários tendem a negar espaços públicos através da priorização de sua própria esfera privada mediada tecnologicamente. O uso dessas tecnologias permite que os usuários transformem a sua experiência em uma forma de 'santuário' (Sennett, 1994). A tentativa de exclusão de todas as formas de invasão indesejada constitui uma estratégia bem-sucedida para a gestão urbana e pessoal; reinscrevendo o espaço pessoal através do consumo de música personalizada. Ao fazer isso, os usuários do iPod tanto recuperam o espaço de representação (Lefebvre, 1991a) e do diário “reino do sempre igual precisamente privatizando” (BULL, 2005, p. 353- 354)<sup>50</sup>.

O outro extremo, quando a escuta é forçadamente compartilhada nos espaços públicos, acontece quando alguns moradores usam os chamados “paredões de som”<sup>51</sup>, que tocam músicas a uma altura capaz de atingir vários quarteirões. Na Quadra, assim como em outras comunidades em Fortaleza, existem muitos carros com esse tipo de aparelho. Certa vez, presenciei um deles tocando o sucesso do carnaval daquele ano, a música da “muriçoca”, no momento em que a rádio executava uma das canções da seleção do Sr. Chico, em um volume baixo, como de costume.

Nos primeiros tempos, ouvia-se rádio seletivamente, estudando-se a programação das emissoras, mas hoje os programas são ouvidos com displicência. Essa mudança de hábitos preparou a sociedade moderna para tolerar as paredes de som com que a engenharia atual agora orchestra o ambiente moderno (SCHAFER, 2011, p. 137).

Nas caminhadas, percebia que em alguns trechos era ruim de escutar a rádio, mas em outras ruas ouvia o som bastante alto, principalmente nas vias com pouco movimento. É possível notar que a Quadra é bem dividida também em relação ao barulho. Há duas ruas específicas e com um movimento maior de pessoas e com som das casas ligado, na maioria das vezes tocando forró, impedindo a escuta da rádio. Já em outras vias, percebemos exatamente o contrário, quase ninguém nas ruas.

De acordo com Schafer (2011), uma situação de “grande profusão de ritmos faz com que eles se anulem uns aos outros” (SCHAFER, 2011, p. 325). Esse autor conclui que

<sup>50</sup> The use of iPods demonstrates a clear auditory reconceptualisation of the spaces of habitation embodied in users' strategies of placing themselves 'elsewhere' in urban environments. Users tend to negate public spaces through their prioritisation of their own technologically mediated private realm. The uses of these technologies enable users to transform the site of their experience into a form of 'sanctuary' (Sennett, 1994). The attempted exclusion of all forms of unwanted intrusion constitutes a successful strategy for urban and personal management; a re-inscribing of personal space through the consumption of personalised music. In doing so, iPod users both reclaim representational space (LEFEBVRE, 1991a) and the daily 'realm of the ever same' precisely by privatising it.”(BULL, 2005, p.353 – 354).

<sup>51</sup> De acordo com Robson Braga (2015), paredões de som são “equipamentos sonoros compostos por potentes alto-falantes, geralmente acoplados a reboque de automóveis. Muitos consumidores de forró almejam adquirir um paredão de som por conta de seu preço elevado e pela grandiosidade dos equipamentos, alguns deles chegando a dois metros de altura” (BRAGA, 2015, p. 118).

“quando uma sociedade é inepta em relação aos sons, quando não entende os princípios de decoro e equilíbrio da produção sonora, quando não compreende que há um tempo para produzir e um tempo para calar”, a paisagem sonora se autoconsome em cacofonia (SCHAFER, 2011, p. 329).

No início da rádio<sup>52</sup>, foi relatado que alguns moradores estranharam o “constante berrar” dos locutores, termo que Schafer (2011) utiliza para relatar a mesma dificuldade em outras épocas, no Oriente e no Ocidente, quando as rádios eram usadas de modo descuidado. Ele cita como exemplo o uso do rádio em um hospital, no romance *Cancer Ward* (Enfermaria para tratamento de câncer) de Soljenítsin, e os alto-falantes “vociferando suas cacofonias de patriotismo e mau humor” nas estações e nas praças públicas da Europa Oriental (SCHAFER, 2011, p. 137).

Schafer (2011) cita ainda que na década de 1960, em lugares como Londres e Paris, não havia rádios nem músicas em espaços públicos e os anunciantes pediam para os ouvintes usarem os equipamentos em volume baixo “para não perturbar a vizinhança”. Desde a criação, quando jovens queriam ampliar a comunicação (que era de cornetas) para um sistema de caixas de som, os apresentadores da rádio poste da Quadra mantêm essa mesma preocupação com o volume. A seguir será relatado o início da rádio poste da Quadra, mais um elemento que integra a paisagem sonora do local e disputa espaço até hoje.

### 3.2 A criação da rádio poste

A comunidade da Quadra está localizada em um bairro onde se concentram os principais veículos de comunicação do Estado do Ceará. No quarteirão ao lado da Quadra está localizada a TV União e, do outro lado, o Sistema Jangadeiro. A poucos quarteirões, temos o Sistema Verdes Mares, afiliado da Rede Globo de Televisão, mais influente rede de comunicação do País. E são justamente esses veículos que, muitas vezes, publicam matérias responsabilizando os moradores da Quadra por situações de violência, quase sempre sem escutar a versão das pessoas daquele lugar.

Os jornais estampam, com destaque, os cruzamentos localizados no entorno da Quadra como sendo “os mais perigosos da cidade”<sup>53</sup> ou ainda afirmam ser comum a presença

---

<sup>52</sup> Veja a seguir neste capítulo.

<sup>53</sup> Matéria intitulada “Onda de assaltos provoca terror”, de 15/03/2007, publicada no Jornal *Diário do Nordeste*, tem como legenda de foto: “Cruzamento da Avenida Virgílio Távora com Beni Carvalho é apontado como perigoso” (ver em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=414933>); matéria “O poderio de fogo

de drogas na comunidade. E são justamente essas notícias que chegam ao alcance dos moradores dos prédios da Aldeota, aumentando o temor e a distância em relação à comunidade, cada vez mais excluída do convívio do bairro.

Enquanto o morador assustado do entorno envia um e-mail e faz uma denúncia ao jornal, reclamando da violência na esquina da Rua Beni Carvalho, o morador da Quadra bate na porta da rádio comunitária para fazer um apelo e pedir ajuda para algum vizinho que está precisando de algo. É essa rádio poste, criada em 6 de fevereiro de 1993, por um grupo de jovens moradores da própria comunidade, que tenta compartilhar a sua realidade.

Figura 6 – Caixas de som construídas com zinco pelo morador e um dos fundadores da Rádio GAC, Sr. Zequinha



Fonte: Milena Ribeiro (2013).

Completados 22 anos no ar, a rádio comunitária FM GAC – Grupo de Apoio Comunitário (atualmente com o nome Centro de Comunicação Alternativa) transmite ao vivo os programas através de um sistema de alto-falantes localizados em diferentes pontos da comunidade. São cerca de 15 caixas de som, situadas em postes, desenvolvidas pelo morador

---

do tráfico”, do mesmo jornal, no dia 02/11/2009 (ver em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=686508>); matéria “Homem é baleado ao tentar assaltar”, do dia 31/07/2014, com a legenda: “Adalberto é morador da comunidade das Quadras, na Aldeota...” (ver em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/policia/homem-e-baleado-ao-tentar-assaltar-1.1069118#>).

José Aguiar Viana Filho, o Zequinha, que na época da fundação da rádio trabalhava com serviços de som. As caixas em funcionamento são as mesmas e ainda há pouco tempo era o próprio Zequinha o responsável pela sua manutenção. Ele relata que até hoje os moradores sempre vão avisá-lo quando percebem que uma caixa não está funcionando.

Ao retratar a história das rádios comunitárias, Oliveira (2002) revela que, no Brasil, a partir da década de 1970, as experiências de rádios livres que surgiram foram iniciativas individuais de jovens amantes da tecnologia, como o caso do Sr. Zequinha.

No entanto, na década de 90, as rádios comunitárias surgem com esta nova denominação. Como foi apresentado antes, estas emissoras dividem-se entre rádios utilizadas por políticos, emissoras promovidas por interesses comerciais e rádios organizadas por movimentos sociais e culturais populares (OLIVEIRA, 2002, p. 9).

De acordo com Peruzzo (1998), a comunicação popular representa uma forma alternativa de comunicação e tem sua origem nos movimentos populares dos anos de 1970 e 1980, no Brasil e na América Latina como um todo. Ela não se caracteriza como um tipo qualquer de mídia, mas como um processo de comunicação que emerge da ação dos grupos populares:

A comunicação popular foi também denominada de alternativa, participativa, horizontal, comunitária e dialógica, dependendo do lugar social e do tipo de prática em questão. Porém, o sentido político é o mesmo, ou seja, o fato de tratar-se de uma forma de expressão de segmentos excluídos da população, mas em processo de mobilização visando atingir seus interesses e suprir necessidades de sobrevivência e de participação política. No entanto, desde o final do século passado passou-se a empregar mais sistematicamente, no Brasil, a expressão *comunicação comunitária* para designar este mesmo tipo de comunicação e também outras expressões similares (PERUZZO, 2006, p. 2, grifo da autora).

Observa-se que a rádio da Quadra apresenta algumas das características definidas por Peruzzo (1998): não ter fins lucrativos, ter uma programação voltada para a comunidade local, ter gestão coletiva, prezar pela democratização da comunicação e ser interativa. Também pode ser considerada uma “rádio poste”, por se tratar de uma rádio que funciona em sistema de alto-falante. Medrado (2010, p. 174) confirma a dificuldade de encontrar referências sobre rádio poste na literatura científica: a exceção é a tese de doutorado da Prof<sup>a</sup> Catarina Oliveira (2002), que estuda rádio comunitária e movimentos sociais e utiliza o termo “radiadoras comunitárias” ou “sistemas de alto-falantes”.

Sempre que falo sobre as rádios comunitárias pedem para descrever o que caracteriza o funcionamento dessas emissoras. Tomo essa questão como secundária nessa pesquisa porque defendo que a definição das rádios comunitárias é dada por sua proposta e funcionamento e não somente pelas descrições das características ou competência técnica dessas práticas. Faço essa caracterização através de uma leitura cultural que não se prende ao modelo estético puramente técnico e padronizado da

comunicação legitimada socialmente nem tão pouco idealizo uma proposta de comunicação no sentido do espírito comunitário, solidário e integrado sem ambiguidades (OLIVEIRA, 2002, p. 65-66).

No Brasil, o rádio surge em 1922 no contexto educativo, com a proposta de Roquette Pinto, e logo após assume um enfoque empresarial quando são estabelecidas as empresas radiofônicas. As rádios comunitárias surgem na década de 1980 e se diferenciam na transmissão porque usam sistemas de alto-falantes, algumas assumem o modelo de rádio poste, devido a dificuldades econômicas ou de concessão de canais. Pelo modelo tecnológico, optei por identificar a rádio da Quadra pelo termo “rádio poste”, e a considero como “comunitária” pela questão da produção, já que não se trata de uma rádio empresarial.

Por um lado, verificou-se que as estações de rádio poste (ou LM, em termos técnicos) e os profissionais estão se sentindo cada vez mais a necessidade de legitimar-se. Eles parecem ser muitas vezes considerados como uma forma improvisadas/amadora de mídia impulsionado por iniciativa popular, mas sem ser atribuídos todos os méritos da mídia comunitária, tais como ser capaz de empoderar os excluídos. Por causa de seu alcance se limitar às ruas dos bairros de classe trabalhadora e favelas (em vez de ser transmitido através de ondas de rádio, que pode sempre, mesmo que involuntariamente, ir mais longe) essas estações não são tão comemoradas como as estações de FM. Eles são geralmente considerados como não tendo o potencial de ser tão ameaçador para a ordem (a partir de um ponto de vista conservador) ou de provocar uma alteração (de um ponto de vista ativista). Em outras palavras, se a mídia comunitária são os oprimidos em relação aos meios de comunicação, a rádio poste parece ser os oprimidos das rádios comunitárias<sup>54</sup> (MEDRADO, 2010, p. 178, tradução nossa).

A rádio poste tem suas ambiguidades quanto à participação da comunidade, mas existe a preocupação com uma comunicação que não serve a interesses político-partidários e a propostas comerciais e lucrativas. Nesse caso, o conceito mais ideal de rádio comunitária, participativa, discutida por Peruzzo (1998), ganha sentido no cotidiano das experiências.

Denise Cogo (1998), no prefácio do livro *No ar... rádio comunitária*, em que faz uma pesquisa de campo junto à Rádio Popular Lagoa, uma rádio poste, afirma a existência de diferentes terminologias usadas regionalmente, como rádio popular, rádio comunitária e radiadora. Ela opta por utilizar o termo “rádio comunitária”, por considerá-lo o mais comum na América Latina e condizente com as discussões desenvolvidas, bem como pelos objetivos

---

<sup>54</sup> On one hand, it emerges that the lamp post radio stations (or LM, in technical terms) and professionals are increasingly feeling the need to legitimate themselves. They seem to be often deemed as a form of improvised/amateur media driven by popular initiative but without being attributed all the merits of community media, such as being able to empower the disenfranchised. Because their reach is confined to the streets of the working class neighborhoods and favelas (rather than being broadcast via radio waves, which can always, even if unintentionally, go further) these stations are not as celebrated as the FM stations. They are usually perceived as not having the potential to be as threatening to the order (from a conservative point of view) or as change provoking (from an activist point of view). In other words, if community media are the underdogs in relation to mainstream media, lamp post radio seems to be the underdogs of community radio (MEDRADO, 2010, p. 178).

que as rádios perseguem (COGO, 1998, p. 17-18).

A autora identifica as primeiras experiências de uso das rádios de alto-falante, em 1983, na zona leste de São Paulo e, em 1984, no bairro Guabiraba, em Recife: “Os alto-falantes ou cornetas começam a se consolidar como mais uma opção dentro da diversidade de experiências que constituem a comunicação comunitária” (COGO, 1998, p. 19).

Em Fortaleza, segundo Nunes (2010), as rádios de alto-falantes ganharam força no ano de 1987, com um projeto de rádios comunitárias desenvolvido pela prefeitura<sup>55</sup>. Antes disso, porém, já existiam experiências nesse sentido: Cogo (1998) identifica a Rádio Cura D’Ars, inaugurada no início da década de 1970, na Barra do Ceará, e a criação da rádio de alto-falantes do Jardim Iracema, em 1982. Nos anos posteriores, as rádios se expandiram para outros bairros, contabilizando cerca de 20 rádios no início dos anos 1990 (NUNES, 2010, p. 63).

De acordo com Cecília Peruzzo (1998), o uso de alto-falantes como rádio é uma prática existente no Brasil desde antes do golpe militar de 1964, principalmente ligada a igrejas e estabelecimentos comerciais. Com o Golpe, as rádios foram extintas, tendo retornado às atividades na década de 1980, período de maior destaque. Aos poucos, porém, essas iniciativas foram entrando em declínio, dando lugar às emissoras de rádio de baixa potência, conhecidas como rádios comunitárias, que funcionam em frequência modulada. Peruzzo (1998) explica que na década de 1990 alto-falantes continuam existindo, mas com conotações diferenciadas:

Existe um modelo em que o serviço de som funciona como um produto da comunidade. As organizações comunitárias o administra voluntária e coletivamente. Desenvolvem a programação voltada para a conscientização e mobilização, informa, oferece entretenimento e presta serviço de utilidade pública. Um segundo modelo conserva as características de interesse público, mas é dirigido por uma ou duas pessoas comprometidas com o bem-estar social local. Normalmente são pessoas que gostam do rádio e vêem nessas emissoras um canal para exercitarem sua voz e prestarem um serviço a comunidade. Num terceiro modelo seus idealizadores chegam até a colocar o sistema de som a serviço da comunidade visando melhorias, mas seus interesses são particulares. Querem reconhecimento, prestígio e almejam um emprego nas emissoras convencionais. Um quarto modelo é similar ao anterior, só que os interesses são de ordem comercial. Operam o sistema de som enquanto meio para veiculação de anúncios e outras formas de patrocínio visando ao lucro particular (PERUZZO, 1998, p. 6).

---

<sup>55</sup> “A coordenadora geral desse evento foi a professora Márcia Vidal. Ela era uma das professoras do Curso de Comunicação da UFC e tinha especialização em rádio alternativo realizada no Equador. Esse curso foi ministrado pela Associação Latino-Americana de Educação Radiofônica, ALER. É importante lembrar também que nesse período, 1988, Fortaleza estava sendo administrada pelo Partido dos Trabalhadores, que priorizava em suas políticas sociais a organização e a luta dos setores populares. Dessa forma, a prefeitura e a UFC promoveram o curso de formação de repórteres populares e desenvolveram experiências com sistemas de alto-falantes (Os sistemas de alto-falantes eram chamados de radiadoras comunitárias) nos bairros de periferia da cidade” (OLIVEIRA, 2002, p. 3).

Percebe-se que a rádio na Quadra foi iniciada no primeiro modelo apresentado por Peruzzo (1998), administrada por uma organização de forma voluntária e coletiva. Após o fim do grupo GAC, o comando passou a ser do Sr. Chico Cambista, que até hoje mantém a programação da rádio. O modelo então foi modificado e a rádio passou a se caracterizar pela segunda opção descrita por Peruzzo, em que uma pessoa se compromete com a prestação de serviços para a comunidade através da rádio. Apesar de existir um documento que propõe a gestão de um grupo, na prática a rádio é comandada pelo Sr. Chico, que pelo tempo que atua na rádio, passa a ser reconhecido pela comunidade e adquire prestígio, já entrando nas características do terceiro grupo assinalado por Peruzzo. E o interesse comercial, que aparece no quarto modelo, também é identificado quando ele começa a cobrar os pagamentos dos anunciantes, prática que continua até os dias de hoje.

A ideia da rádio surgiu a partir do Grupo de Apoio Comunitário (GAC), formado por cerca de cinco participantes, jovens moradores da Quadra que já atuavam como voluntários no Centro Comunitário e decidiram ajudar a gestão, sobretudo nas áreas de lazer, eventos e também na comunicação. Durante as entrevistas, foram identificados como participantes do grupo: José Aguiar Viana Filho (Zequinha), José Alberto Alves, Normando Rodrigues, André Gomes e Marcos Antônio “Gojoba”.

De acordo com Zequinha, o grupo percebeu que o então presidente da Associação de Moradores, João Roberto de Carvalho, estava com dificuldades para se comunicar com a comunidade, pois a comunicação era realizada através de um sistema de cornetas que não alcançava toda a extensão da Quadra. Conforme João Roberto, as cornetas eram utilizadas para convocar os moradores para assembleias. Ele lembra que esse sistema já existia em outras comunidades, como a do Edson Queiroz, e que foi trazido para aquela comunidade, na época ainda favela, pelas irmãs da Paróquia São Vicente de Paulo. De acordo com o relato, o sistema de radiadora funcionava através de duas bocas de saída de som viradas para lados opostos, localizadas no centro da comunidade, na rua onde hoje está a rádio.

O idealizador da rádio foi o próprio Zequinha que, por entender dos mecanismos de som, lançou o projeto de, através de um sistema de alto-falantes, instalar uma rádio na comunidade e espalhar caixas de som que pudessem atingir todos os moradores. Segundo Zequinha, a ideia foi rejeitada por apenas um dos integrantes, Normando Rodrigues, que sugeriu a realização de uma pesquisa para verificar se a comunidade estava de acordo com a instalação daquela rádio. Mas o projeto foi levado adiante, sem a realização da pesquisa, pois, de acordo com o idealizador, “a comunidade não teria como saber se gostava de algo que não

conhecia”<sup>56</sup>.

Já Normando Rodrigues se lembra de outros fatos que ocorreram. Ele recorda que foi realizada uma pesquisa<sup>57</sup> para saber a opinião dos moradores e que o grupo que iniciou a rádio era oposição à associação de moradores, na época presidida por João Roberto de Carvalho. O grupo começou a movimentar a comunidade com festas, concursos, desfiles:

A gente pensava que a associação era muito “morta”, não fazia movimento social. E a rádio era mais ou menos isso, um grito de socorro para a comunidade. A gente podia falar o que quisesse na rádio, que a associação não podia intervir, já que [a rádio] não era da associação (Normando Rodrigues, entrevista 12/03/2014).

Na época, Normando Rodrigues reconhece que ele já estava despontando como líder comunitário e tinha uma aproximação com as pessoas da comunidade. “Quando nós acabamos o GAC, foi quando nós entramos na política de verdade da comunidade, porque antes era uma política paralela. Aí nós acabamos com o grupo GAC, pegamos a rádio e juntamos com a associação dos moradores, na minha gestão” (Normando Rodrigues, entrevista, 12/03/2014).

Contudo ele explica que sempre houve um grupo separado da associação que comandava a rádio. Na época, a associação chegou a solicitar recursos ao Governo do Estado para compra de equipamentos da rádio, etc. “Só que o acordo é que a associação não comandaria a rádio comunitária, em nenhuma gestão. E realmente nunca aconteceu. Nenhum presidente comandou a rádio comunitária. Sempre teve um grupo, foi o nosso legado, que comanda a rádio comunitária. Ela é sempre independente” (Normando Rodrigues, entrevista, 12/03/2014).

A rádio comunitária do Conjunto São Vicente de Paulo surgiu, em 1993, dentro de um contexto geral do movimento nacional de “contra-comunicação”, iniciado nos anos de 1970 e que prosseguiu nos anos de 1980 e parte dos 1990. Peruzzo (2006, p. 5-6) explica que esses projetos em geral “envolvem adolescentes e jovens e assumem o misto de mídia comunitária e alternativa, numa dinâmica em que se descobre a comunicação como mediação no processo de formação da autoestima e da cidadania juvenil em áreas carentes”. É interessante perceber o engajamento de um grupo de jovens que, além do interesse pelas festas realizadas no salão da Quadra, organizadas pela Associação dos Moradores, também esteve atento para outras questões, como a própria comunicação entre os moradores.

---

<sup>56</sup> A entrevista foi realizada no dia 9 de março de 2014, na sede da rádio comunitária. Participaram o atual presidente, Chico Cambista, e o idealizador da rádio, conhecido como Zequinha.

<sup>57</sup> Não foi encontrado nenhum registro que confirmasse a realização da pesquisa. Tenho dificuldades em checar certas informações, já que Zequinha contou uma história, e Normando, outra.

De acordo com um dos primeiros locutores da rádio, José Alberto Alves<sup>58</sup>, o grupo conseguiu arrecadar dinheiro com festas, quermesses e desfiles e doação dos próprios participantes para comprar os primeiros equipamentos necessários ao funcionamento da rádio, como o módulo de transmissão e o microfone. Para ele, toda essa mobilização surgiu “da vontade de fazer algo pela comunidade e ajudar na comunicação entre a associação e a comunidade” (José Alberto, entrevista, 09/03/2014).

Figura 7 – Grupo de Apoio Comunitário, formado por Zequinha (2º da esquerda para direita), José Alberto Alves (lado direito de Zequinha) e Normando Rodrigues (de branco)



Fonte: Arquivo Pessoal José Alberto Alves.

Zequinha diz que desde os 20 anos trabalha na associação e que montou tudo com material dele, pois no grupo só quem trabalhava era ele, como marceneiro e motorista. Toda tarde ele trazia material elétrico, conseguiram os alto-falantes de sucatas e vendiam bingos para comprar outros materiais. A primeira mesa de som da rádio foi comprada pelas irmãs missionárias que visitavam a Quadra. Em 1996, a rádio também recebeu a ajuda financeira de uma fundação para aquisição de novos equipamentos e a programação chegou a atingir mais de 60% do conjunto. A troca de equipamento foi possível outras vezes através do dinheiro arrecadado com os comerciantes, prática realizada desde a fundação.

José Alberto Alves apresentava, aos domingos pela manhã, um programa de músicas românticas que abria espaço para recados do coração e realizava sorteios. Ele relata

---

<sup>58</sup> Entrevista realizada em 09/03/2014, na casa do entrevistado, na Quadra.

que antes de iniciar o programa, o grupo visitou outras experiências de rádio, uma delas no bairro Edson Queiroz. Lembra ainda que houve reclamações dos moradores no início, sobretudo em relação aos programas que começavam às 8h, mas que a maioria da comunidade acabou aceitando “por se tratar de um veículo de comunicação importante para a comunidade”.

Catarina Oliveira (2002) relata que percebeu uma diferença significativa nas práticas de radiadoras vividas na década de 1980 e início da década de 1990, quando passou a observar as rádios comunitárias FMs, em 1997, no Estado do Ceará:

Compreendi que essas emissoras [rádios FMs comunitárias] atuavam agora no mesmo espaço radiofônico que as emissoras comerciais e eram diferentes das radiadoras que funcionavam esporadicamente e tinham apenas duas ou três horas de programação diária. Na verdade, os sistemas de alto-falantes, usados como radiadoras comunitárias, só funcionavam nos horários em que não entrassem em choque com o cotidiano do bairro: funcionamento das escolas, horário da missa e da exibição das novelas. As rádios FMs comunitárias por sua vez ficavam no ar entre onze e quatorze horas por dia e passavam a ser sintonizadas pelo próprio ouvinte, oferecendo opção de escolha para os receptores (OLIVEIRA, 2002, p. 6-7).

No início da rádio na Quadra, foram instaladas apenas seis caixas de som em uma região específica para que o grupo pudesse perceber a reação dos moradores. Isso demonstrou a preocupação com a aprovação das pessoas, sobretudo por se tratar de um meio de comunicação que entra nas casas, sem ter a opção de ser interrompido. Por essa característica invasiva, Zequinha relatou situações em que moradores chegaram a cortar o fio de uma das caixas que estava próxima de sua casa ou mesmo da rádio ter sido denunciada para órgãos fiscalizadores do governo, momento em que chegou a ser interdita pelo líder comunitário da época, que temia ser responsabilizado por alguma infração – apesar de a rádio não ser de frequência modulada e não infringir nenhuma lei. Normando afirma que até hoje a rádio tem problemas com a comunidade.

Em um primeiro momento, percebe-se que a rádio surgiu a partir da demanda dos próprios moradores e conseguiu se manter por cerca de um ou dois anos nessa administração coletiva e voluntária. Por volta de 1996, por divergências entre seus fundadores e por questões pessoais, como emprego, casamento, o GAC se desfez e a rádio passou a fazer parte da Associação de Moradores na gestão de Normando Rodrigues como presidente e Zequinha como vice-presidente. Normando relata que, nessa época, transferiu a direção da rádio para o grupo de Chico Cambista.

De acordo com Normando Rodrigues (entrevista, 12/03/2014), sempre houve a preocupação em manter um grupo separado da Associação de Moradores para comandar a

rádio. Ele explicou que, por algumas vezes, na composição das chapas, existia alguém que seria o responsável pela rádio, para que não ficasse nas mãos do presidente da associação. Zequinha, Sandra Monteiro e depois Chico Cambista já foram responsáveis pela rádio.

Já Chico Cambista me explicou que com a entrada de um novo presidente da Associação dos Moradores, Antônio Cordeiro Viana (Piçarra), após a gestão de Normando, a rádio passou a ser administrada pela associação. Após um período de conflito entre a associação de moradores e os realizadores da rádio, o grupo liderado por Chico Cambista elaborou um documento que declarava estar a rádio sob o comando de um grupo gestor formado por seis pessoas, independente da Associação Comunitária, mas sujeita a sua apreciação.

Em 2007, a rádio ganhou novo nome: “Centro de Comunicação Alternativa”, a partir de um acordo realizado entre membros da Associação de Moradores e integrantes da rádio. E, hoje, Chico Cambista continua à frente da rádio e atuou como vice-presidente da associação, após conquista eleitoral em 2013. Essa situação vai de encontro ao que Normando afirmou de nunca a rádio ter sido comandada por membros da gestão da associação de moradores.

Apesar de muitas rádios poste terem encerrado suas atividades, o grupo na Quadra ainda resiste e é responsável por produzir os programas e manter os equipamentos com o dinheiro arrecadado com comerciantes locais que divulgam seus produtos na rádio. De acordo com Chico Cambista, são cerca de 15 comerciantes que contribuem com a quantia de R\$16,00 mensais para ter seus produtos divulgados. Os anúncios são realizados todas as manhãs pelo próprio Chico Cambista<sup>59</sup>.

### ***3.2.1 Os programas da rádio***

Nesses 22 anos, a rádio teve função importante no registro do cotidiano dos moradores e na difusão de informações de interesse local. Desde o início, os integrantes se preocuparam em levar entretenimento e diagnosticar as demandas internas, com dicas de empregos e serviços de utilidade pública, abrindo espaço para campanhas educativas e de saúde, anúncios de eventos e apelos, feitos por pessoas do local e de outras regiões.

A rádio da Quadra foi iniciada por um grupo de moradores jovens que voluntariamente se colocou à disposição da associação para colaborar com a comunicação na

---

<sup>59</sup> Veja à frente como os anúncios são realizados a partir de relato de um programa acompanhado por esta pesquisadora.

comunidade. Normando Rodrigues era responsável pelo programa sobre esporte chamado “Bola na rede”, realizado aos domingos pela manhã. Sandra Monteiro apresentava um programa sobre saúde da mulher, aos sábados pela manhã. José Aguiar Viana, o Zequinha, que foi o idealizador da rádio e organizou a grade de programação durante o período em que o GAC esteve à frente da rádio, chegou a apresentar um programa sobre a Jovem Guarda por um período de seis meses, mas, após o fim do GAC, afastou-se da programação e ficou apenas na manutenção dos equipamentos.

Percebe-se que o grupo que participa ativamente da rádio é restrito a um número reduzido de moradores, entre cinco e oito pessoas. Chico Cambista e João Roberto Carvalho foram os únicos da época dos primeiros anos da rádio que ainda continuaram apresentando programas por alguns anos. Chico Cambista é o atual presidente da Rádio, e João Roberto foi o primeiro líder comunitário e já apresentou um programa religioso chamado “Despertar para a vida”<sup>60</sup>.

É interessante notar o envolvimento desses jovens e a participação ativa deles na gestão da associação dos moradores. Um dos integrantes chegou a afirmar que, com o início da rádio, o grupo responsável pelo projeto, o Grupo de Apoio Comunitário, chegou a ter uma repercussão maior do que a própria gestão da associação entre os moradores na época. Integrantes do grupo passaram, posteriormente, a integrar gestões da associação dos moradores. Isso mostra que ou já havia algum interesse político dos jovens ou esse interesse surgiu com a experiência na rádio. De toda forma, essa experiência mostrou-se integradora e coletiva, envolvendo um grupo que participava ativamente na produção de programas que contagiavam a comunidade.

Apesar da reação inicial negativa dos moradores, ocasionada pelo excesso de programas, o grupo conseguiu definir uma grade de programação mais adequada e passou a ser aceito pela maioria da população. Foram relatados ainda alguns confrontos com moradores que chegaram a cortar os fios das caixas de som, mas o histórico é de aceitação e os 22 anos de existência da rádio comprovam isso.

Assim como outras experiências e projetos de comunicação comunitária na Quadra, a exemplo dos jornais *O Revolucionário* e *Voz da Quadra*, o projeto da rádio sob a gestão coletiva dos jovens teve uma curta duração e foi desfeito devido a problemas entre os integrantes e também pela falta de renovação do grupo que, aos poucos, ia deixando a rádio diante do aparecimento de novas responsabilidades, como casamento, filhos, estudos ou a

---

<sup>60</sup> De acordo com o Sr. Chico, em entrevista realizada no dia 01/02/2015, Sr. João Roberto deixou de apresentar o programa e não deu explicações sobre o fim. Sr. Chico mostrou-se chateado por ele não ter avisado.

entrada na política da comunidade. Com o fim do grupo fundador, percebe-se que poucos integrantes continuaram a realizar programas. Muitos iniciaram sua participação política na Associação dos Moradores ou perderam a vontade de participar. De acordo com Normando Rodrigues (entrevista, 12/03/2014), “quem foi se desiludindo com a política da comunidade, acabou saindo da rádio”.

Atualmente, a rádio funciona todos os dias, com a média de um programa por dia, com duração de uma hora. Os informes e anúncios de comerciantes são realizados todos os dias pela manhã, de segunda a sábado, por Chico Cambista, que antes de sair para trabalhar passa na rádio, por volta das 9h. As manhãs de domingo são dedicadas ao programa “Recordar é viver”, com músicas clássicas da MPB e brega, apresentado por Chico Cambista, das 9h30min às 11h. Nas tardes de segunda a sexta-feira, alguns programas religiosos foram ao ar, principalmente das 16h às 17h. São programas evangélicos e católicos. Atualmente, apenas um programa evangélico está no ar, das 16h às 17h, às quintas-feiras. Escutei alguns comentários sobre um programa apresentado por irmãs católicas que não moram na Quadra, às segundas-feiras, mas sem uma frequência definida.

O artista plástico Dante Diniz foi um dos importantes colaboradores que também não moravam na Quadra. Começou em 1995 a produzir um programa informativo chamado “Latitude 40°”, antes realizado uma ou duas vezes na semana, pela manhã. Após a aposentadoria do apresentador, que integrava os quadros do Governo do Estado e prestava serviço na Quadra, o programa passou a ser feito esporadicamente em 2014 e em 2015 já não foi mais apresentado.

Dante também era o responsável por fazer as gravações dos anúncios dos comerciantes, e foi ele que incentivou o Sr. Chico a iniciar o recolhimento dos patrocínios locais. Ele fez uma última gravação no segundo semestre de 2014, que o Sr. Chico continuava usando em 2015, apenas completando com novos anúncios que não estavam na gravação do CD. De acordo com Sr. Chico, a gravação era realizada na casa de um morador que trabalhava com som.

Atualmente, a produção dos programas é feita por colaboradores e moradores que se responsabilizam por um programa semanal, e a participação dos moradores demonstra ser esporádica. Bordenave (1983, p.18) explica que a “não participação” seria um fenômeno da marginalidade, ou seja, “ficar de fora de alguma coisa, às margens de um processo, sem nele intervir”. Mesmo a participação sendo inerente à natureza social do homem, há situações em que ele pode optar por não participar.

A frustração da necessidade de participar constitui uma mutilação do homem social. Tudo indica que o homem só desenvolverá seu potencial pleno numa sociedade que permita e facilite a participação de todos. O futuro ideal do homem só se dará numa sociedade participativa (BORDENAVE, 1983, p. 17).

A participação dos moradores é feita principalmente durante os programas de rádio. Os próprios locutores ainda buscam essa participação, muitas vezes, de forma direta, falando com os ouvintes e respondendo a suas críticas e demandas durante o programa. Trago a seguir formas de participação identificadas na rádio, além dos ouvintes, dois exemplos de grupos que conseguiram se aproximar da rádio: os jovens do grupo União de Jovens com Cristo (Unijocc)<sup>61</sup> e as mulheres da igreja evangélica Videira Verdadeira. Os jovens, mesmo convivendo com as diversas paisagens sonoras da Quadra, ainda ensaiaram uma aproximação com a rádio, através da realização de um programa aos sábados. Já as mulheres evangélicas, com o interesse de difundir a fé e conquistar corações na Quadra, local dividido entre várias religiões, conseguiram uma relação interessante de participação, através de um grupo de mulheres que se revezava e se disponibilizou a fazer os programas.

---

<sup>61</sup> O grupo existe há 26 anos “com a missão de evangelizar através do amor e a fé em Deus”. No site eles afirmam que “são uma família, regada apenas pela união e o amor que nos une a um só pai, Deus, todo poderoso e a uma só mãe, Maria Santíssima”. Diz ainda que “desde sua fundação, a JMV – UNIJOCC faz diferença na Comunidade, procurando sempre, com a ajuda de Deus, levar esperança aos jovens e aos demais residentes, bem como celebrando as datas comemorativas religiosas locais com atividades diversas, e participando nos focos associativos locais”.

#### 4 PARTICIPAÇÃO: os ouvintes e os grupos religiosos

Todavia, é erro imaginar que participação é apenas utopia. É realizável sim, muito embora nunca de modo totalmente satisfatório. Por isto mesmo a definimos como processo imorredouro de conquista. Nunca será suficiente, porque vive da utopia da igualdade, da liberdade e da fraternidade totais. Não é dada, é criada. Não é dádiva, é reivindicação. Não é concessão, é sobrevivência. Participação precisa ser construída, forçada, cultivada, refeita e recriada. Nem pode faltar o entusiasmo e a fé nas potencialidades de quem à primeira vista pareça de tudo destituído e imerso só em pobreza (DEMO, 1986, p. 67-68).

A rádio da Quadra é um instrumento de luta da comunidade. Apesar da pequena quantidade de programas realizados atualmente, verifiquei que é possível afirmar que esse meio de comunicação tem potencial de mobilização. Kaplún (1985) discute os meios para se ter uma comunicação social democrática e eficaz. Para ele, a comunicação deve estar a serviço de processo educativo transformador, em que os sujeitos destinatários vão compreendendo criticamente sua realidade e adquirindo instrumentos para transformá-la, decidindo ter como meta o diálogo e a participação (KAPLÚN, 1985, p. 67).

O autor levanta a questão de como fazer com que todos participem pessoalmente da produção de um veículo de comunicação comunitária, mas conclui que isso não é possível. “Certamente, não é possível imaginar mensagens elaboradas por TODA uma comunidade. Sempre será necessária uma equipe responsável, grupo encarregado que assuma a produção”<sup>62</sup>.

Mas, se esta equipe é criativa e, em vez de se sentir emissor exclusivo e privilegiado, se situa como facilitador, animador e organizador da comunicação, pode encontrar formas e caminhos para que os meios gerem um diálogo cada vez mais compartilhado, tornando-se gradualmente mais e mais abertos à participação de seus destinatários<sup>63</sup> (KAPLÚN, 1985, p. 67, tradução nossa).

Desde o começo eu já sabia que a rádio era comandada por uma única pessoa, Sr. Chico Cambista, e que os jovens não participavam mais do veículo. Parecia até que Sr. Chico estava sozinho, mas sempre que escutava alguém falar sobre a rádio, seja jovem ou idoso, era possível entender que o veículo fazia, sim, parte da história da comunidade. Criada como

<sup>62</sup> “Ciertamente, no es posible imaginar mensajes elaborados por TODA una comunidad. Siempre será necesario un equipo responsable, un grupo encargado que asuma su producción.” (KAPLÚN, 1985).

<sup>63</sup> “Pero si este equipo es creativo y, en lugar de sentirse emisor exclusivo y privilegiado, se sitúa como facilitador, como animador y organizador de la comunicación, puede encontrar formas y caminos para que los medios vayan generando un diálogo cada vez más compartido, y se vayan haciendo gradualmente más y más abiertos a la participación de sus destinatários.”(KAPLÚN, 1985, p. 67).

instrumento de apoio a uma antiga instituição, a associação de moradores, o grupo não havia se renovado e a rádio continuava a ser gerida por um morador que mantinha relações com essa associação<sup>64</sup>. Contudo o campo me mostrou que havia tentativas de participação, com os seguintes seguimentos: a) ouvintes; b) grupos religiosos (os jovens católicos e as mulheres evangélicas).

#### **a) Ouvintes**

Demo (1986) trata a participação como uma conquista, que não pode ser entendida como uma dádiva ou concessão: “é um processo, no sentido legítimo do termo: infindável, em constante vir-a-ser” (DEMO, 1986, p. 18). Recorrendo à formação etimológica da palavra “participação”, Bordenave (1983) explica as diferenças entre “fazer parte, tomar parte ou ter parte”, e diz que é possível “fazer parte, sem tomar parte” (BORDENAVE, 1983, p. 22-23). O que faz lembrar a participação de alguns ouvintes que, no momento em que vão à rádio pedir a divulgação de um evento, estão “fazendo parte”, mas por não se mobilizarem em torno da organização de um programa ou por não pensarem a utilização da rádio em um momento de conflito, não chegam a “tomar parte”.

O enfoque que Bordenave (1983) traz para o termo participação não se trata apenas de uma recepção passiva, como a dos ouvintes, mas de uma intervenção ativa, feita através da tomada de decisão, “um processo coletivo transformador, às vezes contestatório, no qual os setores marginalizados se incorporam à vida social por direito próprio e não como convidados de pedra, conquistando uma presença ativa e decisória nos processos de produção, distribuição, consumo, vida política e criação cultural” (BORDENAVE, 1983, p. 20).

Durante as visitas de campo, principalmente ao acompanhar o programa do Sr. Chico, observei algumas vezes a presença de moradores que iam simplesmente pedir a divulgação de alguma atividade, seja um bazar, eventos para arrecadar dinheiro, ou até mesmo um recado. Acompanhei uma vez a visita de um membro do grupo de jovens católico pedindo para anunciar uma feijoada visando arrecadar dinheiro para a Via Sacra. Já havia visto garotos do grupo solicitando outras divulgações, como eventos realizados com as crianças e a própria Via Sacra.

Em um outro dia, acompanho a entrada de um morador que elogia a música. Sr. Chico diz que é de 1947, feita pelo “Rei do Baião” (Luiz Gonzaga), e os dois continuam a

---

<sup>64</sup> Sr. Chico chegou a reconhecer que havia sido vice-presidente de quase todas as chapas que assumiram a associação de moradores.

conversar sobre as músicas e relembrar de amigos e situações antigas. Aquela foi a primeira vez que via um ouvinte indo ao programa do Sr. Chico falar sobre música, fora o Sr. José Milomes, que ia sempre pedir a sua música, como já foi narrado.

Essas são participações situacionais na rádio, de forma pontual, de acordo com as necessidades dos moradores. Peruzzo (2007), em seu estudo sobre a dimensão pública e a participação cidadão na mídia local, toma por base os níveis de participação definidos por Merino Utreras (1988 *apud* Peruzzo), que são: participação nas mensagens; participação na produção de mensagens, materiais e programas; participação no planejamento; participação na gestão. A grande parte dos moradores da Quadra participa do nível mais elementar, nas mensagens:

Em suma, a participação das pessoas pode tanto se concretizar apenas em seu papel como ouvintes, leitores ou espectadores, como significar o tomar parte dos processos de produção, planejamento e gestão da comunicação. Os níveis mais avançados postulam a permeação de critérios de representatividade e de coresponsabilidade, já que se trata de exercício do poder de forma democrática ou compartilhada (PERUZZO, 2007, p. 10).

Outra situação que presencio de participação dos ouvintes é quando algum morador falece. No caso, quando a mãe da Érika, uma das jovens do grupo católico, faleceu, Sr. Chico colocou uma música fúnebre e anunciou a morte na rádio. Eu estava na Quadra no dia do enterro e escutei. Depois, ele me confirmou que sempre coloca a música fúnebre quando alguém morre ou no convite da missa de sétimo dia.

Em outra ocasião, percebi a participação da própria associação de moradores. Um dos seus membros foi no dia do programa dominical do Sr. Chico e pediu para que ele anunciasse o nome das senhoras mais idosas da comunidade que foram homenageadas no Dia das Mães, e agradecer aos patrocinadores que doaram os presentes para o evento realizado pelo associação. Percebo a interação da nova associação com a rádio, já solicitando a divulgação dos eventos e indo até lá informar o assunto, além de terem usado a rádio durante a semana para divulgar o evento, como relatado pelo próprio Sr. Chico.

De acordo com Bordenave (1983, p. 12-16), “a participação facilita o crescimento da consciência crítica da população e fortalece seu poder de reivindicação”, sendo uma necessidade fundamental do ser humano, não só um instrumento para solução de problemas. O autor define duas bases complementares da participação: a base afetiva, quando se tem prazer em fazer algo com o outro, e a base instrumental, quando é mais eficiente fazer junto.

Estas duas bases – afetiva e instrumental – deveriam equilibrar-se. Porém, às vezes, elas entram em conflito e uma delas passa a sobrepor-se à outra. Ou a participação torna-se puramente “consumatória” e as pessoas se des preocupam de obter

resultados práticos – como numa roda de amigos bebendo num bar – ou ela é usada apenas como instrumento para atingir objetivos, como num “comando” infiltrado em campo inimigo. (BORDENAVE, 1983, p. 16)

D. Fátima, moradora bastante atuante na comunidade, um dia entrou no estúdio para pedir a divulgação da reunião do Conselho de Saúde. Observei aí uma participação instrumental, pois ao invés de tratar os assuntos discutidos no Conselho de Saúde, D. Fátima vai à rádio apenas para divulgar as reuniões. Ela comentou que precisava divulgar com antecedência, porque as pessoas “não gostavam de participar”. Talvez se fossem estimuladas a discutir o assunto através da rádio, isso despertasse mais a atenção dos moradores. D. Fátima conversa bastante e se apresenta como também fazendo parte da rádio comunitária, pois fez inclusive um curso de locutor e tem certificado. E, apesar disso, não se interessa em fazer um programa na rádio. “É porque a gente assim não se engaja na rádio comunitária para formar programa na comunidade. Mas eu pelo menos tenho certificado de locutor”, revela Sr. Chico lembra que foi na época que ele também realizou o curso.

Bordenave (1983) aponta ainda diferenças na participação ativa: enquanto uns são parte de uma associação e dedicam lealdade e responsabilidade, outros facilmente abandonam aquela organização por outra. Na rádio, identifiquei que Sr. Chico é o único integrante que continua a dedicar parte de seu tempo a ela, por isso muito vezes é visto como sendo o “dono da rádio”. Já a maioria dos outros moradores que apresentavam programas, parou de fazê-los.

Percebe-se que há uma tendência dos teóricos em idealizar a participação dos indivíduos nos meios comunitários, mas, na prática, identifiquei que, no caso da rádio da Quadra, os moradores participam de forma pontual, não “tomando parte” da gestão e nem da produção. A rádio tem um uso instrumental, em que os moradores chegam para divulgar uma mensagem. Os ouvintes, por sua vez, têm o menor grau de participação, segundo esse autor, que é o de informação. Eles são informados de decisões e assuntos já finalizados.

Entre as barreiras para a participação, verifiquei que na rádio o próprio Sr. Chico, presidente do veículo, dificulta a participação dos moradores, pois ao centralizar a gestão na sua pessoa, sem incluir o grupo gestor – que existe, mas não atua – ou tentar incluir mais pessoas, ele se isola e fecha as portas da rádio. Bordenave (1983) explica que “as qualidades pessoais do líder atuam a favor da participação ou dificultam, assim como a filosofia social da instituição ou do grupo. Atribui o papel meramente instrumental à participação e não deseja abrir mão do controle do processo” (BORDENAVE, 1983, p. 39).

É o mesmo caso da Quadra, em que os moradores vão até o estúdio pedir divulgação, mas não participam de ações mais comprometidas com o funcionamento da rádio,

pois o controle do processo está nas mãos do Sr. Chico. Peruzzo (2007) relaciona ser esse um dos motivos para que em alguns casos existam experiências de grande participação e outras que chegam a ser quase nulas:

Ou seja, existem casos em que poucas pessoas, que são ou se dizem representantes, conduzem o processo de implantação e gestão de canais comunitários de modo isolado e autoritário, com baixíssima participação das organizações sociais locais. Seja por esperteza de lideranças que se alvoram como representantes da sociedade civil, seja por falta de envolvimento e interesse das pessoas ou de organizações comunitárias sólidas, ou até por falta de oportunidade para uma participação ativa, o fato é que vêm se formando canais comunitários, não muito comunitários, no sentido da carência de um processo partilhado de ação, embora possam estar agindo em favor da “comunidade”. (PERUZZO, 2007, p. 52)

Para Bordenave (1983) “na medida em que a estrutura de uma organização seja flexível e descentralizada, a participação desenvolve-se mais naturalmente” (BORDENAVE, 1983, p. 44-45). Muitas vezes as pessoas querem participar, mas não conseguem, como talvez seja o caso da D. Fátima, que se mostrava bastante atuante nas reuniões e estava sempre presente na rádio. Bordenave (1983) explica que a “não participação” seria um fenômeno da marginalidade, ou seja, “ficar de fora de alguma coisa, às margens de um processo, sem nele intervir”. Mesmo a participação sendo inerente à natureza social do homem, há situações em que ele pode optar por não participar (BORDENAVE, 1983, p.18):

A frustração da necessidade de participar constitui uma mutilação do homem social. Tudo indica que o homem só desenvolverá seu potencial pleno numa sociedade que permita e facilite a participação de todos. O futuro ideal do homem só se dará numa sociedade participativa. (BORDENAVE, 1983, p. 17)

Demo (1986) afirma que a falta de participação não deve ser considerada como um problema, mas um ponto de partida:

Assim, dizer que não participamos porque nos impedem, não seria propriamente o problema, mas o ponto de partida. Caso contrário, montaríamos a miragem assistencialista, segundo a qual somente participaríamos se nos concedessem a possibilidade [...] Se partirmos da idéia de que o espaço de participação precisa ser conquistado, centímetro por centímetro, o que ocorre muitas vezes é que não podemos andar a metro, mesmo porque todos os processos participativos possuem a característica da profundidade e de certa lentidão. (DEMO, 1986, p. 19)

Certa vez, em conversa com Sr. Chico, falo um pouco sobre a minha pesquisa e, pela primeira vez, digo que queria pesquisar a relação dos jovens com a rádio (na época era o que eu imaginava que iria estudar). Ele logo se explica, dizendo que está aberto à participação dos jovens, mas condiciona isso à reforma da rádio, “pois só quando a rádio estivesse reformada, os jovens poderiam querer participar”, afirma.

Em vários momentos, escutei Sr. Chico falando que estava fazendo a rádio, mas

não sabia até quando iria continuar, e que os jovens deveriam dar continuidade àquele projeto. O único programa que estava no ar era o dele, que, em 2015, completaria 20 anos. Falei que deveria ter uma grande comemoração, ele se animou, porém ao mesmo tempo mostrou-se um pouco chateado pelos programas que saíram do ar sem nenhuma explicação. “Mas que é assim, as pessoas fazem o programa quando querem e, quando acaba, não avisam”, disse ressentido.

Toro e Werneck (2007) lembram que a participação é um ato de liberdade, logo, uma escolha. “As pessoas são chamadas, convocadas, mas participar ou não é uma decisão de cada um. Essa decisão depende essencialmente das pessoas se verem ou não como responsáveis e como capazes de provocar e construir mudanças” (TORO&WERNECK, 2007, p. 13-14). Para os autores, a participação deve ser vista como um valor democrático:

Quando uma sociedade entende que é ela que constrói a ordem social, adquire a capacidade de autofundação, de construir a ordem desejada. Ela supera o fatalismo e percebe a participação, a diferença e a deliberação de conflitos como recursos fundamentais para a construção da ordem social. A participação deixa de ser uma estratégia para converter-se em essência, no **modo de vida da democracia** (TORO e WERNECK, 2007, p. 29, grifo do autor)

## **b) Grupos religiosos**

No caso do programa evangélico, percebe-se um uso da rádio que parece se voltar exclusivamente para a religião, e não para a construção do próprio veículo ou fortalecimento da comunidade. Pelo interesse das três igrejas evangélicas presentes na Quadra em realizar programas na rádio, fica evidente que eles percebem o veículo como um instrumento de mobilização para a difusão da religião evangélica. Mais um veículo para transmitir as mensagens e tentar convencer os ouvintes a se engajar na religião. Visão que não se observa no grupo católico Unijocc, que apesar de ser formado por jovens, que poderiam ser mais disponíveis e até criativos, não conseguiram se manter na rádio.

Em conversa com Sr. Zequinha, ele compara a falta de capacidade do grupo de jovens católicos de fazer algo na rádio com a enorme quantidade de evangélicos que já tiveram programas e continuam querendo fazer. “Porque se deixarem, eles [os evangélicos] tomam conta”, afirma Zequinha. Para ele, é preciso ter um limite, caso contrário seria uma rádio só de cultos e não mostraria a diversidade de religiões existente na Quadra.

Em sua pesquisa etnográfica sobre a rádio poste do bairro Pau de Lima, em

Salvador, Medrado (2013) ressalta a complexidade que é interpretar a atuação das rádios evangélicas nas comunidades, que, em alguns momentos, “servia como uma importante ferramenta de auto-expressão, mas que, ao mesmo tempo, não foi impecável, privilegiando-se interesses de alguns grupos sobre outros.” (MEDRADO, 2013, p. 411-412). A mesma autora reflete que esse uso da rádio pelos grupos religiosos também pode muitas vezes entrar em conflito com o que é tradicionalmente entendido como rádio comunitária, mas que a experiência não deve ser ignorada.

Se alguém interpreta a literatura dos meios de comunicação comunitários de forma estrita, seria levado a ignorar algumas dessas estações de rádio locais e programação como sendo meramente religiosas e, conseqüentemente, não exemplos legítimos dos meios de comunicação comunitários. No entanto, ao adotar esta abordagem simplista, é fácil perder as maneiras em que o rádio sendo produzido por moradores de favelas é muitas vezes profundamente comunitário, mesmo se a presença de programação evangélica e da influência exercida pelas igrejas sobre estas estações contradizer parte do núcleo de princípios dos meios de comunicação comunitários (Girard, 1992) (MEDRADO, 2013, p. 398, tradução nossa)<sup>65</sup>

Apesar de ser maioria, já que são três igrejas evangélicas nesse espaço pequeno de apenas dois quarteirões, a Quadra foi formada com o apoio da igreja católica e contou com uma forte presença deles em sua formação. Percebi um respeito da igreja evangélica em relação a essa história, como se ela “pedisse licença” para ocupar um espaço já conquistado anteriormente pelos católicos. São constantes os cuidados das apresentadoras com o volume do som, preocupação em terminar na hora, em passar a mensagem de forma clara, na escolha de um repertório que também agrade aos católicos.

Em seu artigo sobre o som, espaço e carisma em uma favela do Rio de Janeiro, Oosterbaan (2009, p. 81) afirma que o som e a música são poderosas ferramentas para exercer uma política de presença na favela. O autor fala sobre o fato dos pastores e músicos da igreja acreditarem que os sons que emanam de suas igrejas podiam ser escutados por outros habitantes, o que representaria um elemento importante de “espalhar a mensagem permitindo a transmissão do Espírito Santo”:

Como argumentei em relação aos programas de rádio evangélicos, a afinidade eletiva entre o pentecostalismo e tecnologia eletroacústica é sustentada pela ideia de que os dons do Espírito Santo (carismas) são encaminhados diretamente para o crente, sem mediação, muito da mesma maneira como a música – e de som em geral

---

<sup>65</sup> If one interprets the community media literature strictly, one would be led to disregard some of these local radio stations and programming as being merely religious and, consequently, not legitimate examples of community media. Yet, by adopting this simplistic approach, it is easy to miss the ways in which the radio being produced by favela residents is often deeply communal, even if the presence of Evangelical programming and the influence exerted by the churches over these stations contradict some of the core principles of community media (Girard, 1992) (MEDRADO, 2013, p. 398).

– é experimentada como uma força imediata que nos toca profundamente (OOSTERBAAN, 2009, p. 90-91, tradução nossa)<sup>66</sup>.

A seguir, busco analisar as tentativas de participação do grupo de jovens da igreja católica Unijocc e a atual participação do grupo de mulheres evangélicas da igreja Videira Verdadeira na rádio da Quadra. Através das observações dos receptores e de entrevista com eles, e não um estudo de recepção, foi possível perceber as características dessa participação no veículo comunitário. Trago dois grupos religiosos, os jovens católicos e as mulheres evangélicas, pois reflete o contexto atual da rádio que tem na programação uma predominância de programas religiosos. São eles que ainda se interessam em participar da rádio, além do Sr. Chico. São também grupos importantes na comunidade, inclusive pelas situações de conflitos que existem no local, as problemáticas sociais das juventudes e a questão das drogas.

Os grupos convivem com diversas paisagens sonoras na Quadra, mas chegaram até a rádio para tentar fazer um programa. Eles conseguem ver a rádio além das outras sonoridades, enquanto os outros moradores convivem com as paisagens sonoras, mas não têm interesse de ir até a rádio fazer um programa. Isso não leva a comprovar que eles não escutem, porque não era essa a proposta do trabalho, mas a não ida à rádio comprova a pouca participação ou formas de participação mais situacionais, como para pedir anúncios, ajudas, divulgar eventos, etc.

#### **4.1 Participação na produção da rádio: os jovens católicos do grupo Unijocc**

##### **4.1.1 Aproximação com os jovens**

No dia 31 de agosto de 2014, chego ao Conjunto Habitacional São Vicente de Paulo (Quadra)<sup>67</sup>, às 9h30min, e em conversa pelo celular fico sabendo que a Alexandrina se encontrava na Quadra em um evento de recreação para crianças, no novo salão. O evento era organizado pelo grupo Unijocc, e dele participavam alguns integrantes do jornal *Voz da Quadra*.

---

<sup>66</sup> As I have argued in relation to evangelical radio shows, the elective affinity between Pentecostalism and electroacoustic technology is sustained by the idea that the gifts of the Holy Spirit (charismata) are conveyed directly to the believer without mediation, much in the same way music – and sound in general – is experienced as an immediate force that touches us profoundly (OOSTERBAAN, 2009, p.90-91).

<sup>67</sup> Existe uma falta de definição quanto ao nome do conjunto: alguns chamam de São Vicente de Paulo, e outros, de São Vicente de Paula. O nome mais comum utilizado é mesmo Quadra. Neste trabalho uso o nome São Vicente de Paulo e Quadra.

Representantes do grupo de jovens vão até a rádio e pedem que Sr. Chico anuncie o evento, para convidar as crianças. Foi impossível acompanhar o que eles falaram, porque apesar de ser do lado da rádio, o som mecânico que estava ligado no salão para animar as crianças impossibilitou a escuta. Nesse dia, resolvo ficar no evento e sou convidada para participar da oração que seria seguida do início das atividades, com a abertura dos portões para a entrada das crianças, que já formavam fila. Fui colocada no grupo que estaria responsável por pintar as unhas das crianças<sup>68</sup>.

Figura 8 – Atividade do grupo Unijocc com crianças na Quadra



Fonte: Arquivos Unijocc (maio/2015).

Passei a manhã pintando as unhas de crianças pequenas, entre 4 e 10 anos de idade. Chegou o momento, como explica Malinowski (1976), de deixar de lado o bloco de notas e o lápis e intervir no que está a passar.

Neste tipo de trabalho, é ainda aconselhável que, de vez em quando, o Etnógrafo ponha de lado a máquina fotográfica, o bloco de notas e o lápis e intervenha no que se está a passar. Pode participar nos jogos dos nativos, pode acompanhá-los nas suas visitas e passeios, sentar-se ouvindo e partilhando as suas conversas. Não sei se isto é igualmente fácil para toda a gente – talvez a natureza eslava seja mais plástica e espontaneamente mais selvagem do que a dos europeus ocidentais -, mas embora o grau de sucesso possa variar, todos devem tentar. Destes mergulhos na vida dos nativos - que eu empreendi frequentemente não apenas devido ao estudo mas porque toda a gente precisa de companhia humana – emerge sempre a clara sensação de que o seu comportamento e a sua maneira de ser, em todos os tipos de operações tribais, se tomavam mais transparentes e facilmente compreensíveis do que me eram antes. (MALINOWSKI, 1976, p. 33-34)

<sup>68</sup> Dentre as várias brincadeiras (equilibrar uma laranja em uma colher, correr, pintarem papel), as pinturas de unha faziam enorme sucesso. Não estranhei a atividade no meio a tantas atividades infantis recreativas e educativas, pois tenho uma sobrinha de cinco anos (na época), e sabia o quanto ela gostava de pintar as unhas.

Nunca tinha participado dos eventos promovidos pelo grupo de jovens com as crianças na Quadra, mas já havia colaborado com roupas para bazar, dinheiro para compra de presentes do dia das crianças ou para o sopão para moradores de rua. Participando desse evento<sup>69</sup> com as crianças, me aproximo dos outros jovens do grupo que não conhecia e que participaram do programa na rádio.

Para tentar entender em parte essa relação dos jovens do Conjunto Habitacional São Vicente de Paulo com a rádio comunitária, optei por conversar com quatro jovens que participam do grupo de jovens Unijocc da igreja católica. Esse grupo foi escolhido por saber que eles participaram da rádio recentemente e eu já ter iniciado um contato com os jovens no evento com as crianças. Decidi então “trabalhar apenas com os relatos que os entrevistados decidirem contar”, como explica Morley (1996) ao reconhecer os limites da etnografia nas investigações sobre a recepção em televisão.

Após esta constatação, decido então conversar com os jovens sobre a rádio, de forma mais espontânea possível, mesmo sabendo que é impossível chegar a saber algo com certeza sobre as outras pessoas, como explica Clifford (1986 *apud* Morley, 1996). Definimos pessoas<sup>70</sup> que tivessem alguma relação com a rádio da Quadra e, para minha surpresa, posteriormente estariam envolvidas em projetos na rádio<sup>71</sup>. A ideia seria que esses jovens pudessem contar o que ouviam ou sabiam sobre a rádio, assim como trata Martín-Barbero (1992, p. 33) ao explicar o trajeto metodológico utilizado por ele, “que leva o ver com a gente ao dar-lhes a possibilidade de contar o visto”.

Foram escolhidos para a entrevista: a neta do Sr. Chico, Mariana, de 16 anos, que mora na casa dele; um adolescente que mora em frente à rádio, Emerson, também de 16 anos; a própria Érika, 26 anos, que apresentou um programa religioso de dezembro de 2013 a agosto de 2014; e Paulo Bruno (PB), de 25 anos, que já participou da rádio, ajudando na área técnica. Todos fazem parte do grupo de jovens da Igreja Católica da Juventude Mariana Vicentina (JMV), chamado Unijocc.

Esses jovens participaram recentemente da rádio e essa seria uma primeira

---

<sup>69</sup> O evento foi um sucesso e terminou ao meio-dia com a participação de mais de 100 crianças da comunidade, de acordo com os organizadores. Os participantes do grupo de jovens explicaram que o dinheiro foi arrecadado através de “padrinhos” que ajudam o projeto, com cerca de R\$50,00, entre outras ajudas. Sou uma das madrinhas, não são muitos os “padrinhos”, na maioria das vezes, esses jovens arrecadam dinheiro com a venda de rifas na comunidade, ou tiram do próprio bolso. A ideia deles seria realizar recreação um domingo ao mês.

<sup>70</sup> Tive ajuda da Catarina Érika, que integra o grupo de jovens da Igreja Católica e fez parte do jornal *Voz da Quadra*, com quem tenho uma relação de amizade e sempre estou em contato. Ela que chamou os jovens para conversar comigo, sem explicar ao certo do que se tratava, apenas disse que eu estava pesquisando a rádio.

<sup>71</sup> Serão relatadas no próximo capítulo as participações de Mariana e Emerson na festa de 20 anos do Programa “Recordar é Viver”.

impressão sobre a relação deles com a rádio, mas de um grupo específico, não representativo da maioria, pois sabemos que essas pessoas que optam por integrar um grupo religioso têm uma visão de mundo específica e influenciada por aquele contexto religioso. Além de representar uma parcela privilegiada da população, que estuda ou até mesmo já concluiu uma graduação, como o caso da Érika, formada em jornalismo.

Morley (1996) questiona os problemas do empirismo ao afirmar que qualquer investigação desse tipo é sempre uma questão de interpretação da realidade feita de uma posição particular, e que, diferente da postura científica positivista, não é possível alcançar um “sonho utópico de um mundo conhecido de uma maneira acabada através de dados indiscutíveis”. As respostas são construídas em virtude das interpretações (MORLEY, 1996, p. 256-258).

#### ***4.1.2 A rádio e os jovens: existe uma convivência?***

No dia 25 de outubro de 2014, encontro-me com Érika, na casa dela, e vamos procurar os jovens que ela havia combinado de falar comigo<sup>72</sup>. Fomos primeiro à casa da neta do Sr. Chico. Mariana diz que estava com uma roupa de casa, feia, e não tinha tomado banho, imagino que preocupada com a minha presença<sup>73</sup>. Depois, passamos na casa do Emerson, jovem que mora em frente à rádio. Ele, também com cara de sono, diz que vai se arrumar.

Pergunto se o encontro não poderia ser na rádio, todas concordam. Enquanto esperamos Emerson, Mariana aponta para a casa e diz que Emerson sempre morou lá, desde pequeno, nos andares superiores, pois embaixo morava uma outra pessoa. Mariana mora na casa com Sr. Chico, a avó, além do pai e da mãe. Ela nasceu na Quadra e diz que apenas durante um ano residiu em Maracanaú, quando os pais se separaram.

Pergunto se ela escuta o Sr. Chico na rádio, ela gagueja e responde que “não muito”, logo depois conclui que não, de forma bem sincera. Ela explica que quase não o vê, porque, quando acorda, ele já saiu para caminhar. Depois a menina pergunta que horas ele

---

<sup>72</sup> Nos falamos por celular na semana e havíamos combinado que sábado de manhã, não tão cedo, passaria lá. Achava inicialmente que nós iríamos passar na casa de cada um e eu conversaria, mas ela, na verdade, já havia combinado um horário com eles todos juntos.

<sup>73</sup> Vejo então como a presença do pesquisador em campo já modifica o contexto. Ela, com cara de sono, me fez sentir culpada de a ter feito acordar tão cedo, e ainda chegamos atrasadas e a menina estava desde às 10h esperando. Vejo que a ajuda da Érika em facilitar esse acesso aos jovens foi muito importante, pois o esforço que eles fizeram para me encontrar se deu pelo prestígio que a Érika tem com eles. Ao mesmo tempo, avalio que a presença dela e a participação fazendo perguntas pode ter influenciado o andamento da entrevista, pois ela já sabe o objetivo da minha pesquisa e muitas vezes sentia que estava tentando responder o que achava que eu precisava ouvir.

passa na rádio. Percebe-se que a neta, mesmo morando na mesma casa do locutor da rádio, pouco sabe sobre a rotina do avô.

Muñoz (1992, p. 258) explica que a relação familiar não é, no caso dos jovens que se organizam, sua referência fundamental e que a relação familiar é estendida ao bairro e a outros âmbitos da vida social, no caso desses jovens entrevistados, ao grupo de jovens da igreja. Percebi que alguns deles jovens se aproximam da rádio mediados pelos grupos dos quais fazem parte. É o caso de Mariana que, mesmo tendo sido criada na casa do Sr. Chico e sendo bastante desinibida, não demonstrou interesse em participar da rádio e pouco se lembrava dos programas. Foi apenas através do programa do grupo de jovens que ela participou da rádio, mostrando que a mediação do grupo foi responsável por sua aproximação da rádio.

Érika pergunta para Mariana se quando ela nasceu já existia a rádio, ela não tem certeza. Após ter confirmada a data de criação de fevereiro de 1993, a menina confirma que nasceu em 1998. “Mas, desde que eu me entendo por gente, meu avó está aqui na rádio. Desde pequena mesmo, que eu venho pedir dinheiro pra ele”, explica Mariana. É interessante que ela associa a rádio ao local que ela pode ir para pegar dinheiro, apenas, aos domingos, quando ela ia à missa<sup>74</sup>. Ela tem uma outra lembrança, que “todo ano ele ficava também anunciando meu aniversário, aí isso era vergonhoso. ‘Hoje é o aniversário da minha princesa’... Aí, por favor!!”.

Érika lembra que em frente à casa de Mariana havia uma caixa de som, mas a avó de uma menina “cismou que não queria mais a caixinha”. De acordo com Érika, antigamente dava pra escutar muito melhor a rádio:

As pessoas faziam questão de ter uma caixinha da rádio perto das suas casas. Eu acho que antes dava pra escutar melhor, porque as pessoas não se incomodavam tanto. O que eu vejo é que muita gente hoje em dia não está nem aí para escutar. Não é todo mundo, mas tem gente ainda aqui que gosta de escutar. Por exemplo, naquela rua da Raquel, muita gente gosta de escutar. Porque tem um monte de gente idosa, e eles gostam de escutar os programas e tudo. (Catarina Érika, entrevista, 25/10/2014)

Percebi que ao falar da escuta da rádio os jovens não se incluem, eles associam aos moradores mais idosos. Mariana justifica a não audiência explicando que para escutar seu som carros deveriam parar. “Aí tem que parar para se concentrar um pouco. Tem tipo que fechar o olho, fazer uma oração pra conseguir escutar”, brinca. Essa observação da adolescente explica um pouco o desinteresse dos jovens para com a rádio. Os jovens

---

<sup>74</sup> E essa situação foi presenciada por mim em um outro momento, constatando que ainda existia. Mariana ia para a praia com os amigos do grupo em um feriado, de manhã, e passou na rádio para pedir dinheiro ao avô. Presenciei outras pessoas indo pedir dinheiro para Sr. Chico em outros momentos também.

costumam fazer muitas coisas ao mesmo tempo, e apesar do veículo rádio permitir isso, na Quadra, as caixas têm um volume muito baixo, parece ser preciso concentração, como ela explica.

Já Emerson diz escutar a rádio quase todo dia, porque a caixa de som localizada na porta da sua casa é bem mais forte. Ele explica que aos sábados, no programa que Érika fazia (ele confirma se era aos sábados), ele costumava acordar e escutar as músicas católicas. Mas reconhece que no sábado não escuta muito, porque está dormindo, e confirma que consegue dormir mesmo com o som da rádio. Já aos domingos, ele costumava acordar com o avó da Mariana dizendo “Recordar é Viver”. Nessa hora, todos riem. Ele se lembra da música do Roberto Carlos, dos anúncios das mercearias, que ele escuta de manhã, quando está em casa. “O que tiver no meio da Quadra de mercearia, de comércio, ele [Sr. Chico] faz a propaganda. Também tem uma vez que ele começa a falar sobre um assunto, aí começa a falar, pedir, elogiar...”, explica.

Erika diz que acha legal do Sr. Chico porque “ele passa uma grande responsabilidade para a comunidade”. Ela dá o exemplo de quando o grupo vai divulgar algo na rádio: “Uma coisa é nós virmos à rádio e divulgar, outra coisa é o Sr. Chico divulgar. Porque as pessoas parecem que escutam mais, parece que tem um ‘peso’, porque ele passa assim... As pessoas escutam muito e dão muita credibilidade ao que ele fala, e respeitam”, explica. Sobre o fato de ele comentar alguns assuntos da comunidade, Érika não lembra bem o que foi, mas diz que ele fala sobre a “conscientização”, o porquê é bom evitar certas coisas. “Outra coisa que eu acho muito importante é o respeito, com os idosos”, ressalta.

Todos se lembram das campanhas solidárias que acontecem na rádio. Mariana fala de uma vez que uma pessoa faleceu e não tinha como pagar o caixão e todo mundo saiu ajudando para comprar. O dia das crianças que eles iam fazer e estavam sem orçamento, e todos ajudaram e deu certo. Percebe aí que a participação dos ouvintes sempre existiu na Quadra, Mariana confirma e diz que as pessoas deixavam papéis escritos para anunciar algo na rádio: “Quando eu era menor, ia mais gente lá em casa falar com ele [Sr. Chico]. Hoje em dia, vai menos”, explica. Ela lembrou que a avó e a tia sempre reclamam que o Sr. Chico leva muito a sério a rádio, às vezes chegando atrasado ao trabalho, mesmo ele não ganhando nada na rádio. A avó fala que não dá dinheiro, “mas ele fala que é uma coisa que gosta e que vai morrer fazendo”, afirma Mariana.

Emerson mora na Quadra desde que nasceu, com a mãe, pai e irmão<sup>75</sup>. Morava

---

<sup>75</sup> Emerson e Mariana são amigos há muito tempo, têm a mesma idade, estudam no mesmo colégio.

com a avó na esquina ao lado da rádio e se mudou com três anos de idade para a casa que fica bem em frente ao estúdio. Pergunto sobre as lembranças dele de quando era pequeno, de ir até a rádio. Ele diz não lembrar muito, sabe que a rádio sempre funcionou e recorda de um Dia das Crianças. Érika lembra do programa “A Hora do Ângelus”, do grupo de jovens. Ela explica que quando estava entrando para o grupo de jovens, já tinha esse programa, às 18h. Emerson lembra que às 15h tem o Terço da Misericórdia e Érika se surpreende. O menino explica que quem faz são duas mulheres que não são da Quadra e acha que é apenas um dia na semana.

Emerson narra que uma vez uma das mulheres entregou o microfone para que ele rezasse o Pai-Nosso, mas ele não aceitou. Emerson confessa que não gosta de sua voz no microfone e parou de ir. Mariana já se mostra mais disposta, disse que “gostava de aparecer”. Emerson diz que já pensou em fazer um programa “bem legal”: “só tem ‘Recordar é viver’, eu acho que era melhor ter um programa agora com várias músicas ‘top’, do momento. Ter um programa com músicas internacionais, música de forró. Eu já pensei em fazer isso, mas...”, assume, em voz baixa, explicando que tinha pensado nisso quando era pequeno, que era bom ter música para jovens. Todos reconhecem que as músicas do programa do Sr. Chico não são atrativas, Érika acha que as canções se repetem. Emerson diz que tinham vários programas, “a rádio antes era mais badalada que agora. É porque o povo não quer mais, rádio”, afirma.

Érika acha que a juventude está diferente, mas não são todas as pessoas que querem escutar a rádio. Ela diz que o irmão e a mãe não gostam de ler jornal, e preferem a rádio. Ela explica que o Sr. Chico, antes de começar o programa, pega a bicicleta e roda a Quadra para saber se tem alguma notícia, e conversa com as pessoas. Mariana e Emerson não sabiam disso. Érika confirma e diz que as pessoas olham ele passar e o param para dar um aviso. Parecendo reconhecer que essa forma de participação diminuiu, “não é a mesma coisa de antes, mas as pessoas ainda notam a necessidade dessa rádio comunitária aqui, sabe?”, afirma Érika.

Emerson diz que antes escutava mais a rádio, mas agora é pouco. Ele se lembra do programa evangélico. “Querendo escutar ou não, você escuta de qualquer jeito. Não tem como desligar”, explica Emerson se justificando, mas confirmando que não acha irritante. “O que é uma pessoa no meio da rua falando ou uma música? Não faz diferença”, explica. Ele reconhece se irritar muito mais com o som que a vizinha que mora debaixo coloca para ouvir.

---

### **4.1.3 Vem e anunciai: o programa católico**

Durante a conversa, Paulo Bruno, conhecido como “PB”, chega. Ele fazia o programa católico “Vem e Anunciai” com a Érika e o Paulo Jr, todos participantes do grupo Unijocc. Érika explica que, antigamente, quando entrou no grupo, já tinha um programa de rádio e eles só pensaram em retomar. Eles começaram o programa à tarde, aos sábados, em dezembro de 2013, mas Érika explica que não era igual. “Nesse programa, eu faço leitura do evangelho, faço a reflexão, falo de temas, por exemplo, família, perdão, aí vou tirar coisas da Bíblia para discutir”, explica.

PB diz que participou de cerca de 5 a 6 programas, mas sempre ia no horário do programa para ajudar. Ele explica que já tinha participado da rádio como “DJ”, depois corrige, diz que não era esse o termo. Falo “técnico”, ele concorda. Diz que cuidava da edição, quando tinha uns 15 anos. “Eu gostava, ficava no som, mexendo no som”, revela ao afirmar que largou quando começou a participar dos cursos do projeto Oboé Cidadania na comunidade. Percebo que a aproximação do jovem se deu pelo interesse tecnológico.

Ele é o que mais se lembra dos programas da rádio, fala do programa do filho do Sr. Davi, do Sr. Chico Cambista, do Dante, a “Hora do Ângelus”. PB participava do programa do Dante, do Roberto e lembra ainda de um programa do MC Júnior, que era apenas com funk. Nessa hora, Érika se lembrou do programa e disse que era interessante porque o apresentador criava rimas improvisadas.

Érika conta que era complicado fazer o programa sozinha, e lembra de uma vez que eu a vi na rádio tentando fazer tudo ao mesmo tempo, falando, mexendo na mesa e no computador. Acompanhei um programa em 2014, em um dia em que a rádio estava sem luz elétrica e Érika estava tentando ler a mensagem através da luz do celular.

Pergunto como o PB tinha aprendido a mexer na aparelhagem de som, ele diz que sempre foi curioso, e que um morador tinha um som e ele ficava perto olhando e aprendeu. “Mas não é um bicho de sete cabeças. Aqui é porque é cheio de fio e a galera fica doida mesmo”, explica PB. “Ainda bem que o Sr. Chico e Zequinha facilitam e dizem que é só ligar uma alavanca e está tudo no ponto”, explica Érika, ao comentar que o Sr. Chico sempre mantém o mesmo volume, não altera. “Mas tem gente que chega lá e aumenta, aí o Sr. Zequinha vem lá da casa dele e diz que está muito alto”, observa Érika.

Érika comenta que o último programa que fez foi no início de setembro de 2014, pois ela não estava conseguindo administrar seu tempo. Além da Érika, PB e Paulo Jr., eles citam outro integrante do grupo, o Marcílio, que de vez em quando chegava na hora do

programa para ajudar. “Eu aproveitava que ele estava aqui, aí comentava algo e perguntava o que o Marcílio achava”, explica Érika. Mariana lembrou que teve uma época que ela gravava com as pessoas pedidos de músicas. Érika diz que parou de fazer isso, novamente por falta de tempo, e explica que à noite era complicado gravar, porque as pessoas estavam assistindo novela, com a família. Há aí uma tentativa de respeitar as rotinas dos moradores.

Érika pareceu tentar levar o programa de rádio adiante, mas as demandas da vida adulta não permitiram, enquanto Mariana e Emerson se mostram muito interessados em participar do grupo, mas pelo que foi relatado, participaram muito pouco do programa de rádio. Apenas três jovens faziam o programa, em um grupo que reúne mais de 50 pessoas, sendo a maioria adolescente, e que na organização da Via Sacra consegue mobilizar quase 100.

Fica evidente que os jovens não escutam a rádio e, apenas em alguns momentos, divulgam as atividades do grupo. O hábito de estarem sempre circulando com seus fones de ouvidos, escutando a lista de músicas que querem, bloqueando o som externo, também contribui para isso. Além de que a própria programação reduzida da rádio, com poucos programas e, principalmente, sem nenhum voltado ao público jovem, colabora ainda mais para a falta de interesse dessa faixa etária.

Para Érika, os jovens não participam efetivamente fazendo um programa, mas sabem da necessidade de ter a rádio. “Eu me orgulho muito de ter a rádio porque tem coisas que as pessoas só sabem pela rádio. A comunidade é muito generosa, ajuda mesmo, e a rádio é um canal pra isso”, explica, ao relatar que Sr. Chico faz campanhas e todas as pessoas ajudam. PB lembra que na hora dos programas tem muito barulho na Quadra, com muitas músicas. Mariana diz que na comunidade uma hora toca funk, outra hora música de Deus, pagode, são vários gostos musicais. Mas PB acredita que “ainda tem ouvinte que escuta mesmo e pede música”.

A conversa com os jovens foi interessante para confirmar o desconhecimento sobre a atual programação por todos eles, exceto o jovem Emerson, que mora em frente ao estúdio e consegue ter mais elementos para fornecer. Mesmo assim, ele parece perceber mais a programação católica. Paulo Bruno é o único que consegue se lembrar dos programas mais antigos, até por ter participado da rádio por um tempo e ser o mais velho do grupo. É válido perceber como o interesse pelo som o atraiu para a rádio, tendo ele participado intensamente em um período, quando controlava a mesa de som em alguns programas. Mais uma mediação que poderia atrair os jovens para a rádio, a tecnologia.

Já Érika, mesmo sendo jornalista, apenas participou da rádio entre os meses de dezembro de 2013 a setembro de 2014, no programa católico que não tinha uma frequência muito rígida<sup>76</sup>, pela falta de tempo dela. E essa aproximação da rádio me pareceu muitas vezes motivada por uma “concorrência evangélica”, já que, na época, muitos programas evangélicos estavam ocupando a grade da rádio, como relatado pelos próprios jovens.

Emerson é o único a reconhecer interesse em fazer um programa musical, para jovens, talvez por aparentar ser o único que escuta mais a programação. É interessante o fato de ele afirmar que o som da rádio não o incomoda, revelando um aspecto percebido em todos os jovens entrevistados, e afirmado por Érika, que eles não participam, mas mantêm um respeito pela história da rádio, principalmente à figura do Sr. Chico, como é comentado. E, muitas vezes, a própria rádio é confundida com a figura desse homem na fala desses jovens.

Ao mesmo tempo, eles reconhecem que o público jovem na Quadra não escuta a rádio, estando entre os motivos comentados, as músicas antigas, o fato de muitos estarem com fones de ouvido ou quererem ouvir as músicas de sua preferência, do momento, ou por não pararem para “prestar atenção” ou se “concentrar” na rádio. A rádio na infância desses jovens pareceu ter pouca presença, nos depoimentos, até porque nunca foi relatada a presença de um programa infantil na grade de programação. Eles reconhecem que na atualidade a programação está “mais parada”, mas não levantam questionamentos sobre a situação.

No geral, os jovens entendem a função da rádio na comunidade, mas eles não se percebem como atores nesse veículo. Houve uma tentativa de realizar o programa, mas que pela falta de apoio do grupo, não continuou. Mesmo participantes de um grupo de jovens da igreja, que se apresenta como “um grupo que faz a diferença na comunidade”, realmente atuando com diversas ações, com as crianças e moradores de rua, os jovens percebem a rádio como um meio importante para divulgar as ações do grupo, mas não conseguiram manter um programa no veículo.

São vários os aspectos que colaboram para um distanciamento dos jovens em relação à rádio. De alguma maneira, ela parece ter parado no tempo, tanto em relação aos equipamentos, quanto aos programas que continuam os mesmos há muito tempo: os programas de músicas antigas e os religiosos. A falta de renovação na rádio é evidente. O hábito de escolher suas músicas e escutar da altura que quer em casa ou no fone de ouvido também distancia.

A escuta da rádio pelos jovens moradores da Quadra é disputada com a imensa

---

<sup>76</sup> Não foi possível identificar quantos programas foram realizados, pois não há registros e os participantes não se lembravam.

quantidade de paisagens sonoras que existe na comunidade e fora dela, como os apelos de consumo, outras TVs e emissoras de rádio. O que faria essas escutas se voltarem mais para a rádio? Percebi que alguns interesses mais particulares, a participação em algum grupo da comunidade, foi capaz de levar esse público até a rádio para fazer o programa ou solicitar anúncios de ações e eventos. O que faltou foi o engajamento de um grupo maior de pessoas na produção da rádio, o que foi conseguido pelas mulheres evangélicas.

## **4.2 Participação: os evangélicos e a rádio**

### ***4.2.1 Aproximação com os evangélicos***

Quando retorno às visitas em 2015, pergunto para o Sr. Chico quais programas estavam no ar, já que, por conta das férias de final de ano, tinha passado dois meses sem frequentar a comunidade, em dezembro e janeiro. Ele diz que além do programa dele, havia um programa evangélico da filha do Sr. João Roberto<sup>77</sup>, realizado durante a semana. Logo depois, entro em contato com Raquel, uma das participantes do grupo de jovens, pelo celular, que me confirma que o programa acontecia às quintas-feiras, das 16h às 17h.

Na quinta-feira, dia 26 de fevereiro de 2015, saio de casa às 16h para acompanhar o programa, mas fico esperando na frente da rádio por 30 minutos e ninguém aparece. Vou na casa da Raquel, integrante do Unijocc e do grupo do jornal, que se oferece para me levar até a casa da Juliana, assim fico sabendo o nome da filha do Sr. João Roberto. Sou apresentada e explico que gostaria de acompanhar o programa, confirmo o dia: às quintas-feiras, às 16h. Juliana parece perceber que aquele dia era uma quinta, mas diz que não teve programa, sem explicar o motivo. Combino de ir na próxima semana.

### ***4.2.2 Tarde de bênçãos: a rádio e os evangélicos***

No dia 5 de março de 2015 fui à Quadra um pouco depois das 16h e, no caminho para a rádio, já escuto uma música e avisto Sr. Zequinha e a esposa, sentados. Sou questionada por eles se estava passeando e explico que iria acompanhar o programa evangélico da Juliana. A esposa de Sr. Zequinha diz que era aquele que estava tocando e me

---

<sup>77</sup> Primeiro presidente da Associação de Moradores.

despeço para ir à rádio<sup>78</sup>. Juliana se levanta rápido como se tivesse me esperando. Na cadeira, tinha uma moça de seus 20 e poucos anos. Percebo que a música ainda estava tocando e começo a falar, explico que vou conversando com ela enquanto puder, mas que não queria atrapalhar. E essa foi minha preocupação constante, não atrapalhar o andamento dos programas, mas algumas vezes não consegui.

A pastora Juliana se apresenta e a jovem de nome Micaela também. Quero saber o nome do programa, Juliana pensa um pouco e diz que é “Tarde de Bênçãos”, explica que é um programa evangélico. Anoto no meu caderno. Como já tinha informado que estava fazendo uma pesquisa, não me sinto tão desconfortável em estar anotando, apesar de também estar gravando com o celular. Ela não sabe me informar há quanto tempo apresenta o programa. Noto que está nervosa, e depois ela me confessa que sim.

Juliana explica que apresentava o programa, mas deixou por conta do filho pequeno, então chamou duas senhoras da igreja para continuar, a Isabel e a Francisca da Silva (Dona Daci), só que uma estava trabalhando naquele dia, e só podia apresentar de 15 em 15 dias, e a Dona Daci estava doente, com dor de cabeça. Juliana não consegue justificar sua ausência do programa da semana passada, “mas que sempre tenta ir, quando pode”. O marido, pastor, está de férias e pôde ficar com o filho. A dificuldade que os jovens têm de manter a frequência do programa também existe no programa evangélico.

Eles são pastores da Igreja Videira Verdadeira, localizada na Rua Antônio Souto. Pergunto sobre as outras igrejas da Quadra e elas confirmam que são três: Quadrangular (a mais antiga, localizada na Avenida Virgílio Távora), Assembleia de Deus (localizada na Rua João Paulo II) e a Videira Verdadeira (que fica uma rua depois da Assembleia de Deus). Juliana comenta que essas igrejas tiveram programas, mas desistiram, e que o único programa fixo mesmo é o do Sr. Chico. Em conversa com os jovens e com o próprio Zequinha já tinha ficado sabendo da presença dos programas evangélicos na rádio.

No meio da conversa, ela se levanta e diz que a música terminou e chegou a hora de falar. Começa a falar que “Deus quer abençoar a vida das pessoas todos os dias” e que depois dos louvores, seria realizada a oração. Ela chama antes a atenção de pessoas que estão “na esquina, na sua casa, e que estão ouvindo o eco do microfone”. Diz que é apenas uma hora para ouvir a palavra de Deus e os louvores. Ela pede para as pessoas fazerem um pedido

---

<sup>78</sup> Interessante que em conversa anterior os programas evangélicos foram bastante criticados pelo Sr. Zequinha e ele parecia estar escutando naquele momento. Ou simplesmente estava sentado fora de casa, como costuma fazer. Dúvidas de escuta de uma rádio poste, pois estar na rua não quer dizer que se está escutando.

e uma oração<sup>79</sup>. Um pouco depois, entra uma senhora e Micaela apresenta dizendo que era a irmã que estava com dor de cabeça. A irmã diz que não gosta de “faltar com o pedido da pastora”. Pergunto o nome, ela diz Francisca da Silva, mas a igreja inteira a conhece por Daci.

Começa a oração e então todos se calam. Na oração, que foi breve, ela pede que Deus atenda aos pedidos das pessoas que estão precisando e pede para que todos continuem ligados na programação, pois ainda teria a leitura da palavra, louvores e mais oração. Quando termina, ela comenta comigo sobre o calor do estúdio - ela está suando e eu também. A pastora mostra-se preocupada comigo e confessa que estava nervosa. D. Daci pergunta o motivo e já responde: “porque faz dias que você não pega no microfone da rádio”, revelando aí que a presença de Juliana não é tão frequente como ela afirmou antes. O que venho a confirmar nas outras visitas que fiz para acompanhar o programa<sup>80</sup>.

Ao ser perguntada sobre a estrutura do programa, Juliana explica que quando as outras mulheres chegaram, ela ensinou como é que o programa era feito para elas. “Eu abro com o louvor, com duas músicas, apresento, digo que é da igreja, aí falo dos trabalhos que temos e convido as pessoas para irem para a igreja”, explicou Juliana. D. Daci diz que faz um convite geral para toda a comunidade e explica que “fala sobre as coisas que o mundo precisa ouvir, para os jovens que vivem jogados no mundo”, mostrando aí a preocupação em conquistar as pessoas que ainda não fazem parte da igreja, principalmente os que estão sofrendo, com problemas com as drogas, etc. Pergunto se leem a Bíblia e D. Daci confessa que é analfabeta, “mas que sabe falar”, comenta rindo. Juliana interrompe e explica que procura “não esticar tanto a mensagem”, ela diz que não sabe se as outras senhoras fazem assim, mas que as pessoas gostam muito das músicas e não é necessário falar tanto, confessando que naquele dia ficou um pouco perdida, mas que geralmente consegue falar menos.

Juliana revela que era de uma outra igreja, mas surgiu um problema – que ela não especifica – e tiveram que sair e iniciar uma nova igreja. Ela já fazia o programa desde quando participava da Assembleia de Deus e fala que a Igreja Quadrangular também tinha programa na rádio, mas que cada um era de um estilo. D. Daci explica que o programa da outra igreja “era mais de pregação”, já elas gostavam mais de “louvor, versículo e palavra”. Juliana comenta que nos programas das outras igrejas eles colocavam pouco louvor e falavam

---

<sup>79</sup> Prefiro ficar em silêncio nesse momento, sem puxar conversa com Micaela, por imaginar que ela estivesse em oração ou prestando atenção. Sinto dificuldades em acompanhar o programa, pois em alguns momentos pareço estar no meio de um culto, exigindo outras posturas.

<sup>80</sup> Acompanhei seis programas, nos meses de março e abril, foram nos seguintes dias: 5, 12 e 26 de março; 9, 16 e 23 de abril. A primeira visita foi realizada no dia 26 de fevereiro de 2015, mas não houve programa.

muito. D. Daci diz que através do louvor, “muitas vidas têm se rendido aos pés do senhor”. Narra a história do pai que era católico “de não perder uma missa” e, depois que ficou doente, se converteu através de um louvor.

No período que acompanhei o grupo de mulheres evangélicas na Quadra, foi possível identificar que além de uma conquista pessoal, o uso da rádio é também utilizado como um instrumento de expansão da fé, numa proposta de disputa não só pela audiência, mas de conquista de espaço religioso, dentro de uma competição que se faz sonora. A disputa de espaços acontece entre as três igrejas presentes na Quadra, mas percebo o cuidado que existe por parte da pastora e das outras mulheres em não incomodar os moradores com o som alto, em reconhecimento que a comunidade não é dominada pela igreja delas. Juliana explica que o pai já pediu para ela baixar o volume da rádio, porque poderia incomodar os moradores, e conta também que já houve reclamação de um CD de culto que uma outra igreja usava em seu programa.

Percebe-se a tentativa de estimular a participação da jovem Micaela<sup>81</sup>, quando D. Daci pergunta se ela não gostaria de falar, mas ela se recusa. “Vou falar o quê?”, questiona a jovem. D. Daci explica que ela poderia falar do que vive. Essa situação demonstra um possível problema de participação dos jovens em geral na igreja - o que foi confirmado depois – ou mesmo a tentativa de conseguir novos participantes para o programa, já que mesmo com três pessoas tinha dias que ninguém podia apresentar.

Em um outro momento, Juliana dá uma dica para D. Daci, e explica que ela tem que dividir o que é oração, mensagem e convite para “não misturar tudo”. D. Daci acha que também está nervosa. Eu digo que vou mais vezes para elas se acostumarem comigo. E foi exatamente o que percebi, a cada visita, elas estavam mais a vontade com minha presença. Pergunto se a D. Daci não lê nada na hora que apresenta, se vem tudo da cabeça e como ela tem as ideias para falar. Ela fica muito envergonhada e pede ajuda da Pastora. Vejo que inicialmente há uma hierarquia, pois D. Daci acha que não pode falar sem o consentimento da pastora, principalmente quando recebe um elogio.

D. Daci conta que foi criada analfabeta, na roça. “Logo que eu cheguei em Fortaleza, eu me casei, aí não tive oportunidade de estudo. Eu sei muito pouco, apenas assinar

---

<sup>81</sup> Micaela tem 25 anos, mora há poucos mais de seis meses na Quadra, porque casou e o marido já morava lá. Isabel, a outra irmã que apresenta, há anos que está na igreja e trabalha no convento São Vicente de Paulo (católico). Juliana tem seus 30 e poucos anos, é mãe de duas filhas, e viveu a vida toda na Quadra, o pai foi inclusive o primeiro presidente da Associação de Moradores. D. Daci, a mais velha do grupo, por volta de seus 50 anos, vive há 19 anos na Quadra.

meu nome. Mas quando a gente acredita que tudo Deus pode fazer na nossa vida, eu acredito que ele coloca”.... E começa uma explicação mais religiosa. “Ele usa a gente como um canal. Vem na hora”, explica. Essa será a grande dificuldade de entrevistar pessoas de grupos religiosos, D. Daci sempre dava um jeito de falar de Deus em todas as questões. Já na entrevista com os jovens, não percebi isso.

Questionada de como aprendeu a comandar o som, D. Daci diz que não gosta de “mexer nas coisas dos outros” e sempre que vai com a Isabel, é a amiga quem liga o som. Ela comenta que antes de participar do programa, sempre gostou de escutar a rádio. “Perto da minha casa tinha uma caixa [de som da rádio], mas tiraram porque os vizinhos se incomodaram e pediram para tirar e não botaram mais”, explica D. Daci.

Pergunto que tipo de programa ela se lembra de ter escutado, e ela explica que naquele tempo escutava programa de forró, mas que acabou. D. Daci continua comentando sobre um programa que existia de manhã que, às vezes, o pai da Juliana, Sr. João Roberto, fazia e que ela gostava muito da programação. Juliana lembra que quando era pequena, chegou a participar do programa com ele. “Ele trazia um livro, ele é católico, aí eu lia o livro. Eu achava tão bom”, recorda. A pastora explica que faz tempo que o pai parou de fazer o programa, cerca de um ano. Era semanal. Ela diz que o programa não tinha uma continuidade definida e parou algumas vezes. “Porque aqui tem que, eu não sei explicar... Só o seu Chico continua mesmo, mas também porque é o coordenador da rádio, né? Deve ser por isso”, tenta explicar.

A pastora Juliana começa a ler um versículo de Mateus, o mesmo que a D. Daci tinha comentado que gostava de falar no programa. Não entendi se era coincidência ou se elas se repetem mesmo. Fico algum tempo sem perguntar, para saber o que elas gostariam de falar espontaneamente. Juliana diz que gostaria muito de trazer CDs diferentes, mas que os equipamentos dificultam, porque se for para tirar e colocar um outro CD, demora. Então ela só leva um e vai mudando as faixas.

Raquel, minha amiga do jornal e do grupo de jovens da igreja católica, chega no estúdio perguntando por mim. Nesse momento fico sem saber se existia algum problema em Raquel ser católica e estar lá na hora do programa, não sabia se a relação delas era boa. Antes, ao questionar se as religiões conviviam bem na Quadra, quando foi constatado que tinham muitos católicos, as mulheres afirmaram que eles conviviam bem. Acho que motivadas pela presença da Raquel na rádio, elas começam a falar que sempre tentavam levar mais louvores conhecidos, que “até mesmo os católicos escutam nas casas”, mas repetem a dificuldade de trocar os CDs por causa dos equipamentos lentos.

Nesse dia, Juliana revela como é difícil depender dos outros para realizar o programa e diz que não espera por ninguém. “Me acostumei a vir só mesmo, se elas quiserem vir é uma bênção, mas sempre quando eu faço só, eu faço sozinha mesmo, não dependo de ninguém”, explica. Juliana sugere que pelo menos uma vez ao mês seja feita uma programação diferente, com perguntas, com brindes. Ela comenta que já fez isso, mas ninguém apareceu no estúdio e ela voltou com o brinde para casa. Ela explica que o pai fazia isso, não era sobre a Bíblia, e as pessoas participavam do programa. Comenta que o Sr. Chico fala sobre os aniversariantes do dia e que isso seria uma estratégia de aproximação com os ouvintes. Depois, confessa que muitas vezes não tem como saber se tem alguém escutando o programa. Essa é uma das preocupações das mulheres responsáveis pelo programa “Tarde de Bênçãos”: conquistar os ouvintes/fiéis.

#### ***4.2.3 A disputa pelos corações***

Em mais uma visita para acompanhar o programa “Tarde de Bênçãos”, no dia 12 de março de 2015<sup>82</sup>, já na rua da rádio, escuto a voz da Juliana. O som parecia estar mais alto do que o de costume. Nesse dia, a pastora se mostra preocupada com a altura do som e vai verificar na rua. Explica que o pai tinha dito que quando as luzes vermelhas vão até o final, é porque está alto, e ela não quer atrapalhar as pessoas - a mesma preocupação do programa passado. Chega alguém logo em seguida dizendo que estava saindo um som com a voz da D. Daci pelas caixas, mas ninguém entende o que seria.

Fui apresentada a Isabel, a outra mulher que faz o programa, mas ela não iria apresentá-lo naquele dia, pois estava ocupada e precisava de uma preparação. Começa um chiado, elas percebem que tem um microfone em cima da mesa que poderia estar ligado. Isabel diz que antes delas falarem, estava ouvindo umas vozes, mas que elas poderiam não estar percebendo. Todas acham estranho, pois foi deixado um microfone ligado sobre a mesa. D. Daci diz que poderia ser do programa da manhã.

Penso em ir lá fora para ouvir a altura do som e saber se as pessoas estão escutando, mas decido ficar lá e acompanhar o programa e em uma outra semana fazer essa

---

<sup>82</sup> Nesse dia, elas perguntam qual minha religião. Confesso que já estava esperando essa pergunta desde o primeiro encontro, o que não tinha acontecido. Sou convidada para ir à igreja. Digo que já frequentei as duas igrejas, fui batizada nas igrejas católica e evangélica. Então continua a insistência por parte de D. Daci. Juliana mostra-se mais contida e depois comenta que não consegue ser assim como D. Daci. D. Daci diz que vai me buscar em casa e pergunta onde moro. Eu digo que perto, dois ou três quarteirões dali. Ela entende que é na Quadra, só depois Juliana explica que não. Explico que é depois da Avenida Virgílio Távora.

volta pela comunidade, até para responder ao questionamento de Juliana sobre a audiência. Nesse dia, foram várias visitas ao estúdio da rádio. Além da pessoa que foi alertar sobre o barulho das vozes, chega uma outra dizendo que ouviu a voz da pastora e aproveita para vender uma rifa. Uma terceira visita chega já no final do programa, dizendo que escutou a voz de Juliana. Essas pessoas mostram que o programa estava, sim, com audiência. Vamos embora logo que termina, falo sobre a ideia de gravar o programa com o celular e transferir para um CD. Elas gostam da ideia, digo que assim poderão se escutar também.

Na semana seguinte, dia 26 de março, D. Daci e Isabel apresentam o programa, dessa vez a pastora Juliana não está e começa pouco depois das 16h10min. Elas combinam o programa na hora, quem vai fazer a oração depois do louvor. Eu gravo todo o programa no celular, como combinado na semana anterior. D. Daci fica animada e pede para começar, ela comenta comigo do encontro que ocorreu no final de semana anterior e me cobra a visita à igreja no domingo<sup>83</sup>.

Após as músicas, Isabel deseja boa tarde aos ouvintes e começa a falar em um ritmo um pouco mais agitado do que o das outras irmãs. Em seguida, D. Daci deseja que todos deixem que o Espírito Santo entre em suas vidas, para que eles possam ouvir a palavra de Deus no louvor e na mensagem da Bíblia, através dela e da Isabel. A oração de D. Daci demora quase 10 minutos, entre pedidos e citação de versículos.

D. Daci destaca que as pessoas devem ser tocadas através do programa e que é pela misericórdia do Senhor que elas estão lá transmitindo a palavra para os ouvintes. “Não é aqui para se apresentar, senhor, porque nós não samos [sic] radialista. Nós não samo [sic] locutoras. Nós samo [sic] apenas canaus [sic] para transmitir a palavra do senhor para cada vida, para cada lar, para cada mãe e pai de família”, fala D. Daci, agradecendo. Percebo a irmã mais à vontade sem a presença da pastora Juliana no estúdio.

Em seguida, Isabel coloca uma música da mesma cantora gospel do início do programa e faz a leitura da palavra. Enquanto isso, aviso para D. Daci que vou dar uma volta para ver as pessoas escutando o programa. Vejo algumas pessoas na rua, mas não identifico ninguém sentado escutando. Volto, D. Daci diz que uma moradora foi à rádio e comentou que só se escutava a voz dela na comunidade e que quando D. Daci entrava no ar era “com gosto de gás”. Ela explica que era uma moradora católica que fez o elogio que mais pareceu uma

---

<sup>83</sup> Em todas as visitas fui convidada a ir à igreja e fui chamada de “irmã Milena”, principalmente por D. Daci, a mais insistente do grupo. Com o tempo e a aproximação com as irmãs, realmente tive vontade de ir, como forma de agradecimento pela atenção que elas estavam me dando e para demonstrar respeito à religião. Elas demonstravam fazer questão da minha presença nos programas e no culto também. O convite era feito com alegria. Mas, infelizmente não pude ir, talvez por resistência e também por dificuldade com o horário.

crítica, percebida pela irmã. Nesse dia, Isabel faz a leitura de dois versículos e fala por quase 20 minutos, no mesmo tom de voz, mais expansivo. Em um momento, cita que Deus a tirou da vida das drogas e prostituição<sup>84</sup>, conclui a palavra e coloca uma música.

Na semana seguinte, no dia 9 de abril, Juliana chega acompanhada de outra pessoa, a irmã Mayara, jovem e sorridente, por volta de 26 anos. É a primeira vez que ela vai apresentar o programa e não parecia estar nervosa. Pergunto se ela já escutava a rádio antes, ela explica que quando está fora de casa consegue escutar, mas em casa não, e sugere que tenham mais caixas de som.

Figura 9 – Mayara apresenta o programa evangélico



Fonte: Milena Ribeiro (2015).

Mayara diz que deveria ser feita uma pesquisa sobre o que as pessoas acham da rádio, sobre o som e a distribuição das caixas. “Porque sabendo a opinião deles, eles não vão poder reclamar”, sugere. Ela diz que é importante perguntar também os estilos de programas, assuntos e o que as pessoas gostariam de ouvir. Diz ainda já ter sugerido para o esposo e o

<sup>84</sup> Isabel comentou comigo um pouco da sua vida e também relatou durante seu testemunho no programa de rádio. Disse que morava na Quadra desde que nasceu, foi envolvida com drogas, vivia nos becos, mas que conseguiu superar com ajuda da igreja. Ela trabalha no convento das freiras, próximo à Quadra, ao lado da Igreja Católica São Vicente de Paulo, como cuidadora das irmãs mais idosas. Ela diz que às vezes participa de algum momento de oração com as irmãs, mas que elas sabem que Isabel é evangélica. Diz que antes foi envolvida com drogas e prostituição e que a mãe da pastora Juliana, que fazia orações na madrugada, a levou para a igreja há seis anos.

Pastor marido da Juliana fazer um programa. E comenta que “não seria obrigado a pessoa ser crente”.

Essa foi a primeira vez que escutei pessoas sugerindo programas para a rádio. Os jovens também propuseram um programa com músicas atuais, mas nada de concreto. A ideia de Mayara seria levar para a comunidade assuntos sobre política, atualidade, mas pondera que teria que saber a opinião dos moradores. “A comunidade está crescendo. Você vê que tem muita gente aqui fazendo faculdade aqui dentro que eu já vi, né? Então tem muita gente buscando conhecimento, né? Às vezes a pessoa não tem Internet, não tem computador, não tem acesso”, refletiu Mayara, justificando a necessidade de um programa que abordasse os assuntos propostos por ela.

Mayara conversa com os ouvintes, pedindo que eles se desliguem da TV, que se estivessem fazendo uma comida, os afazeres, continuassem fazendo, mas pede que fiquem ligados no pensamento com Jesus Cristo. As irmãs querem conquistar fiéis e, por isso, se aproximam deles na forma de falar. Elas costumam usar um recurso do rádio interessante, se direcionando para “você”, se aproximando do ouvinte. Situação que não percebi na fala do Sr. Chico, que apenas se coloca como alguém falando para uma comunidade em geral.

No final do programa, Mayara diz que eu devo ir mais lá e ajudar a elaborar o debate, já que “eu tenho o conhecimento científico”. Começo então a pensar como poderia aproveitar o talento de Mayara e o interesse dela em fazer um programa<sup>85</sup>. Nas semanas seguintes, me surpreendo, pois sempre encontro pessoas novas no programa. Para um programa que antes nem acontecia toda semana, agora ele parece estar agregando cada vez mais gente. Percebo que minha presença também passa a ser mais natural para elas e aguardada. Em um dos dias, não tinha nem onde me sentar, pois estavam no estúdio além de D. Daci, Juliana, Mayara, a mãe da Mayara e outra irmã da igreja. Todas participaram do programa.

É interessante perceber que, inicialmente, imaginei que o programa não teria tanta participação, já que no primeiro dia que fui acompanhá-lo, não houve. Mas, na medida em que continuei em campo, a frequência se mantinha e a participação das pessoas aumentava, predominantemente de mulheres adultas. A mais jovem que estive na rádio, Micaela, de 25

---

<sup>85</sup> Na semana seguinte, conversei sobre o programa de debate com Mayara, mas ela diz que é complicado pois não é todo mundo que tem abertura para ouvir, principalmente porque quando elas falam algo da Bíblia, as pessoas já acham que estão criticando. Mayara me explica que está desempregada e que tem dificuldade de achar um emprego. Falo sobre a possibilidade de ela trabalhar na rádio e ganhar dinheiro de patrocínio, mas ela diz que é difícil misturar religião e emprego, por isso não dá para buscar patrocínio para o programa. Ela pensa em fazer um programa de anúncios. Percebo as dificuldades que Mayara relatou de fazer um programa, o que de fato não aconteceu.

anos, parecia não estar tão envolvida com o projeto e optou por apenas acompanhar o programa. A constante renovação dos apresentadores que vão passando o modo de fazer para outras pessoas cria uma expectativa de continuidade do programa. Situação que não ocorre com o programa do Sr. Chico, concentrado na figura dele, ou no programa dos jovens católicos, em que Érika apresentava e, quando teve que sair, o programa acabou.

Mesmo que as pessoas sejam “chamadas” pela pastora, um convite que muitas vezes se torna uma obrigação, é notável o prazer das irmãs ao fazer o programa, que pode estar relacionado com a característica da religião evangélica de conquistar pessoas, e a rádio é usada evidentemente para isso, conquistar os corações de novos fiéis. E, novamente, percebi que a aproximação e o interesse delas na rádio foi despertada através da participação inicial em um grupo, a igreja.

Apesar da boa convivência, fica evidente a rivalidade entre as religiões. D. Daci, por exemplo, comentou sobre um programa católico que fazia muito barulho, tentando talvez tirar a culpa que é sempre lançada para os evangélicos quanto ao barulho. Ela também, durante um programa, recebeu a visita de uma ouvinte católica que comentou que estava escutando bastante a voz da irmã pela comunidade. Pela reação, o comentário foi recebido como uma crítica. Essa resistência da comunidade em relação aos evangélicos é percebida também no momento em que Mayara sugere um programa novo de debates para a rádio, mas teme as críticas aos evangélicos e desiste.

Certa vez, escutei Sr. Zequinha falando sobre a maneira como os evangélicos usavam a rádio, “como um culto”. A própria D. Daci, ao comentar sobre o estilo do programa da outra igreja, também evangélica, afirmou que o programa parecia uma “pregação”, reproduzindo a mesma crítica. Já Juliana reclamou que eles falavam muito. Ela parecia ter mais cuidado por ter conhecimento da rádio, através do seu pai, e tê-lo como referência, já que ele também fazia um programa religioso e, por ter sido presidente, também fiscalizava as ações na rádio.

Mesmo notando toda a falta de estrutura da rádio, sem ventilador, ambiente quente, principalmente para as mulheres evangélicas que apresentam programa à tarde, equipamento que falha, elas não se engajavam em ações de melhoria da rádio. Quantas vezes via D. Daci se abanando ou limpando o rosto com uma toalhinha, por causa do calor. Eu mesma pingava de suor e saía com a blusa molhada do estúdio. Juliana também chegou a reclamar do aparelho de DVD que era muito lento. Mas nenhuma atitude era tomada. Uma igreja mobilizadora que

engaja seus fieis em diversas frentes<sup>86</sup>, fazendo com que todos tenham uma ação em prol do todo, característica que não era vista no grupo que participava do programa em relação a própria rádio.

Apesar da frequência do programa ter se estabilizado, as mulheres evangélicas estavam na rádio mas não se percebiam fazendo parte daquele veículo, talvez por achar que a rádio era do Sr. Chico. D. Daci chegava a falar que não gostava de mexer “nas coisas dos outros”, ao se referir aos equipamentos do estúdio. Os jovens falam da rádio e a associam sempre à figura do Sr. Chico, como se só ele fizesse a rádio.

No próximo capítulo vamos entender a relação do Sr. Chico e do programa “Recordar é Viver” com a rádio poste da Quadra e relatar os momentos interventivos que vivenciei em campo de forma mais explícita, considerando que em toda a pesquisa a intervenção está presente de diversas maneiras, de forma mais indireta e, muitas vezes, não planejada, até as situações mais diretas e perceptíveis, conforme discutirei a seguir.

---

<sup>86</sup> Um dia fui à Quadra para uma das reuniões com o grupo de jovens, sobre os projetos, e vi D. Daci do lado de um pula-pula controlando a entrada de crianças e recebendo dinheiro. Ela me explicou que estava ali para arrecadar dinheiro para a igreja.

## 5 INTERVENÇÕES: quando o campo pede mais

Como foi narrado na introdução dessa pesquisa, estou em contato com a Quadra desde a época da faculdade, quando tive a experiência de participar do jornal comunitário junto com um grupo de jovens. E com o passar dos anos, continuei a ter experiências interventivas na comunidade quando, por exemplo, fiz parte do grupo que estava realizando uma pesquisa social e demográfica no local, ou ao nos reunirmos para elaborar o projeto da rádio que concorreu ao edital da prefeitura. Mas, nessa época, a intervenção não era a pesquisa propriamente dita, pois eu separava essas duas ações.

A decisão de realizar uma pesquisa interventiva não foi tomada desde o início da pesquisa, mas durante o percurso, quando comecei a me ver em momentos interventivos solicitados pelo próprio campo. Havia feito algumas leituras sobre metodologias como a cartografia e a pesquisa intervenção, que não foram as opções escolhidas, pois optei pela pesquisa participante, mas elas serviram de inspiração em todo o processo.

Deisimer Gorczewski (2007) explica em sua pesquisa sobre micropolíticas da juventude e visibilidades transversais que a cartografia não determina em si uma metodologia, mas é sempre atualizada a partir dos encontros entre o pesquisador e pesquisado, como um “‘mapa’ como uma figura dinâmica que procura captar intensidades, disponível ao registro do acompanhamento das transformações decorridas no terreno percorrido e à implicação do sujeito percebido no mundo cartografado” (GORCZEWSKI, 2007, p. 44).

E assim, em um mapa que se modificava a cada instante, encontrei abertos muitos caminhos e os objetivos e metodologias foram definidos de acordo com a necessidade do percurso, no ritmo do campo que se mostrava, sem pressa. Porque, afinal, estava acompanhando um processo, não apenas representando um objeto, como me ensinou a cartografia (PASSOS; BARROS, 2009, p. 32).

Passos e Barros (2009) entendem pesquisa-intervenção como um método que não segue regras prontas nem objetivos preestabelecidos, “mas o primado do caminhar que traça, no percurso, suas metas. A diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto da pesquisa, o pesquisador e seus resultados” (PASSOS; BARROS, 2009, p. 17).

E a primeira experiência veio quando percebi a desmobilização das pessoas na própria rádio diante da possibilidade de se conquistar melhorias para o veículo através da empresária

que havia chegado à Quadra<sup>87</sup>. Como não existia um grupo que a representasse, a rádio perdia espaço na disputa pelo apoio da empresária, já que nem o Sr. Chico participava das reuniões.

Apesar de todo o amor e dedicação do Sr. Chico com a rádio, é possível perceber em alguns momentos a pouca atitude dele no sentido de conseguir melhorias para o veículo ou agregar mais gente. Muitas vezes parecia que ele tinha se conformado com aquela situação da rádio e continuava a viver como no tempo das suas músicas antigas.

Percebi que, para algumas pessoas, recordar a importância do veículo no passado parecia ser mais interessante do que tentar viver o presente. Um passado muito vivo e poucas questões sobre o futuro da rádio. Como ela iria se manter sem o Sr. Chico? Como modernizar seus equipamentos e estrutura de forma a se tornar mais atrativa para os jovens? Sr. Chico passou a comentar sobre essas questões no programa, mas pouco se viu de ações para solucionar os problemas.

Diante dessas observações, durante esse processo, percebi que não queria só observar como uma pesquisadora, mas que poderia colaborar. Comecei a tentar estimular a participação do Sr. Chico junto ao grupo que se reunia para disputar o apoio da empresária, mantendo-o informado sobre tudo que acontecia. Porém, em dois momentos, fui às reuniões apenas para observar e me solicitaram a participação, para fazer relatório, para iniciar reuniões ou orientar em uma pesquisa realizada pelo grupo de jovens. Em alguns desses momentos, ponderei e me posicionei apenas como uma observadora.

Essa é a grande questão em participar, saber avaliar em quais momentos podemos interferir e em quais devemos esperar que as pessoas tomem a atitude. Como uma vez o mestre Ronaldo Salgado, professor de jornalismo e morador do entorno, comentou comigo, em um dos encontros na Quadra. Ele explicava que tinha sido convidado para uma reunião com representantes da prefeitura e os moradores, mas que ele ia só para ver, pois pensava que as pessoas não precisavam de um “tutor de fora” para dizer o que elas precisavam fazer.

Nesse sentido, Demo (1986) afirma que em muitos casos de pesquisas de estilo participativo, existem obstáculos que devem ser conhecidos, como a tendência impositiva do pesquisador. São dificuldades que podem ser superadas através da abertura de caminhos para a participação:

Dizemos, assim, que somente consegue tornar-se planejador participativo, educador “orgânico”, pesquisador identificado, aquele que tem consciência crítica e autocrítica de sua tendência impositiva. Porquanto, não há educação ou planejamento que não imponha alguma coisa. A questão não é, pois, não impor, pura

---

<sup>87</sup> Será relatado a seguir.

e simplesmente: mas sim impor menos. Impor menos significa assumir a tendência impositiva e, a partir daí, tratar de abrir espaços crescentes e nunca terminados de participação (DEMO, 1986, p. 20)

No período das eleições<sup>88</sup> para a associação de moradores também tentei ficar o mais distante possível do então presidente e dos outros candidatos, porque como algumas pessoas não entendiam a minha presença ali, poderiam achar que eu estaria apoiando algum candidato. Mas nos momentos que avalei que precisava intervir, coloquei a mão na massa e, muitas vezes, deixei de lado o papel de pesquisadora, sem sair da pesquisa. É o que será tratado a seguir.

### 5.1 Uma comunidade em disputa

É interessante como um pesquisador também tem que contar com a sorte. Durante todo o ano de 2014, fiquei esperando acontecer algo na Quadra para poder ajudar a definir meus objetivos. Mas, nas poucas visitas que fui, nada acontecia - já confessei antes que a questão da frequência influenciou muito na falta de assunto. Era o mesmo programa do Sr. Chico, com as mesmas esperanças de reforma da rádio pela prefeitura. Então, minha postura era de espera, assim como a dele.

Em 2015, quando começo a ir mais a campo, conheço o outro programa que estava no ar, dos evangélicos, me envolvo com os jovens, e eis que surge uma situação que começa a mexer com a atmosfera da comunidade. Está nos registros do dia 26 de fevereiro de 2015 meu comentário com o Sr. Zequinha sobre a possibilidade da visita de um empresário, vindo através de uma jornalista madrinha dos projetos do Unijocc<sup>89</sup>. A reunião não aconteceu na data prevista, só no dia 13 de março recebemos uma mensagem de celular para o nosso grupo do Jornal *Voz da Quadra* avisando sobre a visita que seria já no dia seguinte.

A reunião foi marcada para as 12h de um sábado, no salão paroquial. Ninguém entendeu bem o que seria, mas a proposta era receber uma empresária que queria ajudar a comunidade. Sabia que se tratava de alguém muito rico e influente, grandes empresários da

---

<sup>88</sup> Percebeu-se que o uso da rádio foi o principal meio de divulgação e propaganda no período eleitoral, até por ter sido um período muito curto para a propaganda, apenas uma semana. Vi somente alguns “cartazes”, uma folha de papel A4, geralmente xerocada, na frente da casa de algumas pessoas com propostas das chapas. O candidato vencedor fez uma gravação de uma música que tive oportunidade de escutar quando houve um desfile improvisado ao redor da Quadra ao final das eleições. Enquanto o outro candidato improvisou uma música ao vivo, na rádio, cantando por cima de uma gravação de CD, o vencedor pareceu ter produzido a música de campanha em um estúdio. De quem ele teria recebido esse apoio? Penso que da empresária, através da instituição artística, os principais interessados na sua vitória.

<sup>89</sup> A jornalista trabalhou para a ONG que atuou na Quadra por um período e estava retornando com a aproximação com a empresária. Depois, ela se tornou integrante do Jornal *Voz da Quadra*.

construção civil. Alguns dos jovens do grupo do jornal confirmaram presença.

No sábado, a empresária - descobri que de fato se tratava de uma mulher - chegou um pouco depois de meio-dia e foi encaminhada pelas pessoas para o salão paroquial que fica na parte superior da Associação de Moradores. De acordo com uma das participantes do jornal, que estava na recepção, *a priori* a reunião seria realizada na nova sede<sup>90</sup> de uma ONG de representação nacional<sup>91</sup> que já desenvolveu atividades na Quadra e estava retornando nesse momento depois que a empresária os procurou. Mas elas preferiram levá-la para o salão, um ambiente “neutro”. A nova sede da ONG foi conhecida pelo grupo de jovens naquele mesmo dia, era uma novidade.

Foi feita uma roda com cerca de 20 pessoas, cada uma começou a se apresentar. Nessa hora, desci para tentar pegar a chave da rádio com a Alexandrina na casa do Sr. Chico, mas ele não estava. A cópia da chave também não foi encontrada na casa da senhora que mora em frente à rádio, nem na casa da pastora Juliana, que apresenta o programa evangélico. A ideia seria levar a empresária à rádio para ela ver a estrutura precária. Enquanto isso, a empresária se apresentou, disse que trabalhava na construtora que estava iniciando uma obra em frente à Quadra<sup>92</sup> e queria conhecer o que era desenvolvido na comunidade para pensar em como ajudar e procurar apoios.

Da reunião, participaram dois grupos predominantes: o grupo da igreja católica e pessoas convidadas pelo presidente da ONG que estava retornando. Entre os vários projetos que estavam em andamento, destacaram-se as atividades desenvolvidas pelo grupo de jovens com crianças, jovens e idosos, além da catequese com crianças. Todos se apresentaram, alguns temas foram discutidos, como a questão das drogas e da violência, talvez os dois problemas mais preocupantes para a empresária que quer investir na área e teme a rejeição

---

<sup>90</sup> O que foi comentado por eles é que o coordenador da ONG, querendo impressionar, reformou rapidamente a casa de um amigo para apresentar como “sede” e ganhar credibilidade diante da empresária. Como a maior parte do grupo percebeu isso, resolveram levar a reunião para o salão.

<sup>91</sup> Opto por não identificar a ONG, por ter situações de conflitos em relação a mesma. No trabalho a tratarei por “ONG”. Acompanhei as atividades da ONG na Quadra realizadas por um grupo organizado por um morador da comunidade e atual presidente nacional, no ano de 2005. Foram desenvolvidas atividades visando à inclusão social de jovens através de projetos ligados à cultura, ao esporte e à cidadania, como o basquete de rua e oficinas de grafite, break e hip hop. Ela funcionou com esses projetos por volta de três anos na comunidade. No decorrer da reunião, a empresária pergunta quem vai ficar no espaço apresentado como sede da ONG. O presidente diz que é o irmão e uma outra pessoa que estava presente, mas que pela reação pareceu não estar sabendo que ia ficar lá.

<sup>92</sup> O empreendimento é uma torre residencial de 19 andares, com 36 unidades de 219 metros quadrados cada uma. O conforto é reforçado por propagandas nos muros do espaço com imagens de academia, piscina e salão de jogos. O lançamento ocorreu no dia 17 de fevereiro de 2016, no local, com ampla repercussão na mídia. Interessante que em uma das propagandas que tomavam uma página inteira do jornal, ao colocar um mapa para localizar o empreendimento, há uma distorção - retirada do quarteirão onde está localizada a comunidade – destacando o colégio particular que se localiza depois da comunidade, como se estivesse ao lado do empreendimento.

dos compradores dos apartamentos de classe média alta.

A ideia dela seria utilizar a mão de obra dos moradores da comunidade na construção do empreendimento, mas para isso seriam oferecidos treinamentos. Ela foi bem incisiva ao afirmar que não iria resolver todos os problemas da Quadra e seriam os moradores que iriam se organizar e executar todas as atividades, caberia a ela conseguir apoios e patrocínios.

Como não conseguimos a presença de ninguém da rádio, eu fui representando o grupo e, na hora de me apresentar, falei um pouco sobre a história, estrutura atual e o que poderia ser desenvolvido<sup>93</sup> na rádio. Sr. Chico não estava na Quadra e Augusto também não participava (depois entendemos os motivos das ausências). Quando estava me apresentando, como pesquisadora, e falando sobre a rádio, um dos participantes convidados pela ONG comentou que o tio dele foi o primeiro locutor da rádio e confirmou que os equipamentos eram antigos, os mesmos da época da criação. Alguém cita uma oficina de locução que foi realizada.

Falo ainda sobre a falta de participação dos jovens e como eles poderiam contribuir com a rádio. Os moradores voltam a falar da importância da rádio ao citar que as pessoas sempre ajudavam quando alguém anunciava um pedido para compra de caixão, remédio, etc. Percebe-se aí que a rádio não é negada por parte dos moradores, que reconhecem a importância dela. As pessoas falam dela, mas será que é possível perceber alguém interessado em investir nesse projeto?

Durante a reunião, surge uma sugestão de que fosse feito um programa na rádio sobre o que a prefeitura tem disponível para a comunidade. A ideia surgiu a partir do comentário de um dos participantes sobre a ajuda que a rádio daria para pessoas que não conseguiam pagar o caixão - a história que eles sempre contam quando se fala do poder de mobilização da rádio. A representante da prefeitura explicou que o órgão municipal tem por obrigação dar apoio nessa questão a pessoas que não têm condições, entre outros direitos que muitos têm, mas ela diz que desconhecem. Apesar da sugestão, ninguém se propõe a realizar o programa.

A empresária mostra-se interessada, mas apenas escuta e sugere que os grupos se reúnam para identificar os projetos que poderiam ser enviados para ela, incluindo as ações que já existiam e poderiam ser melhoradas ou ampliadas. Foi então definida uma reunião com as

---

<sup>93</sup> Ao falar em nome da rádio, saí um pouco da postura de uma pesquisadora comum e passei a intervir em campo, naturalmente. A sugestão da minha orientadora, a partir daí, foi que eu continuasse participando, mas que tentasse envolver mais o grupo da rádio, seja na participação das reuniões, seja na construção do projeto, de forma que eles entendessem que eram fundamentais naquele processo.

outras lideranças e o prazo final para entrega dos projetos seria abril<sup>94</sup>. A reunião entre os moradores, sem a participação da empresária, ficou marcada para o dia 17 de março de 2015<sup>95</sup>.

A partir daí, passa a se tornar interessante perceber qual o interesse sobre a rádio por parte da empresária bem como pelos próprios moradores. Diante desse novo contexto na Quadra, passei a intervir e acompanhar a participação dos grupos formados nesse ambiente de disputa pelo apoio da empresária, com foco na rádio. Nas reuniões que acompanhei e durante o processo, percebi pouco interesse em ocupar a rádio ou defendê-la, nenhum grupo pensou em envolver a rádio nos seus projetos, nem mesmo o grupo de jovens. A rádio não foi utilizada nem mesmo quando os boatos sobre a ajuda da empresária em relação à criação da creche se espalharam pela comunidade<sup>96</sup>. Dependendo da maneira como são utilizadas, as rádios populares podem representar ameaça. Por isso, é importante refletir sobre o interesse da empresária em apoiar a rádio e fortalecer sua presença ou não na comunidade, além de analisar a participação da rádio nesse novo processo estabelecido na comunidade.

## **5.2 Sr. Chico Cambista e o programa “Recordar é Viver”**

Após o novo encontro com as lideranças, vou no domingo, dia 22 de março de 2015, conversar com o Sr. Chico para entender a postura da associação e da presidência da rádio diante daquela situação, já que eles não participaram das reuniões. Depois de tocar músicas italianas, Sr. Chico fala novamente da chuva no Nordeste, tema recorrente nos últimos programas que acompanhei. Agora, ele agradece a chuva e anuncia então as próximas atrações musicais, em outro estilo, músicas de Reginaldo Rossi, Adelindo Nascimento e Bartô

---

<sup>94</sup> O projeto só foi entregue no dia 7 de junho e o processo será narrado mais adiante nesta dissertação.

<sup>95</sup> Antes da reunião do dia 17/03/15, o grupo de jovens se reuniu para que os projetos que seriam apresentados fossem delimitados. O grupo apresentou quatro projetos: recreação com as crianças no salão, futsal com os jovens, sopão para os moradores de rua e atividade com o grupo de idosos. No dia da reunião, eles também iriam ensaiar a Via Sacra. A segunda reunião, realizada no dia 17 de março, tinha o propósito de integrar outras lideranças da comunidade, pessoas que realizam projetos e que não participaram do primeiro encontro com a empresária. Mas comparecem as mesmas pessoas da primeira reunião, apenas Sr. Zequinha de diferente. Isso demonstra a falta de mobilização do grupo em atrair pessoas para o debate.

<sup>96</sup> A empresária, através de contato com secretarias da Prefeitura, levou o projeto de criação de uma creche mantida pela prefeitura para a Quadra. A partir da demanda dos próprios moradores que citaram no primeiro encontro com a empresária que a creche seria uma demanda antiga. Mas, para isso, precisaria de um prédio que se localizasse no térreo, pois a escolinha da Quadra funcionava atualmente no primeiro andar, em cima da associação de moradores, o que não era permitido pela prefeitura. Após visita de secretários e negociação de troca de espaços entre a sede de uma secretaria estadual que funcionava na parte de baixo da associação e a atual escolinha, surgem boatos de que as ações daquela secretaria com idosos iria acabar por conta da creche e, mesmo depois de reuniões com secretários, assembleias de moradores e abaixo-assinados, nada foi definido e a creche ainda não foi instalada.

Galeno. O apresentador comenta que no dia 12 de junho o programa “Recordar é Viver” completa 20 anos e que ele vai juntar os amigos para celebrar os “20 anos de sucesso, pois o que é bom não se acaba”. Explica que todo domingo leva informação para a comunidade e que “a parceria com a rádio comunitária merece reconhecimento”. Sr. Chico inicia um discurso explicando que está lá porque gosta, tem dedicação, amor e faz pela comunidade, destacando ainda que “nem Cristo agradou a todos”.

São 46 anos que ele mora ali. O apresentador chegou no dia 10 de outubro de 1968 quando ainda era uma favela. Ele explica que em 1981 houve a urbanização, mas “tem muito a ser feito, não conseguimos tudo”. Um discurso que me pareceu preparando para as eleições da associação dos moradores que se aproximavam, seja para justificar um fracasso ou tentar sensibilizar eleitores. Ele reforça que o importante é lutar e sempre conseguir algo, se referindo à quadra coberta recém-reformada. Explica que foram 30 anos de luta para conseguir a cobertura da quadra naquele ano, mas com um “pequeno defeito”, pois quando chove, fica alagada<sup>97</sup>. E conclui dizendo que é preciso lutar pela reforma e que a associação está fazendo esforço na tentativa de resolver o problema, através do atual presidente<sup>98</sup>.

Sr. Chico muda de assunto e passa a falar que não estaria na rádio para sempre, que precisava dos jovens para dar continuidade ao trabalho. Esse discurso passou a ser recorrente, desde que comecei a acompanhar os programas em 2015. “Vai chegar um tempo que não vai dá mais para mim, mas com certeza alguém dará continuidade ao nosso trabalho”, afirma o apresentador.

Depois, o locutor manda um “alô” para os moradores da Rua Verdes Mares, afirma que é difícil ter uma amizade de verdade, como essa que ele tem há 46 anos. Sr. Chico recorda que chegou novo na Quadra, aos 21 anos, e esses foram os seus primeiros amigos, que continuam até os dias de hoje. Anuncia a hora certa: 10h10min, e o aniversariante do dia: Zezinho. Comenta que a festa será no salão coberto<sup>99</sup>, com uma batucada, e dá votos de felicidade. Fica um silêncio, ele parece estar trocando um CD, e toca finalmente uma música,

---

<sup>97</sup> De acordo com Sr. Chico, houve um erro na reforma do salão e foi instalado um cano que leva a água da chuva para dentro do espaço, não para fora. A inundação do salão é motivo de insatisfação dos moradores que temem proliferação do mosquito que causa a dengue. Assunto que foi comentado no último programa quando Sr. Chico pediu que os moradores parassem de reclamar e pegassem um rodo para tirar a água do salão. Depois de muito esperar pela reforma do salão, a população estava desacreditada que a prefeitura enviasse nova equipe para reformar a obra.

<sup>98</sup> Nesse momento, eu estava encostada em um muro em frente à casa do Sr. Zequinha, escutando e anotando o discurso do Sr. Chico, quando o ex-presidente e concorrente da chapa que perdeu nas últimas eleições passa e grita perguntando para uma mulher se ela não queria entrar na chapa dele como tesoureira. Ela diz que não, mas ele insiste dizendo que se ela entrasse, quando ele fizesse “os esquemas”, ela estaria incluída. Ela diz que depois iria falar com ele.

<sup>99</sup> Quando cheguei vi um movimento de pessoas levando gelo e as cadeiras arrumadas no salão, já enxuto.

do Raça Negra. Após o comentário, ele deixa executando cinco músicas do grupo sem intervalo.

Figura 10 – Sr. Chico Cambista na entrada do estúdio da rádio



Fonte: Milena Ribeiro (2015).

Nessa hora, ele sai da rádio; quando volta, eu entro e ele vai para o microfone e fala novamente sobre os 20 anos do programa que serão comemorados no dia 12 de junho. “E a gente vai comemorar junto. Você que está nos ouvindo aí, a gente vai fazer uma festinha em homenagem a esses 20 anos de luta por uma boa causa aqui no nosso conjunto São Vicente de Paulo”. Percebo que ele repete o assunto que já havia comentado naquele dia. Seria para me informar? Em seguida, anuncia um “brega light”, Nino Rafael.

Converso com Sr. Chico sobre a empresária e ele explica que existe um problema entre os presidentes da ONG e o da associação, a ponto de já terem ocorrido discussões. Nesse dia, começo a entender a disputa de poder que existia. Fico sabendo que houve uma reunião na casa da empresária com os dois presidentes e ela percebeu o problema e pediu que eles resolvessem<sup>100</sup>.

---

<sup>100</sup> Fico sabendo que o problema começou quando a ONG realizou alguns shows na Quadra e não chamou os membros da associação para falar no palco. Houve ainda a questão de que o presidente da entidade estava interessado que na reforma da rádio fosse construído um espaço na parte superior para sediar a entidade.

A partir daí, começo a perceber que os representantes da associação estavam incomodados com o fato de não terem sido chamados para estar à frente da mobilização em torno da empresária. Aproveito o momento para atualizar Sr. Chico sobre o que aconteceu nas reuniões e ele me diz que achava necessário realizar uma assembleia geral<sup>101</sup> para que todos tomassem conhecimento e todas as lideranças tivessem presentes.

Sr. Chico, apesar de me perguntar o que houve na reunião, já tinha algumas informações, e percebo que os boatos sobre o assunto na comunidade já haviam iniciado. Falo sobre os projetos que seriam enviados para a empresária e pergunto se ele não se interessaria em fazer um projeto para a reforma da rádio. O locutor sugere que eu envie o mesmo que fizemos para concorrer ao edital da prefeitura. Eu me proponho a atualizar os preços e confirmar o orçamento com o Sr. Zequinha. Comento sobre a reunião com a empresária e percebo que ele começa a se empolgar quando digo que outras pessoas falaram sobre a rádio.

D. Fátima, uma moradora atuante que já concorreu à associação, entra na rádio naquele momento e escuta o que Sr. Chico explica para mim sobre as eleições<sup>102</sup>. D. Fátima me pergunta se marcaram a reunião dos projetos. Ela participou da reunião com a empresária no sábado e apresentou o projeto de reciclagem. Explico que houve na terça-feira passada e ela se surpreende, pois não sabia que tinham marcado. Mais uma vez percebo, que apesar da boa vontade, a falta de divulgação das reuniões com os grupos atrapalha a mobilização de outros moradores que poderiam se interessar em participar do processo.

No programa dominical seguinte, do dia 29 de março, o locutor abre a programação falando sobre a limpeza da comunidade. Talvez por estar dentro de um período eleitoral e de campanha, já que ele foi confirmado na chapa nº1 do atual presidente, na semana anterior. Depois descubro que é um outro assunto recorrente nos programas dele.

Nesse dia, entrego o projeto para Sr. Chico e peço para ele ler e alterar o que quisesse. Eu já tinha mostrado para o Sr. Zequinha em uma das reuniões na semana anterior e ele havia confirmado o orçamento. Explico que o grupo de jovens Unijocc iria entregar o projeto da rádio junto com os deles, da escola de música, das crianças e do esporte. Como percebo que Sr. Chico não iria ler o material, na tentativa de envolvê-lo, pergunto o que tem na rádio, para descrever no projeto. Ele indaga se eu quero anotar, pego meu caderno e ele diz

---

<sup>101</sup> Depois de muitos boatos e conflitos entre uma parte da população que não aceitava mudanças na creche e outra que aprovava, uma assembleia foi realizada na segunda-feira, 20 de abril de 2015, com a presença das três chapas quase completas, o grupo do Unijocc e alguns moradores, de 40 a 50 pessoas. Um dos jovens do grupo católico me confirmou que foi anunciado na rádio de manhã e que o Sr. Chico também usou o microfone para divulgar antes da reunião começar.

<sup>102</sup> Ele diz que na semana já começaria a anunciar na rádio o início da formação das chapas. Os moradores teriam entre 12 a 15 dias para apresentar a chapa.

que são três amplificadores, mas um está em reparo, duas mesas de som<sup>103</sup>, uma em funcionamento e a outra de reserva, e três microfones já ultrapassados, mas que estão servindo. Lembro que tem um aparelho de DVD.

Sr. Chico me explica que na época tinha uma pequena renda dos comerciais, mais ou menos uns 15 comerciantes, que cooperam com R\$16,00 (cada) por mês para manter a rádio<sup>104</sup>, exclusivamente. Lembro que colocamos no projeto um ar-condicionado e quero saber se tem como a associação ou a rádio pagar a energia. Ele explica que, por enquanto, é o Centro Comunitário que paga a energia. Explico que é importante mostrar para a empresária que a rádio tem como continuar por conta própria, após a reforma. Sr. Chico destaca: “Enquanto a gente estiver por aqui, a gente vai lutar 100% para ter a manutenção. Porque a manutenção não é de graça e a rádio não pode parar porque ela presta um serviço muito importante na comunidade”.

Na semana seguinte, Sr. Chico me conta que a empresária finalmente foi à rádio, com uma funcionária da prefeitura, numa quarta-feira, véspera de feriado. Ele já adianta que não sabia que era ela, pois não a conhecia. Relata que ela perguntou o que estava precisando na rádio, mas ele só falou do microfone, foi bem modesto, “mas se soubesse que era ela, tinha falado do projeto”, se explica. Entendo que, na verdade, como ele nem leu o projeto e estava ausente das reuniões, não se sentiu à vontade para falar. Ele me questiona se ela já recebeu o projeto e se foi entregue em mãos, eu explico que será entregue pelo grupo de jovens<sup>105</sup>.

Segundo Sr. Chico, a empresária perguntou como era o sistema e como eles trabalhavam. Sr. Chico repete o que falou para a empresária: “A rádio trabalhava também no movimento social, quando as pessoas precisavam de ajuda a gente ajudava. Que era muito importante. Era não, é muito importante uma rádio comunitária para a nossa comunidade”. Ele ressaltou que ela e a representante da prefeitura acharam muito interessante a iniciativa.

---

<sup>103</sup> Sr. Chico afirma que comprou a mesa há uns três anos, já usada, mas por pouco tempo, e estava como nova. A outra mesa de reserva já tinha 10 anos. As mesas foram compradas, mas alguns aparelhos, como os amplificadores, foram doação das irmãs da igreja católica e ajuda da própria comunidade.

<sup>104</sup> Em outra visita, Sr. Chico me explica que todo dia 10 ele visita cada comércio para recolher o dinheiro com todos eles. Ele gasta uns dois dias, sempre nos horários pela manhã. Todo ano ele aumenta a cota em R\$2,0 e já avisa em dezembro. Os anúncios são realizados todos os dias e, quando há promoção, basta pedir que ele faz o anúncio na rádio.

<sup>105</sup> O projeto foi finalmente entregue por e-mail para a empresária no dia 7 de junho, uma semana antes da comemoração dos 20 anos do programa. No e-mail enviado pela jornalista madrinha do Unijoc e amiga da empresária, ela resalta que eu ajudei na escrita do projeto, me apresentando também como madrinha do projeto, além de estar realizando minha pesquisa de mestrado e acompanhando a rádio. Ela explica que “deu uma força” na formatação. No final, reforça que o programa do Sr. Chico fará 20 anos naquele mês e “quem sabe com o apoio da prefeitura possamos articular um bom presente”.

Comento que soube que a empresária visitou a creche, para atualizar Sr. Chico sobre as novidades da reforma definidas na semana anterior, porque imaginava que ele não estaria sabendo dos detalhes. Sr. Chico não se empolga muito, e pouco trata sobre essa questão no programa, durante o longo período de indefinição e boatos. Um homem nessa hora entra na conversa e pergunta se é “aquela loira que tem até um segurança”. Confirmamos que sim e Sr. Chico comenta que a mulher é rica, é da construtora. O homem comenta desconfiado que ela “tem que fazer a coisa direitinho, né?”. Nesse dia, Sr. Chico termina o programa falando sobre o início das inscrições de chapas para a disputa na associação comunitária.

As campanhas eleitorais na rádio foram realizadas uma semana antes das eleições, que aconteceram no dia 26 de abril de 2015. Cada dia era reservado 20 minutos para a apresentação de um candidato na programação, logo depois do programa dos anúncios, pela manhã. Apenas um candidato que trabalhava o dia todo fez a propaganda à noite. Cada candidato realizou dois programas na rádio. Sr. Chico, mesmo participando de uma das chapas, não fez propaganda nesse período. Durante as eleições, a rádio ganha um lugar privilegiado para o processo, mas ao término deste, volta para à sua programação normal. Isso leva-me a questionar um certo uso instrumentalizado pelo movimento social da Quadra na rádio poste.

Com a chegada da empresária na comunidade e início da disputa entre os grupos da Quadra pelo apoio dela, a figura do Sr. Chico passa a ser essencial para acompanhar como a rádio seria envolvida no processo, já que ele, além de estar fazendo parte da associação de moradores, é presidente da rádio e ainda apresenta o único programa informativo da comunidade. Inicialmente, ele se mostra desinformado sobre o processo. As informações que tinha eram através de comentários na comunidade.

Minha tentativa interventiva nesse momento passou a ser buscar envolver Sr. Chico no processo, estimular sua participação e da rádio, além de ajudá-los com o projeto. Apesar de fazer parte da chapa com o atual presidente da associação, que optou não participar das reuniões sobre os projetos, Sr. Chico mostra-se aberto e, depois de entender o que estava acontecendo, se interessa em participar. Ele cobra o envio do projeto e fica na expectativa de retorno da empresária. Mas, no momento em que ela vai à rádio, ele não sabe aproveitar para pedir o apoio na reforma e diz que não sabia que era ela.

Sr. Chico mostra aí sua dificuldade em dar visibilidade à rádio, pois em todo esse tempo, conseguiu algumas doações. E quando aparece uma oportunidade para melhoria da estrutura da rádio, ele pede apenas um microfone, mesmo sabendo de todas as dificuldades de equipamentos e estrutura. A própria iniciativa de arrecadar dinheiro com os comércios locais

foi de uma pessoa de fora da Quadra, o ex-apresentador da rádio que trabalhava para o Governo do Estado. Sr. Chico é eternamente agradecido a esse homem e, com a saída dele da rádio, houve inclusive um boato de que poderia não mais continuar esses patrocínios.

Muitas hipóteses podem ser lançadas diante dessa postura, uma delas é que a modernização da rádio poderia representar uma ameaça para o Sr. Chico, que poderia temer não acompanhar a mudança tecnológica, já que percebi dificuldades dele no manuseio de um simples aparelho novo de DVD. Ou, ele poderia também já estar desacreditado em investimentos na rádio, diante de algumas situações de promessas não cumpridas, como a participação no edital da prefeitura que nunca foi pago, ou a promessa de reforma pela prefeitura. Enquanto os novos equipamentos e a reforma não chegavam, Sr. Chico conseguia encontrar muitos motivos para comemorar os 20 anos do programa.

### **5.3 Aniversário do programa “Recordar é Viver”**

No dia 16 de maio de 2015, vou à Quadra acompanhar o evento do Dia das Mães<sup>106</sup> e encontro Sr. Chico de bicicleta. Ele diz que o programa vai completar 20 anos e quer minha ajuda para entrevistar as pessoas que fizeram história na rádio. Coloco-me à disposição e, no dia seguinte, vou à rádio e ele comenta que falta só um mês para organizar a comemoração. Falo para Sr. Chico que tinha ficado sabendo no dia anterior que a empresária havia pedido o orçamento da rádio, dos equipamentos, e que a reforma seria através da prefeitura, pois já existia um projeto. Sr. Chico não prolonga o assunto, parece estar desacreditado, e passa a comentar sobre o aniversário do programa.

Ele me pede “um apanhado de depoimentos sobre os 20 anos da rádio comunitária” e fala que vai levar bolo “para alegrar o pessoal”. Informa que o dia do aniversário é 12 de junho, mas como será numa sexta-feira, acha melhor fazer a comemoração no domingo, dia 14, pois todos estarão em casa. Combinamos o horário, o local e ele comenta que pensa em algo simples. Pergunto quem poderia participar dos depoimentos e ele cita alguns nomes que fizeram parte da rádio. Nesse momento, entra um dos membros da diretoria da associação, nos cumprimenta e senta. O apresentador diz que vai parabenizar a organização deles no evento do Dia das Mães, se justifica porque não participou, mas garante que vai estar presente em outros eventos. O membro da associação me reconhece e diz que eu estava presente. Fico surpresa. Sr. Chico me apresenta: “A Milena aqui é nossa correspondente nossa aqui, jornalista, uma pessoa nossa, viu? Que poderá dar

---

<sup>106</sup> O evento contou com o apoio da construtora da empresária e da entidade artística, além da Prefeitura de Fortaleza. O novo presidente da associação de moradores falou sobre a proposta de mudança na creche e pediu o apoio dos moradores para que assinassem um abaixo-assinado.

muita contribuição não só para a rádio comunitária, como para a associação de moradores”. Parabenizo a associação e confirmo suas palavras.

O locutor aproveita e pede a ajuda da associação na comemoração dos 20 anos de rádio, e explica que serão feitas entrevistas sobre os 23 anos da rádio, do programa “Recordar é Viver”, “para a gente mostrar para o povo a importância da rádio comunitária durante esses 20 anos”, detalhou. O membro da associação pede mais informações sobre o evento e convida Sr. Chico para conversar sobre o assunto na reunião da associação e, depois, pede para o apresentador fazer um anúncio.

Explico para o Sr. Chico que vou chamar um dos meninos do grupo do Unijoc pra ajudar a filmar, o Emerson<sup>107</sup>. Ele quer saber quanto vai custar o vídeo e eu explico que o próprio Emerson grava com o celular, edita e não tem custo nenhum. Sr. Chico se anima com o vídeo, pois, assim, as pessoas poderão se ver. Sugiro que poderíamos entrevistar também algum ouvinte e ele diz que são muitos, que não tem como especificar. “Quem mora aqui é ouvinte”, afirma.

Peço para que Sr. Zequinha seja chamado para contribuir com ideias (já me lembrando da dica da minha orientadora em fazer um trabalho coletivo e tentar envolver as pessoas em um grupo). Digo ainda que ele poderia comentar com as pessoas que vamos gravar, e ele diz que vai falar no ar sobre os depoimentos.

No domingo seguinte, Sr. Chico é apresentado ao jovem Emerson e comenta que o pai dele também é um dos fundadores da rádio. Emerson parece ficar surpreso, não sabia (começo a achar mais relevante ainda a participação dele no vídeo e no projeto). Sr. Chico apresenta a ideia da comemoração para Zequinha. Minha intenção é mais escutar e interferir o mínimo possível. O vídeo foi sugestão minha, dando prosseguimento à ideia das entrevistas do Sr. Chico. Ele queria levar “a história, mostrar principalmente para os nossos jovens que não tem bem a ideia de como foi feito isso daqui. Mais ou menos a história contada pelos próprios moradores. Principalmente quem vivenciou a implantação dela [rádio], que foi em 1993”, explica, ao afirmar que não pode deixar a história morrer. Os dois discutem os nomes das pessoas que deveriam ser entrevistadas.

---

<sup>107</sup> Emerson é um dos jovens que participaram do grupo de discussão sobre a rádio, assunto detalhado no capítulo anterior. Ele mora em frente à rádio. Soube depois que ele produzia vídeos, fazia cartazes e blusas do grupo. Raquel me mostrou o material que ele produzia para o Facebook. Ao saber do interesse do jovem na área de design, lembrei que fiz um curso de arte-finalização em uma escola de design perto da Quadra. Resolvo enviar um e-mail para a escola contando o caso do Emerson e querendo saber se existia uma possibilidade de bolsa. Recebi a resposta rapidamente e no dia 14 de abril fomos à escola falar com um dos donos. Ele aprova a bolsa de Emerson e o menino faz o curso de três meses de arte-finalização. Emerson foi o responsável por fazer também a arte da blusa e dos convites do evento do Sr. Chico.

Sr. Chico lembra a época em que a associação de moradores era ligada totalmente à rádio comunitária e ele inclusive foi afastado por um período, já que não concordava com o presidente. Segundo o locutor, quando retornou, organizou de forma que a rádio se tornasse independente:

Isso é porque o pessoal não entende isso, algumas pessoas dizem que a rádio comunitária é minha. Mas tem cabimento um negócio desses? A rádio comunitária é do povo, não é do Chico Cambista não, Chico Cambista vai passar. Na hora que eu sair daqui, não levo daqui nada, fica tudo aqui, não é nada meu. Eu apenas eu pastoro, como diz o dito popular (Chico Cambista, entrevista, 24/05/2015).

Zequinha lembra que a associação tem que fazer parte das comemorações e Sr. Chico diz que já convidou o presidente. Emerson explica que grava pelo celular e edita no computador. O jovem quase não falou a reunião toda, tentei abrir espaço para que ele se expressasse, mas ele é muito tímido. Combinamos de fazer as gravações durante a semana e depois ele ficaria trabalhando na edição quando tivesse tempo. Sr. Chico garante que todos os dias ia fazer a chamada na rádio, avisando que seriam gravados os depoimentos e pedindo que as pessoas participassem. Na mesma hora, ele liga para umas das entrevistadas que já aparece rapidamente na rádio para a primeira gravação.

Zequinha define que eu faça as perguntas para a entrevistada e eles concordam que ela poderia falar sobre a história da rádio e do programa. Deixo Sr. Chico e Zequinha no comando das decisões quanto à melhor forma da gravação. Depois, Zequinha aceita gravar também e conta a história da rádio, fala do Sr. Chico, da dedicação dele. Confesso que nunca tinha ouvido ele falar tão bem do colega e, no final, ainda deixa um recado de parabéns. Sr. Chico retorna e já está tudo gravado. Combinamos de nos encontrar no outro domingo para fechar a programação e, na semana, gravaria com as demais pessoas com a ajuda de Emerson.

Começamos as gravações no dia 26 de maio, conversamos com o primeiro presidente da Quadra, Sr. João Roberto<sup>108</sup>. Ele falou tranquilamente, relatou o início da rádio, na época das cornetas, e da participação dele no comando de um programa, que não era muito frequente, sempre parava, mas ele não sabe explicar o motivo. Reconhece a importância do programa “Recordar é Viver” e também a persistência do Sr. Chico. Seguimos para os comerciantes. De longe, D. Daci me chama para o culto de domingo (ela não desiste).

---

<sup>108</sup> Na entrada da casa dele avisto de longe D. Daci e Mayara sentadas com mais duas mulheres. Explico que vamos entrevistar Sr. João Roberto. Elas já tinham ficado sabendo, pois nesse período estava acompanhando o programa evangélico semanalmente e tinha comentado com Juliana que queria gravar com o pai dela. D. Daci comenta que ele estava entrando na casa naquele momento e já grita e nos apresenta, facilita o contato, e somos convidadas a entrar na casa.

Alguns comerciantes já pareciam saber do que se tratava a gravação, pois Sr. Chico já tinha comentado. Gravamos com alguns deles. Na quinta-feira não deu certo, pois fiquei doente e Emerson não se prontificou a fazer as entrevistas, vi que ele tinha dificuldades, pois era tímido e não conhecia as pessoas. Minha ideia inicialmente era ajudar e deixar ele fazer sozinho, mas não deu certo.

No domingo seguinte, vejo alguém sentado no estúdio enquanto Sr. Chico já estava no microfone falando sobre o vídeo. Ele anuncia minha chegada e diz que estou ajudando nos trabalhos da gravação. Quando ele coloca a música, me apresenta o homem: era um dos ex-presidentes da associação de moradores, da época que Sr. Chico iniciou na rádio. O homem que tinha dado a oportunidade ao Sr. Chico para fazer o programa na rádio. Depois de gravar com ele, saímos pela Quadra gravando com outras pessoas; todos aceitam na hora, sem cerimônias.

No último domingo de gravação, antes da festa, vejo a rádio fechada e vou até a casa do Sr. Chico. Tenho a ideia de fazer imagens dele saindo de casa a caminho da rádio, como faz todos os domingos. Ele fica um pouco tímido, sem saber como fazer, mas vou filmando até a entrada da rádio. Emerson estava lá na frente já esperando, passo o celular e ele continua a gravação. Sr. Chico senta, dá bom dia e comenta ao microfone que aquele dia era especial, porque estava em gravação para a comemoração que iria acontecer no domingo próximo. Ele diz que vai fazer uma gravação sobre o trabalho que faz no dia-a-dia da comunidade. Sr. Chico fala emocionado:

20 anos de luta aqui na nossa comunidade. Eu acho que a comunidade é o testemunho vivo do nosso programa e da nossa luta de 20 anos aqui na nossa rádio comunitária. Portanto, não poderia ser diferente, nós juntos fazer essa comemoração que é tão importante não só para mim, Chico Cambista, mas para todos que fazem essa comunidade saber um pouco da história da rádio comunitária. Saber um pouco da história da nossa associação de moradores, enfim, a gente juntos fazermos essa comemoração de 20 anos de atuação na nossa comunidade. Só o que é bom, só o que é verdade, fazer com muita luta, com muito amor, tem tanto tempo assim na nossa comunidade (Sr. Chico, gravação, 07/06/2015).

Sr. Chico agradece aos ouvintes, em especial “algumas pessoas que fecham os seus sons potentes para ouvir o nosso programa”. Diz que aprendeu a fazer o programa sozinho, sem a ajuda de ninguém, e que dava muito prazer. “É muito prazeroso a gente saber que tem pessoas que escuta, que sente falta no dia que eu não faço esse programa”, comenta. Fala sobre a história da rádio, que nasceu de uma luta de um grupo de jovens. Depois, começamos a gravar o depoimento e ele repete um pouco da história da rádio, como ele começou, relata a dificuldade com o microfone que tinha no início, do apoio que conseguiu com os

patrocinadores:

Eu acho que a maioria das pessoas aprova o programa “Recordar é Viver”, então eu acho que é por isso que hoje nós estamos completando 20 anos de trabalho, porque eu tive e tô tendo ainda o apoio da própria comunidade. Se eu não tivesse esse apoio, com certeza eu não estaria mais aqui. Porque eu não ía ficar num local, trabalhando, me esforçando, se eu não ía ter o apoio da comunidade. Não tinha sentido de maneira alguma. Mas, graças a Deus o apoio é maciço. Eu diria para você em números que 90% apoia a rádio comunitária. E é por isso que estamos aqui, firme e forte no dia a dia, trabalhando sempre em prol da nossa comunidade. Quantas pessoas já não precisaram da rádio comunitária? Quantas pessoas já foram beneficiadas aqui, através do nosso programa, através da minha pessoa, pelo meu esforço. (Sr. Chico, entrevista, 07/06/2015)

Começo a fazer perguntas e quero saber como ele escolhe as músicas. Sr. Chico explica que já leva os CDs de casa e fala sobre uma possível dificuldade tecnológica, caso a rádio venha a se modernizar: “Eu acho que eu vou é estranhar no dia que ela passar para os aparelhos sofisticados. Que eu espero que isso aconteça. Mas, a gente vai até encontrar um pouco de dificuldade, porque eu já estou tão acostumado com esses aparelhinhos antigozinhos, mas muito bom, quase não dá problema”, afirma.

Quero saber o que não pode faltar no programa “Recordar é Viver”, e ele diz que é a disposição do apresentador. É essencial. “Sempre a minha disposição é a mesma, sempre o meu calor é o mesmo, sempre a minha vontade é a mesma. E o mais importante, a dedicação, isso é fundamental para qualquer trabalho que você faça”, explica. No final, lembramos que havíamos combinado de gravar com o professor Ronaldo Salgado<sup>109</sup>. Sr. Chico o chama na rádio e ele aparece. Em depoimento emocionado ele fala sobre a importância da rádio comunitária:

A rádio comunitária representa uma conquista muito forte. Muito significativa. Mas, sobretudo, porque temos aqui um projeto de comunicação alternativa que completa 20 anos e tem uma importância fundamental para a história da comunidade, em termos de entretenimento, de lazer, mas também em termos de educação, pedagógicos, de esclarecimento, de informação, extremamente relevante porque congrega, aproxima, estabelece laços importantes em termos de comunicação com uma proposta fora dos padrões hegemônicos, globais de televisão, de rádio e de poder. Então nós temos nesses 20 anos de programa ‘Recordar é Viver’, acompanhado todos os domingos, até porque meu final de semana é aqui junto com a comunidade. [...] O programa nos dá a chance de nos reencontrar com músicas que fazem parte de uma cultura musical brasileira muito rica, de uma música das antigas, músicas permanentes, que falam ao coração, como também acompanho o trabalho do Sr. Chico, um comunicador nato, que tem essa vocação extremamente importante de saber transmitir com sinceridade. Saber partilhar informações importantes para o dia a dia da comunidade. Então é um programa que tem esclarecimento, energia e emoção (Ronaldo Salgado, entrevista, 07/06/2015)

---

<sup>109</sup> Morador do entorno há mais de 40 anos, professor de jornalismo da UFC e ouvinte assíduo do programa do Sr. Chico.

Na semana da comemoração dos 20 anos do programa, convido Mariana<sup>110</sup>, a neta do Sr. Chico, para apresentar o vídeo no dia do evento comemorativo. Explico que seria apenas a leitura do roteiro que eu já poderia mandar para ela por e-mail. Sugiro que ela e o Emerson sejam os apresentadores, mesmo sabendo que os dois eram muito tímidos, depois de conviver com eles e da conversa que tivemos no ano anterior, sobre a rádio<sup>111</sup>. Ela aceita e Emerson também. Explico que ela poderia alterar o texto da apresentação, se quisesse.

Nos outros dias, Mariana tira dúvidas sobre o roteiro, pois tinha deixado uma parte do roteiro em branco para que ela completasse. Entre eles, os agradecimentos aos patrocinadores do programa, pois só tinha anotado depois, quando o Sr. Chico leu para mim os nomes, enquanto procurava na prancheta, em papéis soltos.

No dia 14 de junho, data da comemoração do aniversário do programa da rádio na quadra coberta, Mariana e Maurílio<sup>112</sup> ajudaram na decoração do espaço. Mariana me diz que havia decorado todo o texto. Ela comenta que conversava com o avô meia noite, na hora que eles se encontravam, para completar as informações sobre a vida dele no roteiro. Contou animada que assim ficou sabendo de muita coisa sobre o avô, principalmente sobre a sua infância.

A decoração foi feita com a ajuda de várias pessoas do grupo Unijocc e só conseguimos finalizar quase na hora do início da festa, que atrasou ainda mais, pois o projetor do grupo de jovens estava emprestado e precisei ir à casa da pastora Juliana para conseguir um outro. Os integrantes do grupo Unijocc ajudaram a resolver outros problemas com a caixa de som. Nesse dia, havia uma seresta tocando bem do lado do salão, desde o início da tarde, que atrapalhou a escuta do vídeo. Situação que a rádio convive todos os dias, a disputa sonora da Quadra faz parte do lugar. Apesar do pedido do presidente da associação, que estava presente ao evento junto com parte da diretoria, a seresta continuou a tocar mesmo na hora da apresentação do vídeo.

---

<sup>110</sup> Nesse dia, ela também me pergunta se eu sou madrinha do Unijocc, do sopão, e se poderia ajudar. Combino de deixar o dinheiro na minha portaria para alguém pegar. Ela me informa que é a nova coordenadora da oração, responsável pelo projeto.

<sup>111</sup> Ver capítulo 4.

<sup>112</sup> Havia me encontrado com Maurílio há duas semanas e ele comentou que poderia ajudar com a decoração da festa, pois não estaria trabalhando. Ele é um dos membros do Unijocc e sabe fazer ótimos trabalhos de decoração. Pergunto o que ele iria precisar de material, mas ele explicou que já tinha todo o material com o grupo de jovens. Pensou em usar uns CDS e discos. Fico bem animada quando recebo essa ajuda.

Figura 11 – Arte produzida para o convite e blusa do evento



Fonte: Emerson (2015).

Mariana começa a cerimônia explicando o motivo da comemoração. No roteiro, fiz um diálogo entre os dois (ela e Emerson), em que eles conversavam sobre o início da rádio, do programa e sobre a vida do Sr. Chico<sup>113</sup>. Em seguida, eles apresentaram o vídeo com os depoimentos sobre a história da rádio<sup>114</sup>. A plateia vai aumentando e começa a aplaudir as pessoas que aparecem nos depoimentos e a fazer comentários. Após o vídeo, os apresentadores continuaram a cerimônia e chamaram Sr. Chico para falar. Ele agradece a todos pela participação e relembra a história citando o primeiro presidente, Sr. João Roberto de Carvalho.

<sup>113</sup> Ver roteiro completo em anexo.

<sup>114</sup> É possível ver o vídeo completo no You Tube: <https://www.youtube.com/watch?v=8FL5Ejx-jWw>

Figura 12 – Festa de comemoração do programa “Recordar é Viver” (Sr. Chico ao centro, Emerson à direita, o pai Francisco, à esquerda. Mariana aparece ao lado direito)



Fonte: Milena Ribeiro (2015).

Sr. Chico passa a palavra para Sandra Monteiro, ex-apresentadora de um programa; ela é bastante aplaudida e fala sobre a luta da rádio “que é de todos”, sobre as músicas, a riqueza de detalhes que o Sr. Chico apresenta, dos cuidados em falar a biografia do cantor. Sandra parabeniza o grupo de jovens e a UFC e passa a palavra para João Roberto de Carvalho. Sr. Chico diz que era vice-presidente quando ele foi o primeiro presidente da associação de moradores, em 1981. “Porque hoje a comunidade é Sr. Chico Cambista. [...] Se ele passar um dia sem fazer [o programa] as pessoas já comentam. A comunidade está mostrando a importância que você tem aqui dentro através do programa ‘Recordar é Viver’ ”, afirma João Roberto. Sr. Chico fala sobre o presidente Raimundo Baixinho, que fez parte da gestão e comenta ainda que ele foi vice de todos os presidentes<sup>115</sup>. Sr. Chico agradece ao Unijoc, ao atual presidente da Associação de Moradores e a mim, “quem ajudou a festa existir”.

Em seguida, Normando Rodrigues é chamado a falar e diz ter visto a rádio nascer da ideia do “doido do Zequinha”, e relata que o grupo GAC montou a rádio “pedacinho por pedacinho”:

De todos os doidos, ficou o mais doido que foi Sr. Cambista, só sobrou ele. Programa dele é exemplo da vitalidade, amor que ele tem pela comunicação, como ele fala, ele se realiza como comunicador popular. A comunidade tem que agradecer ao Cambista. Já enterrou muita gente, deu muita cesta básica, e às vezes as pessoas esquecem. Rádio comunitária está aí, não é aquela coisa toda, mas está aí, e muito

<sup>115</sup> Percebe-se aí a ligação do Sr. Chico com a Associação de Moradores.

por causa do Cambista e ao programa que vai fazer 20 anos (Normando Rodrigues, evento, 14/06/2015)

Sr. Chico chama “Jack Chan”, como é conhecido Sr. Zequinha, o idealizador da rádio. Zequinha diz que não pode falar muito por conta do problema de saúde, mas quer lembrar o início do GAC, quando era voluntário na época do Sr. João Roberto e teve a ideia da rádio e o presidente autorizou. Zequinha convocou os meninos: Marquinhos, que cuidava da eletricidade, e Gojoba, que montou as caixas de som. Diz que a rádio é um dos projetos que nunca se acabaram na comunidade e cita os programas atuais, “que é o que ainda está segurando a rádio”: do Sr. Chico Cambista, dos evangélicos e o programa “A Hora do Ângelus”, que foi encerrado. O novo presidente também participou lendo um texto sobre a importância da rádio. Muitos falaram e a festa termina com distribuição de bolos e refrigerante. Os participantes do grupo de jovens e eu ajudamos na distribuição e na organização final.

O pai de Emerson foi para festa, parecia estar muito orgulhoso do filho, inclusive bateu foto com Sr. Chico. Emerson vence a timidez e faz uma bela apresentação. Era visível a emoção do Sr. Chico vendo a neta Mariana. A participação deles foi crescendo no decorrer da organização da festa, de forma natural, e eles foram assumindo responsabilidades e se envolveram bastante<sup>116</sup>.

Foi uma comemoração simples, como havia comentado Sr. Chico, mas muito importante para ele e para as pessoas que fizeram parte daquele projeto da rádio. Estar ali naquele momento, se ver no vídeo, escutar as histórias do início daquela iniciativa, pareceu dar um fôlego novo para a rádio que está em um período de transição e pede por novos colaboradores, sobretudo os jovens.

A ideia do evento surgiu da vontade do Sr. Chico de comemorar e, porque não também, de ser homenageado, e foi crescendo de uma forma que envolveu muitos moradores, sendo bastante prestigiada. E, para mim, foi impossível não me envolver no sonho, já que eu estava como pesquisadora, através da convivência em campo, já compartilhando na rádio a sua história de luta. Ao mesmo tempo, me senti na obrigação de começar a retribuir toda a atenção que aquelas pessoas já tinham me dado e a contribuição com minha pesquisa.

---

<sup>116</sup> Ao final da festa, recebo mensagem do Emerson comentando que ficou feliz por tudo ter acontecido bem. Fico sabendo que ele estava bastante ocupado com muitas tarefas naquela época, mas que se esforçou bastante para fazer tudo.

#### 5.4 Mudanças na rádio: perspectivas de um futuro

No dia 23 de julho de 2015, a pedido da jornalista madrinha do grupo de jovens e amiga da empresária, combino um encontro com Sr. Chico e ele comenta minha ausência. Percebo que ele tinha sentido minha falta, pois estava sem ir ao programa desde a festa da rádio, em meados de junho. Sr. Zequinha também participa do encontro em que é explicado que os itens do orçamento do projeto haviam sido enviados para a empresária descrevendo o que a rádio precisava: fiação, mesa de som, computador, etc. A resposta foi que a empresária doaria R\$5 mil. A reunião seria para saber de Sr. Chico e Zequinha quais seriam as prioridades para a compra, já que o orçamento inicial era o dobro do valor.

Zequinha comenta que os aparelhos que são usados não são adequados para a rádio e é preciso fazer uma pesquisa. Os dois concluem que a mesa de som ainda era boa, mas era preciso comprar os amplificadores. Questionado sobre as caixas de som, Zequinha explica que são feitas de zinco e que tem uma ótima durabilidade. No final, por sugestão da jornalista, eles gravam um vídeo para a empresária a fim de confirmar finalmente a doação.

Os aparelhos da rádio realmente estavam precisando trocar, pois em um domingo, durante o programa do Sr. Chico, já presencie a mesa parar por alguns minutos, e o apresentador me explicou que era comum aquele tipo de problema, porque já estavam muito gastos e automaticamente baixava o som. “É... os aparelhos já estão pedindo outros mesmo”, lamentou Sr. Chico. O ventilador também nem sempre funcionava e fazia um barulho estranho. Um dia percebi que a luz de fora da quadra coberta estava ligada e fico sabendo que só funcionava a energia na rádio se a luz do salão estivesse acesa. O apresentador me confessa que a fiação estava toda ruim, mas como não sabia se ia ter a reforma da prefeitura, ia esperar até dezembro, se não saísse nada, começaria a fazer a reforma aos poucos. Digo para ele perguntar para o presidente sobre a reforma, mas Sr. Chico reconhece que sabia poucas novidades através da nova gestão da Associação.

Percebo um interesse maior do Sr. Chico na modernização da rádio, quando um dia ele mesmo me explica que se as músicas fossem gravadas no computador, ele colocaria o volume que quisesse. E comenta que se chegassem os novos aparelhos, seria possível gravar várias músicas em um pen-drive para colocar no DVD. Essa era a primeira vez que escutava Sr. Chico falando de tecnologia de forma positiva. “É uma beleza, porque a gente armazena (tem dificuldade para falar) todas as músicas, seleciona todas elas. Aí na hora do programa é só ligar, e pronto, faz o programa todinho”, afirma. Digo que é simples, é só questão de costume. Ele confirma: “Quando tiver o computador aqui, quero que você venha para me dar umas

instruções”. Confirmando que ele poderia contar comigo.

O dinheiro da empresária finalmente foi depositado na conta da jornalista colaboradora no dia 30 de julho, mas só depois de quase duas semanas conseguimos realizar a compra. Aconteceram alguns impedimentos como doença do Sr. Zequinha e falta de tempo que deixaram Sr. Chico impaciente. No dia 13 de agosto, quando Zequinha estava melhor de saúde, conseguimos ir para a loja no centro da cidade. Sr. Zequinha fica em dúvida sobre o tamanho da mesa, mas acaba escolhendo uma igual à atual, apenas com um detalhe mais moderno. Desiste da mesa de muitos canais, pois não iam precisar. Desiste do microfone, para comprar os dois amplificadores, e diz que já tem um. O valor consegue ser inferior à doação e Zequinha sugere que com os R\$700,00<sup>117</sup> que sobraram seja comprado um aparelho de DVD, pois o dele estava sendo usado na rádio, e um ventilador. Quando falo em computador, ele diz não concordar, pois seria difícil a adaptação. Tem a mesma resistência que o Sr. Chico tinha e desistimos do computador.

No dia 16 de agosto, dois dias depois da compra, os equipamentos já estavam montados na rádio. Peço para ver os amplificadores e Sr. Chico lembra que ainda será comprado o “porta-CD”. Ele diz que queria fazer um agradecimento ao vivo para a empresária e faz o convite para ela ir visitar a rádio. Diz que quer que toda a comunidade saiba que ela está ajudando “sem nenhum interesse político”<sup>118</sup>. “Ela está fazendo isso sem fins políticos, não tem nada de politicagem no meio. Ela está fazendo isso porque ela tem condições de fazer, de ajudar as comunidades, não só a nossa, mas também algumas comunidades ela vem ajudando”, ressalta. Ele agradece também ao Zequinha, que no dia anterior havia trabalhado quase o dia todo na montagem dos equipamentos.

Não acompanhei a compra dos outros equipamentos, mas vi o ventilador e o DVD já no estúdio quando fui acompanhar o programa no final do mês de agosto (30/08/15). Sr. Chico me mostra o ventilador já pregado na parede e o aparelho de DVD ainda na caixa. Ele ainda não estava usando o novo aparelho, pois não tinha comprado a pilha do controle remoto. Nesse dia, Sr. Chico me informa que o presidente deu a notícia de que o prefeito tinha assinado a ordem de serviço da reforma do salão e da rádio há 20 dias. O apresentador estava mais animado quando liga para o vice-presidente e confirma que os engenheiros iriam fazer uma visita para concluir o laudo técnico. Na conversa, o vice-presidente explica que foi criado

---

<sup>117</sup> Desse valor, R\$300,00 foi tirado para pagar a mão de obra do Sr. Zequinha, que iria montar os novos equipamentos.

<sup>118</sup> É um pouco de exagero do Sr. Chico, visto que a empresária tem grande influência entre as secretarias da Prefeitura e é de se refletir que tipo de envolvimento ela teria. Ela conseguiu em pouco tempo mobilizar duas secretarias para a questão da criação da creche na Quadra.

um grupo através de um aplicativo de celular em que eles estariam informando todas as novidades. Sr. Chico tem dificuldades até em entender do que se tratava e, no final, pede para ele mantê-lo informado: “para a gente ficar mais ou menos por dentro e anunciar para a comunidade para a comunidade ficar sabendo como está a associação se movimentando, né? Tem que o povo saber que a associação não está parada, ela está se movimentando”, afirma. Depois, comenta comigo que seria bom que o presidente fosse à rádio, e em público, informasse aos moradores.

Depois disso, tive que reduzir as visitas à Quadra porque aquele é um campo sem fim, enquanto eu fosse, teria assunto para contar, mas precisava parar e focar nas leituras e escrita. Decidi ir algumas outras vezes só para acompanhar e saber as novidades por lá. Entre os meses de setembro e dezembro fui duas vezes conversar com Sr. Chico. Ali pode ter terminado o meu trabalho de campo, mas tenho ainda muito por fazer naquela rádio, que está para além do campo. E essa é a proposta de continuidade que fica deste trabalho, porque a dissertação, por ser um texto, tem que ter fim, mas o meu trabalho como pesquisadora e minha contrapartida com aquelas pessoas que colaboraram com minha pesquisa, ainda continuam.

#### ***5.4.1 Proposta de oficinas: a pesquisa acaba, mas as intervenções continuam***

No dia 10 de janeiro de 2016, fico sabendo que Sr. Chico havia levado os equipamentos da rádio para o salão paroquial. A mudança foi realizada no dia anterior, pois segundo o presidente, no dia seguinte seria dado o pontapé inicial da reforma da associação de moradores e da rádio comunitária. Nesse primeiro programa no salão, Sr. Chico teve dificuldades em ligar a mesa e tento ajudá-lo.

Ele comenta que eu era “testemunha da luta que vinha sendo travada desde a administração anterior pela reforma da rádio”. Narrou que o atual presidente ligou, na semana anterior, dizendo que estava tudo certo e pediu para que já na segunda-feira seguinte estivesse tudo liberado para o início da reforma. Sr. Chico me explica que iriam demolir tudo e fazer a rádio na parte de baixo e um espaço para reuniões na parte de cima, como um auditório. Ele viu o projeto e diz animado que, se for daquele jeito, “vai ficar uma beleza”. Pergunta se eu não vi nas redes sociais.

Figura 13- Projeto de reforma da rádio divulgado nas redes sociais



Fonte: Prefeitura de Fortaleza (2015).

Sr. Chico não sabe se vão entregar o prédio novo com as cadeiras e pede minha ajuda para tentar com a empresária mais apoio financeiro para a compra. Pergunto se os patrocinadores da rádio continuam naquele ano e ele diz que alguns saíram, “por causa da crise, mas ninguém é obrigado a renovar”. Com a saída de alguns anunciantes, ele estava fazendo as propagandas ao vivo, porque o CD com as gravações já estava antigo. Confirma que pretende gravar outro CD, mas enquanto isso, mandou digitar no computador os anúncios e ficou mais fácil para ler. Nesse dia, um cantor, o “Babau do pandeiro”, chega e Sr. Chico anuncia as músicas e faz a propaganda do bloco de carnaval dele.

Ao final do programa, Sr. Chico fala que com a reforma da rádio vai iniciar o projeto de “formar alguém para dar continuidade ao trabalho”. Nessa hora, ele olha para mim, que estava sentada acompanhando o programa, e chama minha atenção. Continua falando que não é vitalício e já começa a pensar a “recrutar alguém para dar continuidade ao nosso trabalho”. Ele explica que quando receber as novas instalações vai buscar parcerias para fazer oficinas a fim de capacitar alguém “que queira realmente dar continuidade a isso daqui”.

Por isso, a gente já vai começar a pensar a trazer oficinas para capacitar alguém que queira. Porque isso aqui, Milena, precisa que primeiro lugar que a pessoa goste disso daqui. Porque se você não gostar, você não vai querer. Para fazer uma coisa com alegria e satisfação. Eu, essa hora e meia que a gente passa aqui, pra mim, é um hobby, isso pra mim é uma alegria imensa, mas porque eu gosto disso daqui. Eu gosto. Isso aqui é minha vida. Isso aqui é uma parte da minha vida. Eu estar aqui todos os dias comunicando, informando, passando informação para a comunidade, isso me fortalece muito. Então eu espero que alguém também se interesse por isso

daqui, porque nós vamos buscar parceria fora pra gente colocar oficina aqui, porque a gente vai ter espaço, pra que a gente possa capacitar alguém para ser preparado para dar continuidade ao nosso trabalho, né isso? (Sr. Chico, gravação, 10/01/2016).

Figura 14 - Reforma da rádio iniciada em janeiro de 2016



Fonte: Milena Ribeiro (2016).

Finalmente o dia chegou. Confesso que iniciei o mestrado com a ansiedade de realizar oficinas, contudo não sabia como seriam feitas, mas minha proposta era realizar uma pesquisa interventiva. Após me tranquilizar e aceitar o tempo do campo, resolvi acompanhar os processos e vivenciei muitos acontecimentos, compreendendo através das metodologias que não seria eu que iria propor a oficina. Até que, finalmente, naquele dia, escuto da voz do Sr. Chico um chamado, uma abertura para que eu possa contribuir com as oficinas de rádio. E assim será, enquanto aguardamos os 90 dias de obra previstos pela Prefeitura<sup>119</sup>, Sr. Chico continua anunciando as oficinas que ele tem certeza que vão ser realizadas, pois já sabe que pode contar comigo.

Em janeiro de 2016, recebi ligações dele pedindo que conversasse com Sr. Zequinha sobre mais um orçamento para a rádio. A iniciativa já parte do novo presidente da associação que solicitou um novo orçamento que seria enviado para a empresária. Independente da minha presença, que não é mais semanal, vejo que eles já conseguem se envolver no processo que

<sup>119</sup> De acordo com a placa da obra, com início no dia 13 de janeiro de 2016, a reforma seria concluída em 90 dias e seria investido um valor de R\$133.419,33.

está acontecendo na comunidade.

No dia 14 de fevereiro de 2016, um mês depois da última visita, Sr. Chico me explica sobre o projeto que foi novamente enviado para a empresária. Agora, eles iriam trocar as caixas de som por novas. Sr. Zequinha é chamado para ajeitar o volume do som nesse dia e reclama da falta de manutenção das caixas antigas. Durante o programa, escuto Sr. Chico comentar sobre a reforma da rádio e as mudanças que estão por vir:

A rádio ficará em novo estilo. Então, em breve, com a conclusão aí dos trabalhos, depois a gente começa nosso trabalho de aperfeiçoamento da nossa rádio comunitária. Vamos aguardar, um pouco de paciência. Nós vamos ter som de qualidade, com novas caixas e a gente vai ter mais condições de oferecer ao nosso público, aos nossos ouvintes, aos nossos colaboradores, que nos ajudam a manter o nosso centro de comunicação mais qualidade de som. Isso que nós vamos oferecer a nossa comunidade. Deixa terminar tudo aí, a conclusão da nova instalação da associação e também da rádio comunitária para que a gente possa também receber novos aparelhos, novas caixas, para que a gente possa ter um som de qualidade na nossa comunidade. A nossa rádio comunitária jamais morrerá. Chico Cambista pode passar, eu, Zequinha, outros, mas a rádio vai ficar. Foi um trabalho, foi feito há mais de 25 anos que foi implantada a rádio comunitária e foi uma das coisas que veio para ficar e ela vai ficar, e ela está ficando. Mesmo que Cambista passe, mesmo que Zequinha passe, mas há de aparecer alguém para dar continuidade ao nosso trabalho. Enquanto der para a gente ficar aqui, a gente fica, quando não der mais, paciência. Com certeza nós vamos recrutar pessoas que queiram dar continuidade ao nosso trabalho. Quando a gente receber ela, tiver toda nos trinques, a gente vai ter oficina, a gente vai recrutar quem quiser ficar, já uma preparação para a rádio não fechar. Não morrer. Essa rádio não pode morrer. A gente passa, mas a rádio fica. Com certeza alguém irá dar continuidade ao nosso trabalho. É isso daí. (Chico Cambista, gravação, 14/02/2016)

Foram exatos dois anos que acompanhei o processo da rádio, período em que estive pesquisando sem poder fazer um cronograma exato a seguir, porque não era assim que funcionava. Não somos nós da universidade que determinamos os acontecimentos do campo. A espera pelo momento certo me atrasou na conclusão da dissertação, mas consegui na caminhada uma maneira de concluir a pesquisa e realizar algumas ações interventivas, mesmo que parte não tenha sido aproveitada de fato na escrita e outras ainda estão por vir, como as oficinas. Mas tudo foi fruto do processo de acompanhamento da pesquisa, sem imposições, sem correria e principalmente sem realização de trabalhos pontuais em que a universidade chega, realiza a pesquisa e uma oficina em um curto período, e vai embora, de forma impositiva, como discute Demo (1986):

Assim, do ponto de vista da política social no plano político, o primeiro desafio será como motivar a organização comunitária. Esta problemática inclui grande quantidade de questões vitais. De um lado, o problema do agente externo, do Estado, da universidade, da igreja, etc, que pretende colaborar em processos participativos, no sentido de que tende à imposição, à alienação, à descaracterização, além de ser normalmente inábil em termos políticos, despreparado em termos científicos, ingênuos em termos práticos. De outro lado, o problema da comunidade,

desmotivada, oprimida, conglomerada por processos migratórios forçados, tendente a assistencialismos, alienada, com dificuldade de se organizar para dentro, ou de influenciar para fora (DEMO, 1986, p. 30).

Quando estava de fora, escrevendo o projeto de mestrado, mesmo já conhecendo a Quadra, tinha a ideia de uma comunidade desmotivada, que não participava mais das atividades desenvolvidas no local, seja por agentes internos ou externos. Mas não tinha refletido que foram muitas atividades assistencialistas realizadas na comunidade que também contribuíram para esse ambiente de desmotivação dos moradores e de dificuldades para se organizar. A partir do momento em que essas pessoas puderam se emponderar do processo, como o Sr. Chico, que passou a decidir o que era preciso melhorar na rádio e se envolver com a liderança comunitária, as ideias passam a surgir deles, de dentro para fora, e não mais de fora para dentro.

E é assim que a oficina vai ser realizada, a partir da ideia de quem faz a rádio, com as demandas do que eles querem e com os próprios moradores ministrando, por que não? A universidade está aqui, através de mim, através do Programa de Assessoria Técnica e Sociocultural às Rádios Comunitárias do Ceará (Parc)<sup>120</sup>, que já ajudou e poderá auxiliar mais ainda. Mas a organização e a motivação devem partir da própria comunidade. No tempo e no interesse deles. E essas serão cenas dos próximos capítulos.

---

<sup>120</sup> Criado em 1987, o Parc é coordenado pela Prof<sup>a</sup>. Márcia Vidal Nunes e desenvolve atividades em Comunicação Comunitária/Popular/Alternativa. Alunos da UFC já realizaram oficinas (de impresso e rádio) na Quadra, por volta do ano de 2008.

## 6 Considerações finais

Em um campo já conhecido e percorrido por alguns anos, como a Quadra, tive que, inicialmente, reconhecer que não sabia tudo sobre ele, que ainda poderia me surpreender. E no percurso, aprendi que só frequentando muito o local iria descobrir alguma coisa nova e, mesmo assim, precisaria esperar, no tempo dele. E foram com esses aprendizados que consegui viver um trabalho de campo que me guiou nos caminhos dessa pesquisa. Sim, foi o campo que me orientou nas decisões, e era lá que eu queria estar. Esses princípios foram mantidos durante todo o caminho, além do desejo da troca com aquelas pessoas, de levar e deixar muito, algo que já fazia e que descobri na metodologia participativa que conseguiria continuar no mestrado, unir a pesquisa ao fazer.

É difícil concluir algo que ainda está transcorrendo, por isso trago aqui considerações sobre as principais questões que foram discutidas neste trabalho - que precisou ter um fim, mas isso não quer dizer que o meu trabalho na Quadra acabou. As grandes contribuições são sobre o processo participativo na rádio em uma comunidade que estava vivendo um momento de transformações. Refletir sobre as formas de participação dos moradores e acompanhar os processos de mudanças daquela rádio foram minhas principais inquietações. Porque eu já partia do conhecimento que existiam poucos programas na rádio, mas só pude entender como os moradores se aproximavam daquele veículo nas observações do campo.

Para isso, foi imprescindível acompanhar os programas que estavam no ar, do Sr. Chico e das mulheres evangélicas. As conversas e as situações que presenciei, ao vivo, me mostraram como era o uso de cada um deles. Um, tem a rádio como grande sentido de vida comunitária, uma dedicação de duas décadas. As outras, veem a rádio como instrumento para difusão da fé. E os jovens? Esses que seriam o futuro da rádio? Uma parte deles representada pelos jovens católicos realizou um programa e, de certa forma, manteve e mantém uma relação com a rádio. Entretanto, a juventude é bem mais plural na Quadra e a grande maioria parece não escutar aquele veículo.

Essa é a rádio GAC – Grupo de Apoio Comunitário que se transformou em Centro de Comunicação Alternativa, pelo Sr. Chico, na tentativa de deixá-la independente da Associação de Moradores, porém, dependente do amor incondicional desse homem. Aquele amor de mãe que sufoca e parece fechar as portas para o mundo, apesar de ele, no ar, sempre falar exatamente o contrário, que iria passar e, por isso, precisava do apoio dos jovens para dar continuidade à rádio.

E o grupo de jovens da igreja católica, Unijocc, tentou manter um programa na rádio. Outros também tentaram, como os programas de forró, funk, saúde, futebol, mas acabaram desistindo. A rádio exige muita dedicação e isso só o Sr. Chico sabe como é. Os evangélicos também, as três igrejas já fizeram programa na rádio, contudo sempre existe aquela dúvida se tem alguém escutando. Mas como não escutar uma rádio poste, já que ela não desliga?

A reflexão sobre as paisagens sonoras da Quadra não estava contemplada no início da pesquisa, e surge após a qualificação, por sugestão da banca, e passa a ser mais uma questão importante a ser discutida no trabalho. Percebi no campo o contexto de disputas sonoras existentes na Quadra, que inclui diversos ruídos, disputas de sonoridades, políticas e apelos de consumo. Uma comunidade que tem uma paisagem sonora tomada por vários sons nas casas, por fones de ouvido, muito forró, funk e músicas religiosas. Foi interessante perceber que para refletir sobre a participação desses grupos na rádio, não poderia deixar de reconhecer essas diversas sonoridades presentes na Quadra.

E a questão da participação dos moradores foi outra temática importante que deu sequência ao trabalho. Iniciei a pesquisa pensando que não haveria participações de moradores na Quadra, mas a vivência em campo me mostrou que tinha sim uma variedade de participações, entre algumas situacionais, como a dos vários ouvintes que observei indo até a rádio durante o programa para pedir para anunciar algum evento, muitas vezes os próprios participantes do grupo de jovens da igreja católica. Já o grupo de mulheres evangélicas, apesar de apresentar um programa, não tomava parte da rádio e se apresentava um uso instrumental, vislumbrando apenas o fortalecimento da igreja e não do próprio veículo, que continuava sendo comandado unicamente pelo amor do Sr. Chico e fiscalização do Sr. Zequinha.

E o campo continua a surpreender ao trazer as transformações na Quadra que começam com a chegada da empresária que resolveu ajudar a comunidade, para ser ajudada também em seus interesses empresariais e econômicos. A disputa, que era sonora, passa a ser também dos grupos que se organizam e brigam pelo apoio da mulher. Um grupo formado por jovens se mobiliza e vence as eleições para integrar a Associação de Moradores. Começam então a chegar novos projetos para a comunidade e fica a dúvida se a rádio seria contemplada.

A Quadra fica pequena para tantos boatos, talvez ajudado pelo próprio desenho arquitetônico da comunidade, com uma casa colada na outra, parede com parede, trazendo a ideia de que lá tudo é transmitido “boca a boca”, esquecendo o poder das caixinhas penduradas nos postes. E a rádio é pouco utilizada nesse período de indefinições na Quadra. O grande desafio de aproximar os jovens desse veículo comunitário continua, na expectativa de

que surja um grupo capaz de renovar aquele veículo que atua há mais de 20 anos na comunidade.

Finalmente, a rádio foi lembrada, e a empresária resolve investir na compra de equipamentos mais modernos; logo depois, vem a reforma do espaço pela prefeitura. Mas, ainda é preciso uma nova postura, em que os moradores entendam a rádio como um veículo que possa esclarecer e informar. Para isso, todos precisam se lembrar da rádio na hora de dar as informações. Essa era a grande reclamação do Sr. Chico. E essa mudança deve começar pela própria diretoria da Associação de Moradores, no sentido de valorizar mais o veículo, utilizá-lo com mais frequência, participando dos programas, fazendo anúncios, levantando discussões. Quem sabe assim iniciaria uma transformação na postura dos moradores da comunidade também, que deixariam de ser apenas ouvintes com participações pontuais e participem mais ativamente da rádio?

Uma nova sede para a rádio pode deixar o local mais atrativo, mas a vontade de comunicar continua sendo o principal diferencial entre o Sr. Chico, que nunca desiste da rádio, e as outras pessoas. E se apropriar da rádio é muito mais do que simplesmente apresentar um programa. Percebemos isso na experiência do programa evangélico: as mulheres conseguiram se fortalecer para fazer o programa, mas pouco se interessavam nas conquistas de melhorias para a própria rádio. Pareciam estar apenas pedindo emprestado um veículo que elas deveriam enxergar como sendo delas e da própria comunidade.

Mas a partir da reforma e aquisição de novos equipamentos, surge a necessidade de investimentos de outras instituições, como a universidade, que pode oferecer oficinas e ajudar no desafio da renovação dos apresentadores e participantes. Nesse contexto de mudanças na comunidade, com novos projetos, apoio, o futuro da rádio passou a ter mais esperança, ainda sem uma definição quanto a isso, mas com expectativas que crescem e fazem refletir sobre o mesmo desafio da participação. E a rádio poste da Quadra continua persistindo e sobrevivendo, assim como a própria comunidade que permanece batendo na porta, na janela, a aperrear a Aldeota.

## REFERÊNCIAS

- ARKETTE, Sophie. 'Sounds like city'. **Theory, Culture & Society**. 21 (1), p. 159-168. Sage publications: 2004. Disponível em: < <http://tcs.sagepub.com/content/21/1/159.abstract> >. Acesso em: 25 fev. 2016.
- BORDENAVE, Juan E. Diaz. **O que é participação?** São Paulo: Brasiliense, 1983.
- BRAGA, Robson da Silva. "**Eu era feio, agora tenho carro**": encenações e práticas de consumo em clubes de forró de Fortaleza. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2015. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/109704/000951528.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 21 fev. 2016.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa participante**. 8. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2006.
- \_\_\_\_\_. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.
- BULL, Michael. 'No Dead Air! The iPod and the culture of mobile listening'. *LeisureStudies*, 2005. 24 (4), p. 343-355. Disponível em: <<http://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/0261436052000330447>>. Acesso em: 25 fev. 2016.
- CERTAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- COGO, Denise. **No ar... Uma Rádio Comunitária**. São Paulo: Paulinas, 1998.
- DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo, sociedade e cultura no início da França moderna**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- DEMO, Pedro. **Pesquisa participante: saber pensar e intervir juntos**. Brasília: LiberLivro, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Participação é conquista: noções de política social participativa**. Fortaleza: Edições UFC, 1986.
- DIÓGENES, Glória. Entre cidades materiais e digitais: Esboços de uma etnografia dos fluxos da arte urbana em Lisboa. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 46, n. 1, jan/jun, 2015, p. 43-67. Disponível em: <[http://www.rcs.ufc.br/edicoes/v46n1/rcs\\_v46n1a2.pdf](http://www.rcs.ufc.br/edicoes/v46n1/rcs_v46n1a2.pdf)>. Acesso em: 06 mar. 2016.
- EZPELETA, J. e ROCKWELL, E. **Pesquisa participante**. 2.ed. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1989.
- FREHSE, Fraya. Usos da rua. In: FORTUNA, C.; LEITE, R. P. (Orgs.). **Plural de cidade: novos léxicos urbanos**. Coimbra: Almedina, 2009.
- GORCZEVSKI, Deisimer. **Micropolíticas da juventude e visibilidades transversais: in(ter)venções audiovisuais na Restinga, em Porto Alegre**. 352f. Tese (Doutorado em Ciências

da Comunicação). Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2007. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

KAPLÚN, Mário. **El comunicador popular**. Quito: CIESPAL, 1985.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanesia**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MARTÍN-BARBERO, Jesus; MUÑOZ, Sonia. **Televisión y melodrama: géneros y lecturas de la telenovela en Colombia**. Bogotá: Tercer Mundo, 1992.

MEDRADO, Andrea Meyer Landulpho. Community and Communion Radio: listening to evangelical programmes in a brazilian favela. **Communication, Culture & Critique**, 2013. v. 6, p. 396-414. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/cccr.12018/abstract>> . Acesso em: 25 fev. 2016.

\_\_\_\_\_. Sound Salad: the soundscapes of a brazilian favela. In: VALENÇA, Marcio Moraes; CRAVIDÃO, Fernanda; FERNANDES, José Alberto Rio (Org.). **Urban developments in Brazil and Portugal**. 1.ed: Nova Science, 2012, p. 193-211.

\_\_\_\_\_. **The waves of the hills: community and radio in the everyday life of a brazilian favela**. (PhD thesis). University of Westminster, 2010. Disponível em: <<http://westminsterresearch.wmin.ac.uk/8944/>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

MORLEY, David. **Televisión: audiências y estúdios culturales**. Buenos Aires: Amorrortu, 1996.

NUNES, Márcia Vidal. As rádios comunitárias nas campanhas eleitorais: exercício da cidadania ou instrumentalização (1998-2000). **Sociol. Polít.**, Curitiba, 22, p.59-76, jun. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n22/n22a06.pdf>>. Acesso em: 31 ago. 2013.

\_\_\_\_\_. **Rádio, cidadania e campanhas eleitorais (1998-2008)**. 2010. Rio de Janeiro: e-papers.

OLIVEIRA, Catarina Tereza Farias de. **Escuta sonora: recepção e cultura popular nas ondas das rádios comunitárias**. Campinas. Tese (Doutorado em Educação). 2002. Universidade Estadual de Campinas.

OOSTERBAAN, Martijn. **'Sonic Supremacy: Sound, Space and Charisma in a Favela in Rio de Janeiro'**. Critique of Anthropology March. Sage publications: 2009 29: 81-104. Disponível em: <<http://coa.sagepub.com/content/29/1/81>>. Acesso em: 25 fev. 2016.

PAIVA, Raquel. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. 2.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: MAUAD, 2003.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PERUZZO, Maria Cicilia Krohling. **Comunicação nos movimentos populares**. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. **Televisão comunitária: dimensão pública e participação cidadã na mídia local**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

\_\_\_\_\_. Participação nas rádios comunitárias no Brasil. *In: XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 1998. Recife. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/peruzzo-cicilia-radio-comunitaria-br.pdf>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

\_\_\_\_\_. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa “Comunicação para Cidadania” *In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, 6 a 9 set. 2006, Brasília-DF. **Anais...** Brasília: Intercom, 2006.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Lisboa: Orfeu Negro, 2010.

SCHAFER, R. Murray. **A afinação do mundo: uma exploração pioneira pela história passada e pelo atual estado do mais negligenciado aspecto do nosso ambiente: a paisagem sonora**; tradução, Marisa Trench Fonterrada. São Paulo: Unesp, 2011.

SILVA, José Borzachiello. **Os incomodados não se retiram: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza**. Fortaleza: Multigraf Editora, 1992.

SILVA e SILVA, Maria Ozanira da. **Refletindo a pesquisa participante no Brasil e na América Latina**. São Paulo: Cortez Editora, 1986.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 6.ed. São Paulo: Cortez, 1994.

TORO, José Bernardo; WERNECK, Nísia Maria Duarte. **Mobilização social: um modelo de construir a democracia e a participação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

## **ANEXO – ROTEIRO DA APRESENTAÇÃO DO ANIVERSÁRIO**

### *ROTEIRO de 20 anos do Programa “Recordar é Viver”*

**MARI: Boa noite a todos os presentes. Vamos começar agora a comemoração dos 20 anos do Programa “Recordar é Viver” da rádio Centro de Comunicação Alternativa na nossa Quadra.**

EMERSON: Mariana, você sabe como o programa começou? Há 20 anos atrás.

**MARI: Não, Emerson. Porque eu ainda nem era nascida. Mas, desde que eu me entendo por gente, meu avô está aqui nessa rádio. Desde pequena mesmo que eu venho por aqui.**

EMERSON: Realmente, Mariana, o seu avô é a cara dessa rádio. “Sr. Chico Cambista é a rádio, e a rádio é Sr. Chico Cambista”. Você poderia então apresentar seu avô para as pessoas aqui. Todos conhecem, mas é sempre bom recordar, né?!

**MARI: É sim, Emerson. Até porque, “Recordar é viver”!!! Meu avô nasceu em 1947, em Russas, ele é o 4º de sete irmãos. Desde pequeno ele gosta de brincar de rádio. A gente estava conversando, meia noite, quando a gente se encontrava, porque eu chego tarde, e ele estava me contando que desde pequeno ele gostava de brincar de radialista e ele sempre gostava de se destacar dos amigos dele. Em 10 outubro de 1968, ele chegou à Quadra, na época ainda das casas desorganizadas, bem diferente do que é hoje. E seus primeiros amigos foram D. Ica e Adalberto, por intermédio do irmão Abel, e que continuam até os dias de hoje.**

EMERSON: Legal, Mariana. E você sabe como começou a rádio aqui na comunidade? Eu sei!!! Porque fiz as gravações do documentário que vocês vão já assistir com os depoimentos de muitos moradores aqui da comunidade. A rádio surgiu em 1993, dois anos antes do Sr. Chico começar o programa. Foi criada por um grupo de jovens, na época, chamado GAC – Grupo de Apoio Comunitário.

**MARI: E quem eram esses jovens?**

EMERSON: Bom, o grupo era grande, mas sabemos que entre os membros estavam: Zequinha, José Alberto Alves, Normando Rodrigues, André Gomes e Marcos Antônio “Gojoba”... Até o meu pai participou da rádio também! Eles criaram a rádio para melhorar a comunicação entre a associação e os moradores.

**MARI: Nossa! Que legal! E a rádio continua até hoje, né? E como será que eles conseguiram montar a rádio?**

EMERSON: Ah! Eles arrecadaram dinheiro com festas, quermesses e desfiles e algumas vezes os próprios participantes davam dinheiro para conseguir comprar os primeiros equipamentos e funcionar a rádio.

**MARI: E quais eram os programas da época?**

EMERSON: Ah! Eram vários! Normando apresentou um programa sobre esporte, chamado “Bola na Rede”; Sandra Monteiro chegou a apresentar um programa sobre saúde da mulher ; o Alberto apresentava um programa de músicas românticas, aos domingos pela manhã, que tinha até um momento para os recadinhos do coração!

**MARI: Hummm... que romântico!!!**

EMERSON: É, mas nem tudo foram flores. Os jovens se empolgaram tanto com a rádio, eram tantos programas, que a comunidade começou a reclamar do barulho. Aí o Zequinha ajudou a organizar uma grade de programação. Ah! E foi ele também que fez as caixinhas de som que estão até hoje aqui na comunidade!! Você acredita?

**MARI: Nossa! Essa rádio é muito resistente. São 22 anos aqui na comunidade, tem mais tempo de vida do que eu! Ha ha ha**

EMERSON: É sim, e nesse tempo, Sr. Chico leva o programa “Recordar é Viver” todos os domingos, há 20 anos, ao ar! Isso sim que é resistência!!!

**MARI: Mas vamos deixar de falatório e vamos ver e escutar o que essas pessoas têm a contar sobre a história da rádio e do programa “Recordar é Viver”?**

EMERSON: Vamos sim, Mariana!!! O vídeo foi filmado e editado por mim, Emerson, filho do Chiquinho, com ajuda da Milena, jornalista que está fazendo uma pesquisa de mestrado na rádio. A ideia partiu do Sr. Chico, que queria que a gente gravasse os depoimentos das pessoas que foram importantes para a rádio. E o vídeo ficou muito legal, viu?!!! Esperamos que vocês gostem!!!

**MARI: Bora, Emerson!! Já estou doida para ver!!!**

EMERSON: Vamos lá!

*(entra o vídeo)*

*(voltam os locutores)*

MARI: E aí, gente, vocês gostaram do vídeo? Bom, agora vamos chamar algumas pessoas para falar aqui sobre os 20 anos do Programa “Recordar é Viver” e da rádio.

EMERSON: *(CONVIDADO 1)*

*(convidado fala)*

MARI: Vem agora *(CONVIDADO 2)*

*(convidado fala)*

*(os outros convidados falam)*

EMERSON: Agora, chegou a hora do Sr. Chico falar. Sabemos que a emoção é grande, mas venha aqui Sr. Chico!! O microfone é seu!

*(Sr. Chico fala).*

[...]

**FINAL:**

**MARI: Nós agradecemos a presença de todos vocês que deixaram a festa ainda mais bonita.**

EMERSON: Aproveitamos também para agradecer os moradores que participaram do vídeo e os comerciantes que ajudaram a fazer essa festa.

**MARI: É sim! Sem os patrocinadores, essa festa não teria acontecido. E eles também são muito importantes para a manutenção da rádio. Agradecemos ao....(Agradecimento aos patrocinadores)**

EMERSON: Desejamos uma boa noite a todos e parabenizamos o Sr. Chico pelos 20 anos do programa e desejamos muitos anos de vida para que ele continue a se apresentar todos os dias na rádio!

**MARI: Ah! Espera aí! Todo aniversário tem que ter bolo, né gente? Então vamos cantar os PARABÉNS para o programa “Recordar é viver”!! (Palmas)**

EMERSON: Chamamos todos para se aproximarem da mesa.

**FIM**